INTRODUÇÃO
ao Mundo do

Direito

CÍNTIA BRUNELLI

Licensed to Josue Jair de Souza Santana - josuekaic@gmail.com - 065.342.325-02

Dedico este livro a todos que querem aprender o Direito para fazer a diferença no mundo. Juntos, vamos muito mais longe.

Licensed to Josue Jair de Souza Santana - iosuekaic@gmail.com - 065.342.325-02

SOBRE A AUTORA

Olá! Que bom te encontrar por aqui. Meu nome é **Cíntia Brunelli.** Sou geminiana, catarinense, amo café e definitivamente acho que inverno é vida. Minha cor preferida é azul. Adoro comida italiana *(porca pipa!)* e, quando estou muito animada, gosto de cantar (azar dos vizinhos).

Sou um pouco como você. Eu queria muito entender o universo das leis, mas a verdade é que eu me sentia bastante indefesa diante da vida. Então eu fiz algo que mudou totalmente a minha vida. Eu decidi estudar **Direito**.

O simples fato de ter entrado no **curso de Direito** foi o que mudou minha vida?

Não.

Você provavelmente conhece a história de pessoas que se formaram em Direito e não tiveram uma transformação expressiva.

Já vi alunos que pegaram o diploma da faculdade, mas aprenderam tão pouco que hoje não são capazes sequer de conseguir ajudar a própria família a resolver os seus problemas jurídicos.

Como eu demorei para entrar no curso e sabia que iria me formar com **30 anos**, eu decidi que ia estudar o

Licensed to Josue Jair de Souza Santana - josuekaic@gmail.com - 065.342.325-02

máximo que eu pudesse. E assim eu fiz. Eu me dediquei e me comprometi em dar o meu melhor, e, como resultado disso, me formei com **média final 9,5**.

Antes de terminar a faculdade, eu já havia passado no **Exame da Ordem** e em **dois concursos públicos** (técnico judiciário do TJ/SC e do TRF-4).

Mas, mais do que isso, eu **me apaixonei pelo Direito** e vi como ele é capaz de transformar a trajetória das pessoas. Quem entende as leis está **mais seguro** diante dos problemas da vida.

Em razão disso, eu senti que precisava contribuir para o próximo e decidi que tinha que fazer algo a respeito. Eu me sentia tão privilegiada por entender o mundo jurídico que parecia absurdo que os outros não tivessem esse mesmo conhecimento.

Então, logo que terminei a faculdade, comecei a postar vídeos no **Youtube**, porque eu queria que todo mundo soubesse aquilo que eu tive a oportunidade de aprender **(youtube.com/jusjuridiques)**.

Anos depois, criei um perfil no **Instagram** para fazer montagens e textos sobre temas de Direito, técnicas de estudo e pitadas de humor **(instagram.com/me.julga).**

Recentemente, iniciei um canal no **Telegram**, com áudios e conteúdos exclusivos **(http://t.me/cintiabrunelli).**

Licensed to Josue Jair de Souza Santana - josuekaic@gmail.com - 065.342.325-02

Todavia, senti que seria necessário algo mais sistematizado para que você pudesse entender, de fato, o Direito, da forma mais eficiente possível. **Foi a partir dessa ideia que surgiu o livro *Introdução ao Mundo do Direito***.

Agradeço, do fundo do coração, a confiança que você teve em mim.

De minha parte, posso dizer que vou fazer o máximo para te ajudar a **começar a compreender o Direito**, para que ele possa revolucionar sua vida da mesma forma como transformou a minha.

Licensed to Josue Jair de Souza Santana - iosuekaic@gmail.com - 065.342.325-02

O que esperar deste livro?

Nada menos do que **6 meses de graduação**, condensados em **um único livro:** este é o objetivo de Introdução ao Mundo do Direito. Parece uma **meta ousada**, mas acredite: eu demorei bem mais de 6 meses para aprender o que está em alguns capítulos deste livro!

O fato é que há muito para aprender quando o assunto é Direito e, através desta leitura, você vai ter uma quantidade considerável de conhecimento.

Os primeiros capítulos são voltados a quem **ainda não tem nenhum contato com o Direito**. Ele responde a algumas dúvidas comuns de quem não faz parte do universo jurídico, como: *Por que as pessoas do Direito falam difícil? Por que as leis parecem difíceis de entender? O que significam as expressões mais utilizadas no Direito?*

Também há, neste livro, alguns capítulos para quem está pensando em **entrar na faculdade**. Se este for o seu caso, você vai aprender alguns ***fatos sobre o curso de Direito*** e vai amar ver as ***dicas para iniciantes*** que eu escrevi para você!

Seguindo adiante, você vai compreender quais são os significados do Direito (você vai perceber que essa definição **parece simples,** mas não é tão óbvia assim). Eu

Licensed to Josue Jair de Souza Santana - josuekaic@gmail.com - 065.342.325-02

também vou explicar para você a diferença entre **artigo, caput, parágrafo, inciso, alínea e item**, para fazer a leitura correta das leis.

Este livro também traz pontos super importantes da história do Direito, em capítulos que falam sobre as **Escolas (ou Teorias) do Direito**, como a Escola do Direito Positivo e Escola do Direito Natural. Esse tema nos ajuda a entender os diferentes detalhes do nosso ordenamento jurídico.

Na sequência, você vai conhecer os **Fatores de Mudança do Direito: econômicos, políticos, culturais e religiosos.** Como você sabe, o Direito muda o tempo todo, e minha ideia foi a de trazer alguns dos fatores que influenciam essas alterações.

O contrário também acontece: o direito também condiciona o comportamento da sociedade. As normas podem produzir diversos efeitos sobre o grupo, então, por este motivo, eu escrevi um capítulo acerca dos **Efeitos da Norma sobre a Sociedade.**

Existem outras perguntas que são cruciais a quem está iniciando o estudo do Direito, tais como: qual é a diferença entre um **princípio** e uma **regra**? E quais são as diferenças entre **Direito**, **Moral** e **Ética**? Estas diferenças estão neste livro.

Licensed to Josue Jair de Souza Santana - iosuekaic@gmail.com - 065.342.325-02

Quer saber o que é **lei, jurisprudência, doutrina, costumes, analogia, princípios e equidade?** Está tudo aqui! Você vai conhecer as **fontes e os procedimentos de integração do Direito**.

Você também vai entender o que fazem alguns dos principais **profissionais do meio jurídico:** juiz, promotor, delegado de polícia, defensor público, procurador de órgãos públicos, advogado, analista e técnico. Além disso, existem alguns concursos que exigem um período de **atividade** ou **prática jurídica** por parte do candidato, razão pela qual eu decidi escrever um capítulo sobre esse tema.

Este ebook também traz os fundamentos para você começar a entender o **Processo Civil:** eu explico o que são petição inicial, contestação, réplica e muitos outros termos utilizados nos processos.

Em seguida, eu também abordo os atos cabíveis ao **juiz**, especialmente despachos, decisões interlocutórias e sentenças, e falo também sobre os acórdãos produzidos pelos **tribunais**.

Seguindo adiante, o livro traz qual é a diferença entre **Executivo**, **Legislativo** e **Judiciário,** para você entender o que é mais importante sobre os **Três Poderes** e saber o que cada um deles faz.

Devido à grande importância do **Poder Judiciário**, eu optei por trazer um capítulo inteiro aprofundando este

Licensed to Josue Jair de Souza Santana - iosuekaic@gmail.com - 065.342.325-02

poder, para que você entenda como ele se subdivide. Você vai conhecer os **ramos do Poder Judiciário:** Justiça Federal, Justiça do Trabalho, Justiça Eleitoral, Justiça Militar e Justiça Estadual.

Por fim, eu trouxe os principais tópicos sobre os **Tribunais de 2ª e 3ª Instância** e você vai ficar ciente sobre a função de cada um deles.

Eu escrevi este livro pensando em quem está literalmente começando do **zero absoluto**. Se esse não for o seu caso, você pode utilizar o meu livro para **relembrar as disciplinas iniciais.** Pode parecer bobo, mas muita gente se forma em Direito sem saber a diferença entre parágrafo e inciso, ou entre normas e regras, ou entre Justiça Estadual e Justiça Federal... e tudo isso (e muito mais) está no meu ebook!

Gratidão por ter adquirido meu livro! Espero, de coração, que você goste e que ele te ajude a compreender de forma mais fácil o **universo jurídico** *(que seria tão importante que todos soubessem).*

No próximo capítulo, vou te ensinar **a melhor forma** para extrair o máximo de conhecimento e aprender Direito **muito mais rápido.** É um conteúdo valioso, mas que a maioria dos estudantes de Direito desconhece. Aproveite!

Licensed to Josue Jair de Souza Santana - iosuekaic@gmail.com - 065.342.325-02

Devagar e sempre: o jeito certo de começar

Tenho certeza de que você está louco para **saber tudo de Direito** o quanto antes. Eu sei como é isso. Quando comecei a estudar Direito, eu também queria aprender **o mais rápido possível.**

Parece **contraditório**, mas o que eu preciso te dizer nesse momento é: **calma!**

Antes de começar a explicar o Direito, quero contar algo que você precisa saber para que sua **aprendizagem** aconteça mais fácil.

Nesse primeiro capítulo, vou te ensinar algo **valioso**, que a maioria dos estudantes de Direito não sabe: vou ensinar o **passo a passo** para aprender qualquer assunto da forma mais eficiente.

O que fazer quando você não sabe **nada ou quase nada** de alguma disciplina? Como começar um estudo do **zero**?

O primeiro passo é buscar em primeiro lugar saber o **básico**. É ter uma **ideia geral.**

Quando você está aprendendo a cozinhar, uma das primeiras receitas que você aprende é a de cozinhar **arroz**. Super simples, não é mesmo? Dificilmente alguém vai

Licensed to Josue Jair de Souza Santana - iosuekaic@gmail.com - 065.342.325-02

aprender a preparar uma receita **difícil e sofisticada** sem saber ao menos cozinhar arroz.

Nos estudos, acontece algo semelhante.

Podemos pensar no conhecimento como uma **árvore**, que tem raiz, tronco, galhos e folhas. Quem consegue aprender bem e raciocinar com clareza é quem começa pelas **raízes**. Aprende a **base** e só depois vai para os detalhes.

Uma pessoa que **não tem um conhecimento** e já quer direto ter um conhecimento **profundo** é aquela que quer ir direto pras **folhas**.

E aí o que ela vai **tentar** fazer?

Procurar atalhos. **Decorar**.

Só que você consegue **decorar tudo** de Direito?

Não! De jeito nenhum.

Querer ter um conhecimento profundo **sem saber a base** é mais ou menos como querer fazer uma receita de **risoto super sofisticado**, com 17 ingredientes diferentes... sem nunca antes na vida ter cozinhado **arroz**! Dificilmente vai dar certo.

Alguém que está entrando no mundo do **Direito** deve querer aprender primeiro a **base**. As ideias gerais. De

Licensed to Josue Jair de Souza Santana - iosuekaic@gmail.com - 065.342.325-02

uma forma simples, clara, didática e resumida.

O ideal é que primeiro você tenha uma noção do **esqueleto** de cada assunto.

Esse é o propósito deste livro.

Meu objetivo é o de fazer com que você **aprenda de verdade o Direito**, e, para isso, você vai precisar compreender o **básico**. Ter uma noção inicial. Entender qual é a raiz. Aprender a *"fazer o arroz"* das disciplinas jurídicas.

O passo a passo é o seguinte: em primeiro lugar, você vai entrar em contato com os assuntos de uma forma **resumida**.

Você **não** vai começar a estudar um assunto que você não sabe nada usando um livro super minucioso, aprofundado e cheio de detalhes. **Ele só vai te confundir.**

Por este motivo, eu preferi elaborar um livro de **noções gerais**, porque acredito, **do fundo do coração**, que essa é a forma mais **inteligente e estratégica** para você compreender o Direito.

É melhor que você estude os assuntos de um jeito **simplificado**, para poder fazer isso com **qualidade,** o que significa que você vai **entender bem** o que está sendo estudado.

Licensed to Josue Jair de Souza Santana - josuekaic@gmail.com - 065.342.325-02

Este livro é um excelente caminho, pois foi escrito da forma mais **didática e simples** possível. O objetivo é o de te ensinar **o mais importante**, de uma forma sintetizada, simples e compacta.

Se você está partindo do zero, você não precisa e nem deve assistir a aulas voltadas ao ***Concurso da Magistratura***, ou ler livros que tenham tanto grau de aprofundamento.

Nesse momento, talvez você me diga: "***eu estou começando do zero, mas eu tenho o sonho de ser juiz. Nesse caso, eu posso ver aulas ou ler livros mais aprofundados?".***

Eu não recomendo.

Um **erro comum** dos estudantes é o de querer se aprofundar demais em determinados assuntos, sem antes ter compreendido a raiz.

Não adianta nada você ler 500 páginas de um livro super **aprofundado** se você não captou ainda os **fundamentos** por trás daquele assunto. É como se você estivesse tentando pegar um monte de folhas aleatórias da árvore do conhecimento...

O mesmo vale para o **linguajar** utilizado para aprender. Se você partir do zero e precisar ler termos como "***outrossim", "malgrado", "defeso" e "prescinde",*** talvez

Licensed to Josue Jair de Souza Santana - josuekaic@gmail.com - 065.342.325-02

acabe desanimando por não conseguir compreender facilmente o conteúdo do que está sendo dito.

Quando você era um bebê e **engatinhava**, você não saiu em seguida **correndo**. Não queira pular as etapas. Comece a **caminhar**.

Valorize aulas e livros **simples**, que vão poder te ajudar **agora**. Depois, quando conseguir compreender as premissas gerais, você vai poder se aprofundar.

Eu acredito que a **simplicidade** é a forma mais eficiente de ensinar o Direito. É por isso que busquei escrever este livro da forma **mais simples possível.** Meu compromisso é com o seu **aprendizado**.

Quero que este livro pareça uma **conversa** que eu teria com você. Quando estiver lendo, **imagine que eu estou em sua frente**, explicando tudo isso com calma e tranquilidade.

Agora que você entendeu a importância de compreender as **noções gerais de Direito**, você está pronto para começar a mergulhar no **universo jurídico**. Sinto uma alegria gigante ao saber que você está comigo. Bora estudar!

Licensed to Josue Jair de Souza Santana - iosuekaic@gmail.com - 065.342.325-02

Sumário

SOBRE A AUTORA.....3
O que esperar deste livro?.....6
Devagar e sempre: o jeito certo de começar.....10
Primeiras impressões sobre o Direito.....18
As expressões mais utilizadas no Direito.....27
Fatos sobre o curso de Direito.....33
Significados do Direito.....40
Técnica Jurídica - Artigo, caput, parágrafo, inciso, alínea e item.....43
Escolas ou Teorias do Direito 47
Escola Jusnaturalista ou Escola do Direito Natural.....48
Escola Teológica.....50
Escola Racionalista ou Contratual.....51
Escola Histórica.....53
Escola Marxista.....54
Escola do Direito Positivo.....55
Qual é a corrente aplicada no direito contemporâneo?.....57
Fatores de Mudança do Direito.....58
Fatores Econômicos.....59
Fatores Políticos.....60
Fatores Culturais.....61

Licensed to Josue Jair de Souza Santana - josuekaic@gmail.com - 065.342.325-02

Fatores Religiosos.....63
O que mais?.....64
Efeitos da Norma sobre a Sociedade.....66
Efeitos Positivos da Norma.....66
Efeito de controle social.....66
Efeito conservador.....69
Efeito transformador da norma.....69
Efeitos Negativos da Norma.....70
Lei ineficaz.....71
Omissão da autoridade em aplicar a lei.....72
Ausência de estrutura adequada à aplicação da lei. 74
Princípios e Regras.....77
Direito, Moral e Ética.....80
Fontes do Direito 86
Costumes.....87
Jurisprudência.....92
Lei.....97
Doutrina.....99
Procedimentos de integração das leis.....102
Analogia.....104
Costumes.....105
Princípios gerais de direito.....106
Equidade.....108
O que faz cada profissional do Direito? 110
Juiz.....111
Promotor.....114
Delegado de Polícia.....117
Defensor Público.....119

Licensed to Josue Jair de Souza Santana - josuekaic@gmail.com - 065.342.325-02

Procurador de Órgãos Públicos..... *122*
Advogado..... *126*
Técnico e Analista..... *128*
Atividade jurídica para concursos.....131
A Petição Inicial e o início do processo.....146
Quais são os principais atos dos juízes no processo?.....155
Os três poderes: Executivo, Legislativo e Judiciário 161
Poder Legislativo..... *162*
Poder Executivo..... *164*
Poder Judiciário..... *167*
Poder Judiciário 170
Justiça do Trabalho..... *171*
Justiça Eleitoral..... *173*
Justiça Militar..... *175*
Justiça Federal..... *177*
Justiça Estadual..... *180*
Tribunais de 2ª instância e Tribunais Superiores 183
Conclusão.....194

Licensed to Josue Jair de Souza Santana - josuekaic@gmail.com - 065.342.325-02

Primeiras impressões sobre o Direito

A pergunta que não quer calar: ***por que as pessoas do Direito falam tão difícil?***

Antes de entrar no Direito, eu tinha a teoria de que no meio jurídico as pessoas buscam "***complicar"*** a linguagem como meio de dificultar o acesso do cidadão à justiça. Eu pensava assim: "***o linguajar jurídico é rebuscado para impedir que pessoas comuns possam fazer valer os seus direitos".***

Hoje eu já vejo que o motivo, na verdade, é **muito mais simples do que isso**.

Em primeiro lugar, toda área tem o seu ***linguajar técnico.***

Se você for ler um artigo da **área médica**, por exemplo, vai ver dezenas de palavras que você não faz a **menor ideia** do que significam. Da mesma forma, o Direito também tem os seus termos técnicos.

Talvez você me pergunte: "*ah, mas não teria como simplificar, para todo mundo entender?"*

Nem sempre é possível. Por exemplo: se o juiz escrever no processo as palavras "***litisconsórcio" e "litisconsorte"***, quem nunca estudou Processo Civil vai dizer: "*Que??? Litisconsorte é a senhora sua mãe!"*

Licensed to Josue Jair de Souza Santana - josuekaic@gmail.com - 065.342.325-02

> *O litisconsórcio é a pluralidade de partes em um polo. Quando temos mais de um autor ou mais de um réu, temos um litisconsórcio.*

Quem é do meio jurídico, sabe disso. Não é necessário colocar uma explicação do que significa litisconsórcio.

Além disso, existem também palavras que são utilizadas no Direito com um significado diferente do que aquele que é conhecido pela maioria das pessoas.

Exemplo disso é a palavra **COMPETÊNCIA**. Dentro do Direito, competência significa **atribuição.** É aquilo que aquela pessoa ou aquele órgão pode fazer.

Se algo foge dessa atribuição, a gente diz que a pessoa é **incompetente**, porque ela não tem essa competência.

A **Constituição Federal** traz diversas regras de competência.

Por exemplo: você não vai entrar com uma ação trabalhista na justiça eleitoral, porque ela não é competente para julgar processos envolvendo relações de trabalho.

Uma decisão judicial traz esses termos técnicos porque ela é escrita para um **público específico**, que são pessoas formadas em **Direito**.

Parte-se do princípio de que o advogado vai explicar os acontecimentos do processo para o seu cliente.

Licensed to Josue Jair de Souza Santana - josuekaic@gmail.com - 065.342.325-02

> *Na prática, sabemos que nem sempre acontece. Como boa parte das ações já tramita pelo meio eletrônico, muitas vezes a parte acessa o processo pela internet e acaba ficando cheia de dúvidas sobre o linguajar jurídico. Além disso, há ações em que a parte não tem advogado.*

Geralmente quem é do meio jurídico se acostuma a **ler e escrever muito** e isso amplia o vocabulário, o que se reflete nos textos das petições ou das decisões.

Quando você se dá conta, já está escrevendo "***EM QUE PESE", "NÃO OBSTANTE", "OUTROSSIM", "MALGRADO", "DEFESO", "PRESCINDE"*** e muitas outras palavras e expressões que fogem do cotidiano da maioria das pessoas.

A escrita também deve seguir um **padrão culto**, com a observância das normas gramaticais, o que acaba se distanciando do dia a dia de muitos que estão acostumadas a só ler "***textão do Facebook"***.

O fato é que cada artigo deve ser **muito bem estruturado** e, para isso, ele deve ser escrito **da forma mais clara, objetiva e impessoal possível.** Ele não pode ter duplos sentidos ou contradições.

Para isso, ele deve ser bem **direto e conciso**, e é por esse motivo que muitas vezes se torna tão difícil ler uma lei quando você não está acostumado, porque é um texto "**seco".**

Mas ele é escrito dessa forma justamente para que seja bas-

Licensed to Josue Jair de Souza Santana - josuekaic@gmail.com - 065.342.325-02

tante **direto**. Afinal, uma lei vai ter muitas coisas a dizer, então o ideal é que ela seja extremamente **clara**, e uma das formas de se conseguir isso é fazendo frases que sejam **concisas**.

No dia a dia, nós não estamos habituados a esse linguajar, pois é uma linguagem **técnica**. **Mas acredite:** depois de um tempo lendo as leis, você acaba se acostumando e passa a achar esse jeito de escrever algo **super normal.**

O artigo deve ser muito bem estruturado para que ele **não fique se repetindo** ou mesmo fazendo **floreios desnecessários**.

Cada artigo deve tratar apenas de **um assunto** e ele não pode ser uma **mistureba** de coisas, senão corre o risco de se tornar **confuso**.

Há um ditado jurídico que diz que ***a lei não contém palavras inúteis***, porque cada frase é meticulosamente pensada.

Por exemplo: o Art. 70 do Código Civil diz que "*O domicílio da pessoa natural é o lugar onde ela estabelece a sua residência com ânimo definitivo*".

Quem ainda **não** estudou essa matéria pensa **duas coisas:**

Primeiro: "***pessoa natural?*** *Por acaso existe uma pessoa artificial?*"

Segundo: "*é óbvio que o domicílio é onde a pessoa tem residência! Isso é um* ***pleonasmo***".

Licensed to Josue Jair de Souza Santana - josuekaic@gmail.com - 065.342.325-02

> *Para quem já esqueceu: pleonasmo é uma repetição desnecessária, como "subir para cima", "descer para baixo", "entrar para dentro", "hemorragia de sangue", "estudante surtado"... ops, brincadeirinha! Você achou que ia sair da escola e não ia nunca mais ouvir falar em pleonasmo? Eu estou aqui para ressuscitar essa adorável figura de linguagem dos confins empoeirados do cemitério da sua memória. Como diriam Sandy e Junior: "o que é imortal não morre no final".*

Vamos por partes. Em primeiro lugar, quando a lei fala em "**pessoa natural"**, ela está se referindo a nós, **seres humanos**, porque existem também as **pessoas jurídicas.**

Em segundo lugar, para o Direito, **domicílio e residência não são sinônimos**.

O **domicílio** é como se chama o lugar em que a pessoa tem o seu centro de atividades, onde ela faz seus negócios e responde por suas obrigações.

É possível que uma pessoa tenha **residência** em um lugar, mas essa residência não seja considerada o seu **domicílio**.

Por exemplo: imagine que você more em um apartamento em **São Paulo**, mas tenha também uma casa em **Florianópolis**. Contudo, você não mora em Florianópolis e mantém a casa **fechada**. Essa casa pode ser considerada sua residência, mas não o seu domicílio.

Licensed to Josue Jair de Souza Santana - josuekaic@gmail.com - 065.342.325-02

Quando você se deparar com um artigo que pareça um pleonasmo, dê uma pesquisada a seu respeito, porque talvez ele tenha um significado mais profundo do que você imagina... **Porque a lei não contém palavras inúteis.**

Existe atualmente uma tendência a buscar **evitar que o texto fique rebuscado demais**. Afinal, o excesso de formalismo faz com que a escrita se torne cansativa, maçante, enfadonha... e um verdadeiro pé no saco até para quem é do meio jurídico!

Por exemplo: algumas expressões em Latim são usadas de forma desnecessária, como ***DATA VENIA***.

> DATA VENIA significa "*com o devido respeito*" e é utilizado quando você vai discordar ou contrariar a opinião de alguém.

Cá entre nós: qual é a necessidade de escrever ***DATA VENIA*** numa petição ou numa decisão?

Nenhuma! Só a de irritar o leitor.

Data vênia aos que escrevem "***data venia***", mas essa é uma expressãozinha muito cafona!

Por outro lado, existem algumas expressões em latim que são utilizadas até hoje porque são **termos técnicos**, como ***EX TUNC, EX NUNC, ERGA OMNES, BIS IN IDEM...*** Nesses casos, não tem jeito: tem que saber um pouquinho de latim.

Talvez você me diga: "***Mas Cintia, eu acho um absurdo usar***

Licensed to Josue Jair de Souza Santana - josuekaic@gmail.com - 065.342.325-02

palavras estrangeiras! Eu quero utilizar somente palavras em português".

Você está certíssimo em priorizar o ***vernáculo*** (nossa língua). Porém, existem situações em que não vai dar para fugir do latim.

Existem expressões do Direito que **não têm versão em português**. Por exemplo: ***habeas corpus***. Como você vai impetrar um *habeas corpus* sem usar a expressão *habeas corpus*? Não dá! O termo é esse e ponto final.

Além disso, se você for estudante de Direito, saiba que o **Exame da OAB** e os **concursos públicos** cobram o conhecimento de certas palavras e frases em latim e, se você não souber, pode acabar errando as questões.

A análise que eu pessoalmente faço é que ainda que o jurista não utilize termos técnicos e nem expressões em latim, mesmo assim o texto jurídico vai ser de **difícil compreensão pela maioria das pessoas.**

Porque infelizmente a realidade é que boa parte da nossa sociedade não está habituada a ler textos escritos no padrão culto da linguagem.

Convenhamos: uma decisão judicial tem um certo formalismo. Ela não pode ser escrita da mesma forma como a gente escreve no Facebook, Instagram, Twitter ou Whatsapp.

O importante então é que, quando a parte aparecer no balcão

Licensed to Josue Jair de Souza Santana - josuekaic@gmail.com - 065.342.325-02

da Vara, pedindo informação, ou no escritório de advocacia, buscando atendimento, **que os profissionais do meio jurídico saibam explicar com palavras mais simples aquilo que está acontecendo no processo.**

Nesse momento se deve adaptar a linguagem para que seja **compreensível**.

Lembrei de uma história que aconteceu quando eu estava trabalhando na Justiça Estadual, na Comarca de Lages/SC. Eu trabalhava em uma **Vara Criminal.**

Um belo dia, apareceu no balcão da Vara um senhor buscando atendimento. O estagiário foi perguntar qual era o problema daquele senhor e este explicou que queria conversar com o juiz sobre uma ação.

O senhor entregou ao estagiário uma folha com o número da ação. Checamos no sistema e observamos que o processo dele era da **Vara da Família.** Não tinha nada a ver com crime.

O estagiário que estava atendendo esse senhor era um estudante extremamente inteligente. **Ótimo aluno.** Já estava nos períodos finais do curso de Direito.

Portanto, colocando em prática tudo que aprendeu no curso, o estagiário explicou àquele senhor que não adiantaria conversar com o juiz da Vara Criminal, porque este não teria **competência** para decidir sobre a matéria.

Aquele senhor ouviu o estagiário e disse: "***mas se um juiz não***

Licensed to Josue Jair de Souza Santana - josuekaic@gmail.com - 065.342.325-02

é competente para olhar o meu processo, então quem é?"

Agora que você já sabe o que é competência, deve ter sacado que houve um mal entendido...

Então o estagiário esclareceu que o senhor devia buscar atendimento na Vara da Família, porque lá eles poderiam resolver o seu problema, e não em uma Vara Criminal.

O conceito de ***competência*** já era algo tão corriqueiro para o estagiário que ele esqueceu que a maioria das pessoas não conhece esse significado.

Depois disso, eu fiquei imaginando aquele senhor saindo do fórum e dizendo: "***Hoje eu vi um estagiário chamando o juiz de incompetente. Esse mundo está perdido mesmo".***

No próximo capítulo, vou falar sobre algumas das palavras e expressões mais utilizadas no Direito. Você vai conhecer o significado de palavras que são fundamentais na vida de advogados, juízes, promotores e outros profissionais da área.

Licensed to Josue Jair de Souza Santana - josuekaic@gmail.com - 065.342.325-02

As expressões mais utilizadas no Direito

Hoje vou explicar algumas das expressões mais utilizadas por estudantes e profissionais do Direito, de um jeito simples e fácil de entender.

Minha ideia, com esse capítulo, é a de te auxiliar a compreender de forma mais fácil o restante do livro. Afinal, essas palavras vão aparecer muitas vezes!

Além disso, existe outro motivo para eu ter decidido explicar essas expressões. Eu aprendi todas as palavras deste capítulo no **meu primeiro dia de aula**.

Há alguns meses, ao folhear as anotações do meu primeiro dia de aula, eu me dei conta de como elas eram **dúvidas importantes**. Da mesma forma, penso que podem **fazer a diferença para você.**

A primeira palavra anotada em meu primeiro dia de aula, que é uma das mais importantes para os estudantes e profissionais, é a palavra **Constituição**.

A nossa **Constituição Federal** parece até pequena, se for comparada a algumas leis, como o Código Civil. Enquanto a Constituição tem apenas 250 artigos, o Código Civil tem 2.046.

Mas não se engane: na Constituição está tudo que é mais precioso para a **organização nacional.**

Qual é a diferença entre a Constituição e as leis?

Licensed to Josue Jair de Souza Santana - josuekaic@gmail.com - 065.342.325-02

Podemos dizer que a Constituição é a **norma mais importante do país**. Ela organiza o funcionamento do país e confere diversos direitos e garantias ao povo.

Nenhuma lei pode contrariar a Constituição. Ela está no topo do nosso ordenamento jurídico.

Isso nos leva a outra expressão muito utilizada no Direito: **ordenamento jurídico.**

O que é ordenamento jurídico? É o nosso conjunto de normas, ou o nosso **sistema jurídico**. Dentro de todo o universo de normas que existe no Brasil, que é o nosso ordenamento jurídico, a Constituição é o que há de mais precioso.

Outra palavra que é muito utilizada no Direito é a palavra **petição**, que significa **pedido**.

A petição é um documento escrito por meio do qual uma das **partes** do processo se comunica com o juiz para **pedir alguma coisa.**

Quando o advogado vai entrar com a ação, ele faz uma **petição inicial,** ou seja, ele elabora um texto em que ele explica qual é o problema do seu cliente e pede que o juiz tome uma providência em relação a isso.

Depois, ao longo do processo, o advogado pode ir juntando outras petições, caso seja necessário.

Em outro capítulo, vou falar mais sobre as peças que os advogados escrevem quando estão defendendo um cliente em um

Licensed to Josue Jair de Souza Santana - josuekaic@gmail.com - 065.342.325-02

processo. **Calma!** Tudo vai fazer muito mais sentido.

Agora vamos para a próxima expressão, que é **pleitear em juízo.** O que é isso? O verbo pleitear significa **pedir**. Quando alguém faz um pedido ao juiz, a gente diz que essa pessoa está *pleiteando em juízo*.

Através de uma petição, a parte vai pleitear algo ao Poder Judiciário. Em outras palavras, ela vai dizer: "***Vossa Excelência, meu direito foi lesado, me ajude, HELP!!!"***

Ao longo da ação, o juiz vai ouvir também a **parte contrária**, para ter as duas versões da história.

Ao final, o pedido da parte vai ser julgado **procedente, parcialmente procedente ou improcedente**, o que quer dizer que ele vai ser concedido, mais ou menos concedido ou não concedido.

Você deve ter percebido que eu usei algumas vezes a palavra "**parte".** Quem são as partes do processo?

As partes são as pessoas envolvidas nesse problema que foi levado ao Judiciário. Existe o **autor**, que é quem está pedindo alguma coisa ao juiz, e o **réu**, que é contra quem o pedido foi formulado.

Sempre que as pessoas ouvem a palavra "***réu"***, na hora já pensam que se ele foi processado é porque é culpado... mas não é bem assim!

Em cada processo, o juiz deve analisar a situação para ver se o

Licensed to Josue Jair de Souza Santana - josuekaic@gmail.com - 065.342.325-02

autor tem razão. Cabe ao juiz decidir se o pedido do autor será concedido.

Agora vou falar sobre três palavras extremamente usadas no Direito, que são **Ação, Processo e Autos.** Qual é a diferença entre essas três expressões tão famosas?

Ação é o direito de solicitar uma *prestação jurisdicional*, ou seja, **poder fazer um pedido ao Judiciário**. Em outras palavras, Ação é o direito que você tem de poder **entrar na justiça** para discutir o seu problema.

Podemos dizer que o direito de ação é um direito de **agir**. O que não quer dizer que o seu pedido vai ser concedido, pois ele vai ter que ser analisado pelo juiz.

E o **processo**? O processo é uma **sequência de atos**. Essa sequência deve ser **lógica e ordenada**, para que o problema levado ao juiz possa ser esclarecido.

Por exemplo: o autor entra com a ***petição inicial.*** Aí o réu oferece ***contestação***, em que ele se defende e explica o seu ponto de vista. Depois disso, dependendo do caso, o autor pode ter direito à ***réplica***, para rebater os argumentos do réu. Daí, em algumas situações, o juiz pode pedir que as partes tragam ***mais provas***, ou ele pode marcar uma ***audiência*** para ouvir as partes e suas testemunhas (tudo isso vai depender do caso concreto).

Por fim, o juiz vai fazer uma ***sentença***, em que diz se o pedido do autor é procedente ou não.

Licensed to Josue Jair de Souza Santana - josuekaic@gmail.com - 065.342.325-02

O processo acaba aí? Não necessariamente! Afinal, pode haver ***recurso***.

Mesmo que não haja recurso, pode ser que depois tenha a fase de ***cumprimento de sentença***, para que a parte vencedora possa pedir que a parte vencida cumpra aquilo que foi determinado pelo juiz. Tudo vai depender da situação.

Recapitulando: ação é o direito de pedir que o judiciário se manifeste sobre um problema, enquanto o processo é a sequência de atos utilizados para esclarecer essa situação.

Por fim, temos os **autos**. O que são autos?

Os autos são o **conjunto** das peças, decisões e registros de um processo. Quando você vai ao Fórum e diz que "*quer ver um processo*", na verdade você está vendo os **autos**.

O **processo** é a sequência de atos e os **autos** são a representação física do processo.

Antigamente todos os autos eram **impressos**. Era o que se chamava de "*processo físico*". Agora também existem os **processos digitais**, que são autos eletrônicos que ficam em uma rede e podem ser acessados pela internet.

A tendência é que, com o tempo, todos os processos físicos deixem de existir e o Judiciário passe a utilizar somente os processos eletrônicos.

Por fim, as últimas expressões deste capítulo são **jurista** e **operador do direito**.

Licensed to Josue Jair de Souza Santana - josuekaic@gmail.com - 065.342.325-02

"*Jurista*" e "*operador do direito*" é como se chamam as pessoas do meio jurídico, de uma forma geral. Podem ser advogados, juízes, promotores, delegados, por aí vai.

Há quem defenda que existe diferença entre ser um jurista e ser um operador do direito. O **jurista** seria um pensador, alguém que reflete sobre o Direito, enquanto o **operador do direito** seria simplesmente o profissional do meio jurídico.

Já outras pessoas utilizam essas expressões como sinônimos.

Essas foram as palavras que eu aprendi no meu primeiro dia de aula no curso de Direito, em fevereiro de 2010. Ao longo dos demais capítulos, serão lidas inúmeras vezes.

Se você tem interesse em conhecer outras palavras conhecidas no meio jurídico, minha recomendação é que você conheça o curso **Primeiros Passos no Direito**. Lá você terá a oportunidade de saber o significado de várias expressões do Direito, além de aulas avançadas.

Para conhecer todos os detalhes do **Primeiros Passos no Direito,** visite o site: **www.cintiabrunelli.com.br/direito**

Licensed to Josue Jair de Souza Santana - iosuekaic@gmail.com - 065.342.325-02

Fatos sobre o curso de Direito

Este capítulo é especial a todos que são **calouros** ou estão pensando em entrar na faculdade. Separei **alguns fatos sobre o curso de Direito** e, ao final, você vai descobrir se o mundo das leis é mesmo o seu mundo.

O Direito está em constante transformação, porque ele acompanha as **mudanças da sociedade**. Então um livro que foi feito há alguns anos provavelmente já vai estar desatualizado.

Dependendo da matéria, existem livros que foram feitos há **um ano** e que já estão **ultrapassados**, porque houve mudanças profundas nas leis ao longo do ano.

Isso leva a uma consequência prática: os livros jurídicos são praticamente **descartáveis**.

Acredito que em nenhuma outra área os livros fiquem defasados tão rápido como no Direito.

E o que fazer com os livros antigos?

Eu, por exemplo, tenho livros que comprei em 2010, logo que entrei no curso de Direito. Um livro de 2010 é praticamente um vovô. Uma peça de museu.

Mas eu não joguei meus livros no lixo porque existem algumas partes deles que ainda podem ser utilizadas, como os capítulos que falam sobre **princípios**.

Licensed to Josue Jair de Souza Santana - josuekaic@gmail.com - 065.342.325-02

O Direito muda todo dia e grandes modificações podem surgir nas leis, mas os princípios são o ***grande facho de luz*** que orienta o ordenamento jurídico.

Conhecendo bem os princípios que regem cada matéria, fica muito mais fácil entender os assuntos, pois mesmo que as leis seja modificadas, os princípios permanecem os mesmos.

Além disso, há conteúdos que dificilmente se tornam desatualizados, como aqueles relacionados à parte **filosófica** do Direito.

Uma das disciplinas menos valorizadas pelos alunos na graduação de Direito é a disciplina de **Filosofia do Direito**. O que é um grande erro.

A filosofia é maravilhosa para desenvolver raciocínio dentro do Direito e entender por que certas coisas são do jeito que são, ou como elas não são mas deveriam ser.

O problema é que, infelizmente, os professores das universidades possuem um grande conhecimento, mas nem sempre sabem ensinar o conteúdo da melhor forma.

Sim, eu também passei por isso.

Além da Filosofia do Direito, também é fundamental entender os principais pontos sobre os períodos da **história**, para que você possa perceber a influência de determinados **movimentos e ideologias** dentro do nosso ordenamento jurídico.

Através da história, podemos saber **o que já deu certo e erra-**

Licensed to Josue Jair de Souza Santana - iosuekaic@gmail.com - 065.342.325-02

do no passado, para trazer **reflexões para os dias de hoje**. Conhecendo a história, nós podemos evitar que certos problemas aconteçam novamente.

Muita gente tem "*ideias*" que **parecem inovadoras**, mas, na verdade, **já foram testadas no passado e não deram certo**. Ao estudar história, você entende **por que** isso aconteceu e aí pode pensar em soluções melhores.

O bom jurista é aquele que vai além de meramente *"decorar"* as leis da atualidade, pois entende que é necessário compreender **por que o Direito tornou-se aquilo que é hoje** (e perceber o que deveria ser feito para que o sistema evolua).

Devido a isso tudo, você não precisa (e nem deve) ter tanta pressa para começar a estudar as **leis**. Antes de partir para a leitura das leis e dos códigos, é necessário compreender os ensinamentos da Filosofia e da História do Direito.

Contudo, sabemos que nem todos os estudantes entendem a importância dessas disciplinas. O resultado é que existem alunos que viram verdadeiros **robozinhos jurídicos**, porque só sabem **decorar**, e não conseguem realmente **pensar** o Direito.

Vai mais longe a pessoa que aprende a ter **pensamento crítico**, e isso não é obtido se você somente decora como um **papagaio** aquilo que você vê.

Não é meu objetivo aprofundar nos mínimos detalhes sobre a filosofia e a história do Direito, pois eu precisaria de livros inteiros sobre isso. Mas para você que deseja se aprofundar nes-

Licensed to Josue Jair de Souza Santana - josuekaic@gmail.com - 065.342.325-02

se assunto, minha recomendação é que você conheça o curso **Primeiros Passos no Direito.** No curso eu trago alguns conceitos básicos que são importantíssimos para aguçar o seu senso crítico e passar a enxergar as normas, a política e a justiça de outra forma.

Outro fato sobre o curso de Direito é que **você vai ter que ler muito.** SIM. Quando entrar na faculdade, você vai descobrir que antes você ACHAVA que lia bastante, mas não lia quase nada...

O vocabulário dos livros jurídicos, que nós chamamos de **Doutrinas**, é muito mais rebuscado do que o dos livros em geral. São livros mais **densos**.

Um livro de Direito não é uma leitura fácil como "Harry Potter", "Senhor dos Anéis" ou "50 tons de cinza" (enfim, não sei o que você gosta de ler).

Muita gente entra no Direito se gabando porque acha que vai ser tudo muito tranquilo, porque se considera um grande leitor... e aí entra em **choque** quando começa a ler os livros de Direito e não entende patavina!

A solução, nesse caso, é começar com leituras de Direito que sejam mais **simplificadas**. Procure livros jurídicos que sejam **resumidos** e tenham um linguajar **didático**. Exemplo: sinopses jurídicas.

Deixe os livros mais sofisticados para quando você estiver em um patamar mais avançado em seus estudos.

Licensed to Josue Jair de Souza Santana - josuekaic@gmail.com - 065.342.325-02

Para acelerar o seu processo e aprender o Direito mais rápido, minha sugestão é a de que você faça **debates** do assunto das aulas com seus colegas, para trocar opiniões e informações.

Quando estava na faculdade, eu muitas vezes voltava da aula de **ônibus**, e nesse trajeto eu ia debatendo com os colegas aquilo que a gente tinha visto na aula naquele dia. Era muito proveitoso.

Se a sua turma tem **grupo de Whatsapp**, troquem ideias ali também. Ou convide os colegas que curtem ter papos mais profundos para fazer um grupo só vocês. Afinal, grupo de Whatsapp não serve só para trocar meme e figurinha...

Busque também **sair da sua zona de conforto:** conversar com **pessoas diferentes,** leia livros diferentes, conheça outras culturas e busque contato com quem te traz inspiração.

Cada dia é uma nova oportunidade para você **aprender algo novo**. Mas isso só vai acontecer se você estiver disposto a sair da sua zona de conforto e buscar algo que vá além daquilo que você já conhece.

Aos poucos, você também vai notar que o Direito vai **ampliar a sua visão de mundo**. É comum o aluno começar a perceber que está mudando de opinião sobre certos assuntos, porque está vendo as coisas sob uma ótica que antes não via.

Além disso, ele vai passar a **não acreditar em tudo que lê,** especialmente naquilo que vê no Facebook ou recebe nos grupos do Whatsapp.

Licensed to Josue Jair de Souza Santana - josuekaic@gmail.com - 065.342.325-02

Ele também vai começar a notar que muitas vezes os **jornalistas** da TV e dos sites de notícias **não sabem exatamente o que estão falando**, porque, afinal, a maioria deles não estudou Direito... e saber o Direito faz toda a diferença.

Ou pior: você vai notar que certas matérias são noticiadas de forma a querer **manipular a população!**

E o efeito disso é que, muitas vezes, você vai sentir uma vontade incontrolável de querer falar sobre o Direito com as pessoas ao seu redor, para querer **abrir os olhos** de todos sobre tudo aquilo que você está tendo contato agora.

Resumindo: você provavelmente vai virar um **chato**.

Bem-vindo ao clube! Eu sou uma chata assumida.

Se você entrou no Direito e não virou um chato, você não está fazendo isso do jeito certo. É isso.

> *Nesse momento, talvez você esteja dizendo: "isso não é verdade, eu não sou um chato". É chato sim.* ***Aceita que dói menos.*** *Não tem nada de errado em ser um chato. O pior é ser* ***alienado****: aquela pessoa que acredita em tudo que lê, que vê notícia manipulada e nem desconfia, que compartilha Fake News, e por aí vai. Entre ser chata ou ser alienada, eu prefiro ser chata. Da próxima vez que te chamarem de chato, responda: "****obrigado!****"*

O último fato sobre o curso de Direito que trago neste capítu-

Licensed to Josue Jair de Souza Santana - josuekaic@gmail.com - 065.342.325-02

lo é que você vai aprender a **se defender** diante dos problemas da vida.

Quando você estiver diante de uma situação, você automaticamente vai buscar no seu cérebro qual é a **solução jurídica.** Isso é **libertador**, pois você vai saber o que pode e o que não pode ser feito.

Você também vai poder **ajudar pessoas ao seu redor,** quando elas tiverem problemas.

Tem gente que tem aquela mentalidade do tipo: "*ai, que droga, agora minha família fica tentando tirar dúvidas jurídicas comigo*", mas não vale a pena pensar dessa forma. Nós vivemos em comunidade. **Faz sentido um ajudar o outro.**

Se você pode auxiliar alguém da sua família a resolver um problema, ajude. **A vida é um grande eco.** O que você faz de bom, volta para você depois.

Eu acredito nisso.

E você?

Licensed to Josue Jair de Souza Santana - iosuekaic@gmail.com - 065.342.325-02

Significados do Direito

Afinal, qual é o **significado** do Direito? Essa definição **parece simples,** mas não é tão óbvia assim.

A verdade é que o Direito pode ter muitas **definições** e **significados**. Neste livro e no **Primeiros Passos no Direito**, trago aquilo que considero o mais importante para que você possa desenvolver **raciocínio jurídico.**

Vou começar por essa frase:

> *O Direito é um conjunto de normas de conduta social, imposto coercitivamente pelo Estado, para a realização da segurança, segundo os critérios de justiça.*

Nesta pequena frase, temos diversas informações que você precisa compreender. Vou explicar uma a uma.

"***Conjunto de normas de conduta social":*** aqui encontramos dois elementos importantes, que são "***normas"*** e "***conduta social"***.

As normas definem quais são os procedimentos que devem ser adotados. Quais são os comportamentos permitidos em sociedade? Quais são os limites de liberdade?

As normas impõem **proibições** e traçam uma linha que divide o **lícito** e o **ilícito**. Elas também impõem **obrigações** dentro da

Licensed to Josue Jair de Souza Santana - josuekaic@gmail.com - 065.342.325-02

vida em sociedade.

Também há normas para **estruturar o Estado** e organizar a relação entre as pessoas e os órgãos públicos.

"***Imposto coercitivamente pelo Estado":*** existe um poder de coerção do Estado sobre as pessoas. O indivíduo deve ajustar sua conduta ao que é determinado pelo Estado.

Para poder controlar a vida jurídica do país, o Estado se subdivide em **três poderes:** Legislativo, Executivo e Judiciário, e cada poder deve cumprir determinadas funções. Em outro capítulo, vou falar mais sobre isso.

Podemos observar que apenas as **normas jurídicas** requerem participação do Estado.

Todavia, devo dizer também que o Estado não é o único que cria fontes do Direito. A própria sociedade pode criar normas, como é o caso dos **costumes**.

"***Para a realização da segurança segundo os critérios de justiça":*** o Direito é um instrumento em função do bem-estar da sociedade. O seu objetivo final é a justiça.

Para existir justiça, é necessário que haja **segurança jurídica.** Isso significa que deve haver normas que organizem a sociedade, tragam ordem jurídica e garantam o respeito aos direitos dos cidadãos.

Ainda falando sobre **justiça**, é possível mencionar a frase do jurista romano **Ulpiano**, quando disse que "***a justiça é a cons-***

Licensed to Josue Jair de Souza Santana - josuekaic@gmail.com - 065.342.325-02

tante e permanente vontade de dar a cada um o seu direito".

Existe outra pergunta que deve ser respondida: **o que são Direito Objetivo e Direito Subjetivo?**

Podemos dizer que o **Direito Objetivo** é a **regra**. É aquilo que está na norma, de uma forma **abstrata**.

Enquanto isso, o **Direito Subjetivo** é o poder de **agir** que surge com essa norma, para que o sujeito possa defender seus **interesses**.

Vou dar um exemplo: no Código de Defesa do Consumidor, nós temos várias **regras** que protegem as relações de consumo. Essas regras são o **Direito Objetivo**.

Se você comprar um produto e ele vier com um problema, e o fornecedor se recusar a resolver, você vai poder entrar com uma ação na justiça para **pedir providências**. Essa possibilidade de **agir** é o **Direito Subjetivo**.

De uma forma bem resumida, podemos dizer que o Direito Objetivo é a regra de **forma abstrata**, e o Direito Subjetivo é o poder de exigir que essa regra seja **colocada em prática**.

Existem muitos outros significados do Direito, mas acredito que estes são os mais relevantes para que você possa compreender o seu alcance.

Licensed to Josue Jair de Souza Santana - josuekaic@gmail.com - 065.342.325-02

Técnica Jurídica - Artigo, caput, parágrafo, inciso, alínea e item

Quem está entrando no mundo do Direito deve entender a diferença entre **artigo, caput, parágrafo, inciso, alínea e item**, para fazer a leitura correta das leis.

Esse capítulo é sobre **Técnica Jurídica**, mas você vai perceber que é bastante fácil de compreender.

Vamos começar pelo **artigo**.

Os **artigos** são sempre **numerados** e a forma de escrever e falar o seu número **varia**, porque os ***nove primeiros*** devem seguir uma sequência **ordinal**. Como assim? ***Art. 1º, Art. 2º, Art. 3º.***.. e assim vai até o ***Art. 9º***.

Depois vira uma sequência **cardinal**, ou seja, ***Art. 10, Art. 11, Art. 12***... ao infinito e além!

Os nove primeiros são ordinais, os demais são cardinais.

E você achando que nunca mais ia precisar saber o que são números ordinais e cardinais, hein?

O que importa mesmo é saber que até o artigo nono é de um jeito, e do artigo dez em diante é de outro.

O artigo pode se subdividir em diversas partes, chamadas ***caput*, parágrafo, inciso, alínea e item.**

Licensed to Josue Jair de Souza Santana - iosuekaic@gmail.com - 065.342.325-02

Art. Caput
§ Parágrafo
I - Inciso
a) Alínea
1. Item

Vou escrever um artigo que eu inventei, só para ajudar na explicação:

Art. 1º O céu é azul.
§ 1º O céu poderá possuir outras cores nas seguintes hipóteses:
I – durante o pôr do sol;
II – durante o período noturno;
III – devido a mudanças climáticas, especialmente as listadas a seguir:
a) tempo nublado, subdividindo-se as cores do céu em:
1. grafite;
2. chumbo.
b) tempo chuvoso.
§ 2º Os eventos listados no § 1º são transitórios e não possuem o condão de modificar permanentemente a cor do céu.

"Art. 1º O céu é azul" → Essa primeira frase é o ***caput***, ou seja, a **cabeça** do artigo. É o seu enunciado, a regra geral, a ideia central.

Se o assunto tratado pelo artigo for muito **complexo**, tiver

Licensed to Josue Jair de Souza Santana - iosuekaic@gmail.com - 065.342.325-02

muitos **detalhes** ou **exceções**, o ideal é que não seja tratado totalmente no *caput*, senão ele vai ficar **muito longo e confuso.**

Aí é que entram os parágrafos, incisos, alíneas e itens, para **ajudar a organizar o artigo.**

Vamos ver qual é qual.

O **parágrafo** tem esse símbolo: **§**

Os parágrafos servem para trazer algum **complemento, esclarecimento ou exceção** à regra trazida no caput.

Atenção: se o artigo tiver apenas UM parágrafo, ele não vai utilizar o símbolo. Nesse caso, deve se escrever por extenso: **Parágrafo Único**.

Também pode ser que o artigo não tenha nenhum parágrafo. Tudo vai depender da regra trazida no *caput*.

E os incisos, alíneas e itens, o que são?

Os **incisos** são escritos em algarismos romanos: I, II, III, IV, V...

As **alíneas** estão em letras minúsculas: a, b, c, d, e...

Os **itens** são os algarismos arábicos: 1, 2, 3, 4, 5...

Os incisos, alíneas e itens possuem basicamente a **mesma função**, que é a de trazer uma lista de alguma coisa.

Esses três devem seguir uma **ordem**: primeiro você usa os **incisos**.

Licensed to Josue Jair de Souza Santana - josuekaic@gmail.com - 065.342.325-02

Atenção: você pode usar incisos tanto para dividir **artigos** como **parágrafos.**

Dentro dos **incisos**, podem haver **alíneas**.

Por fim, dentro das **alíneas** podem existir **itens**.

Tá, e é só isso? Assim simples?

Sim. É isso aí! Eu falei que era muito fácil. Agora você já sabe a diferença entre artigo, caput, parágrafo, inciso, alínea e item.

Se você quer saber mais sobre Técnica Jurídica, eu recomendo que você leia a **Lei Complementar 95**, que é a lei que traz regras técnicas para a elaboração das leis. Sim, nós temos uma lei sobre como fazer leis!

Licensed to Josue Jair de Souza Santana - iosuekaic@gmail.com - 065.342.325-02

Escolas ou Teorias do Direito

O estudo das **Escolas ou Teorias do Direito** é um tema extremamente importante que está relacionado à **história** e ajuda a entender os diferentes detalhes do nosso ordenamento jurídico.

Não sei se você já parou para refletir sobre isso, mas **o Direito não é uma ciência exata,** pois existem diversas formas de enxergar as normas.

Eu vou explicar as **principais Escolas do Direito**: Jusnaturalista, Teológica, Racionalista, Histórica, Marxista e Positivista.

Uma informação importante: essas escolas **não necessariamente seguiram a sequência** que eu vou explicar neste capítulo.

Na verdade, você vai perceber que **algumas delas apareceram meio que simultaneamente**.

Então **não pense em uma única linha do tempo**, em que uma escola termina e aí a outra começa. Não, elas foram surgindo gradativamente e **exercendo influência umas sobre as outras.**

Ao final deste capítulo, você vai perceber a influência de cada uma dessas correntes **nos dias de hoje**.

Se você se interessa por este assunto, também vai adorar assistir às aulas do curso **Primeiros Passos no Direito.**

Licensed to Josue Jair de Souza Santana - josuekaic@gmail.com - 065.342.325-02

Escola Jusnaturalista ou Escola do Direito Natural

Por que "*Direito Natural*"?

Porque essa escola acredita que existe uma **lei verdadeira**, que seria uma **lei natural.** Como dizia Ulpiano, um jurista romano: "***o direito natural é aquele que a natureza nos ensinou".***

Para o jusnaturalismo, há **valores** que são imanentes do homem, seja qual for sua **cultura**, porque se originam da própria **natureza humana.**

Os naturalistas acreditam que deve existir uma **lei única em todas as nações**, e essa lei é **eterna**, porque ela advém de valores que devem reger toda a humanidade.

O direito natural seria um **direito universal,** que seria o mesmo para todos os povos. Assim, haveria um conjunto de **princípios superiores** que nos orientam sobre o **certo** e o **errado**.

Os jusnaturalistas buscam um **ideal de justiça** e acreditam que o direito deve se basear em **princípios eternos e imutáveis**. Se uma lei for contrária a esses princípios, ela será uma lei injusta e não terá validade.

A Escola Jusnaturalista surgiu com os filósofos da **Grécia Antiga**. Naquela época, os filósofos já discutiam a existência de um **justo por natureza** em contraposição a um **justo por lei.**

Exemplo disso é a tragédia de **Antígona**, escrita por **Sófocles**. Eu gosto bastante dessa história e vale a pena contá-la:

Licensed to Josue Jair de Souza Santana - josuekaic@gmail.com - 065.342.325-02

Antígona queria enterrar seu irmão, **Polinice**, que havia morrido em um combate.

No entanto, o **Rei Creonte** fez uma lei proibindo que Polinice fosse sepultado porque ele havia sido considerado um **inimigo da cidade**.

Antígona **não se conforma com essa lei**, que ela considera **injusta**, e decide realizar o ritual fúnebre para que a alma do seu irmão pudesse fazer a transição ao mundo dos mortos.

Ela foi descoberta e, em sua defesa, argumentou que um mero **mortal** como o rei não tinha o poder de **contrariar as lei divinas**, que eram **eternas e irrevogáveis**.

Depois disso, Antígona foi presa e **se enforcou** na prisão.

Em seguida, seu noivo **Hémon**, que era **filho do Rei Creonte,** ficou desolado e se matou.

E ao receber a notícia da morte de Hémon, a esposa do rei, **Eurídice**, se suicidou também...

Tragédia pouca é bobagem!

Hoje em dia seria um pouco difícil pensar em um direito único e imutável no mundo inteiro, afinal, sabemos que o direito também é influenciado pela **cultura de cada povo**.

Mas o Jusnaturalismo tem grande importância especialmente no **direito internacional,** no que se refere aos **direitos humanos.**

Licensed to Josue Jair de Souza Santana - josuekaic@gmail.com - 065.342.325-02

Há muitos doutrinadores que defendem que deve haver algumas normas básicas em todos os povos para preservar a **dignidade da pessoa humana**, como, por exemplo, o **combate à tortura**.

Mais adiante, quando eu explicar sobre a Escola Positivista, vou falar um pouco mais sobre o Jusnaturalismo.

Escola Teológica

Téo significa **Deus**, então, para essa escola, **as leis foram criadas por Deus**, sendo também **eternas e imutáveis**.

A fonte dos direitos seriam os preceitos **religiosos**, como expressão da **vontade divina**.

A Escola Teológica também surgiu na **antiguidade**, mas ganhou força na **Idade Média**, quando o **cristianismo** exerceu um importante papel na cultura ocidental.

Da Escola Teológica, merecem destaque **Santo Agostinho** e **São Tomás de Aquino**, dois pensadores que buscavam refletir sobre a **origem do mal** e tentavam conciliar a **fé** e a **razão**.

Sob a influência da **Igreja Católica**, as discussões filosóficas da Idade Média se concentravam em questões **religiosas**, e o Direito também foi fortemente impactado.

Como exemplo, podemos mencionar o **Tribunal da Santa Inquisição**, que pregava que a sociedade deveria seguir os padrões exigidos por Deus e **punia** aqueles que se desviassem,

Licensed to Josue Jair de Souza Santana - josuekaic@gmail.com - 065.342.325-02

muitas vezes, com a **morte**.

Talvez você esteja pensando: "***a Escola Teológica teve o seu momento na história, mas hoje ela não exerce influência nenhuma no nosso Direito".***

Será mesmo?

Se você acompanhar algumas discussões relacionadas, por exemplo, à questão do **aborto**, você vai ver que até hoje as igrejas exercem **grande influência no Direito.**

O Estado brasileiro é **laico**, ou seja, **não temos uma religião oficial.**

Mas é inegável que as igrejas possuem bastante **influência** sobre as nossas normas. A origem disso vem da **Escola Teológica.**

Escola Racionalista ou Contratual

Nos séculos XVII e XVIII, sob a influência dos **filósofos iluministas**, chega a vez do **Racionalismo**, que buscou se afastar dos preceitos religiosos e aproximar a **lei** da **razão**.

Dessa escola podemos mencionar muitos nomes, como **Thomas Hobbes, John Locke, Montesquieu e Jean Jacques Rousseau.**

Os **racionalistas** queriam formar um sistema de direito que fosse **justo**, **universal** e totalmente fundado em **princípios ra-**

Licensed to Josue Jair de Souza Santana - iosuekaic@gmail.com - 065.342.325-02

cionais.

O direito decorreria do **pacto ou contrato social** que o homem celebra para viver em sociedade.

Pacto social? Como assim?

Para explicar isso melhor, vou falar resumidamente sobre a obra do **Jean Jacques Rousseau**, chamada **Contrato Social**.

Rousseau formulou o seguinte **raciocínio**:

Nos primórdios da humanidade, os indivíduos viviam **cada um por si.**

Então, para sobreviver, eles começaram a viver **juntos.** Em razão disso, foram formulando **regras** para que esse convívio pudesse dar certo.

Assim, existe uma espécie de **pacto ou contrato social**, para reger as relações entre as pessoas. Para que um indivíduo possa viver em sociedade, ele deve obedecer esse **contrato**, ou sofrerá **punições** através da lei.

As ideias de Rousseau exercem influência **nos dias de hoje?**

Exercem! **Muito**!

Basta pensar que quando você está em um país, você deve obedecer às leis desse país. **Ninguém pergunta se você quer seguir as leis brasileiras**.

Subentende-se que existe um "***contrato social"*** para que pos-

Licensed to Josue Jair de Souza Santana - josuekaic@gmail.com - 065.342.325-02

samos viver em sociedade.

Nós precisamos de uma organização que discipline as atividades dos indivíduos, com **regras de comportamento**, para que possa haver uma **vida coletiva.**

É como diz a frase em latim ***ubi societas, ibi jus:*** onde está a sociedade, está o Direito.

O contrário também é verdadeiro: porque **o Direito só faz sentido dentro de uma vida sociedade.**

Se você vivesse **sozinho em uma ilha deserta**, não faria sentido obedecer as leis, porque elas são decorrentes do próprio **convívio social**.

Escola Histórica

A Escola Histórica do Direito **se rebelou** contra a ideia de que existiria um **direito natural**, pois, para essa escola, o Direito foi sendo **formado de forma gradual** pelos **costumes** de cada sociedade.

O direito seria um produto **histórico**, decorrente da **consciência coletiva** de cada povo, e que vai sempre sofrendo **mudanças** conforme a sociedade **evolui**.

Ele tem a sua origem nos **fatos sociais,** que seriam os acontecimentos da vida em sociedade, e vai se desenvolvendo de forma **espontânea e gradativa**, mais ou menos como acontece com a **linguaguem**.

Licensed to Josue Jair de Souza Santana - iosuekaic@gmail.com - 065.342.325-02

Assim como a linguagem é formada de **forma paulatina**, de acordo com as **necessidades e usos do povo**, e sujeita a transformações progressivas, **também é o Direito.**

Cada povo tem práticas que refletem seus **costumes** e seus **valores** e o Direito não poderia ignorar esses fatos.

A Escola Histórica surgiu no final do século XVIII e início do século XIX e teve como maior nome **Savigny**, que defendia que não existe um direito universal e imutável, pois cada povo em cada época tem o seu próprio direito, que reflete a sua cultura e os seus costumes.

Para Savigny, o direito é um **organismo vivo**, uma vez que vai sempre sendo modificado, e a fonte fundamental do direito é o **costume do povo**.

A grande preocupação dessa escola foi **afastar a ideia** de que existiria um direito relacionado à **natureza** do homem, e mostrar que a fonte das leis está na **vida em sociedade**, e que, por isso, o direito está sempre em **transformação**.

Sobre a Escola Histórica, o mais relevante para falar era isso.

Escola Marxista

A Escola Marxista surgiu em meados do século XIX e teve como nomes **Karl Marx** e **Friedrich Engels.**

Para essa escola, o direito seria uma expressão do **interesse da classe dominante**, como um instrumento ideológico de domi-

Licensed to Josue Jair de Souza Santana - josuekaic@gmail.com - 065.342.325-02

nação da **burguesia** sobre o **proletariado**.

Para essa escola, o Direito não emana meramente da sociedade, e sim do **Estado**, e este seria um instrumento de **pressão sobre a classe menos favorecida**.

Marx acreditava que o Estado como nós conhecemos deveria ser combatido para dar vez a um sistema de governo **comunista**, de onde o Direito realmente emanaria do povo.

Karl Marx fazia algumas **críticas à Escola Histórica**, porque ele dizia que o Direito não é apenas um produto cultural, mas também um produto de **disputas de interesses.**

Como você pode perceber, a Escola Marxista tem um viés **ideológico** bastante forte.

Escola do Direito Positivo

A **Escola Positivista** exerceu um forte **contraponto** à Escola **Jusnaturalista**. Para os positivistas, **não existe um direito universal** porque a justiça é **relativa**.

Aquilo que é considerado **justo** para uma pessoa pode não ser para outra. Para os positivistas, uma justiça absoluta é um ideal **inatingível**.

As leis são criações voluntárias, ou seja, **a sociedade pode decidir como serão suas leis**, o que vai variar de acordo com a **cultura** de cada povo.

Licensed to Josue Jair de Souza Santana - josuekaic@gmail.com - 065.342.325-02

É importante destacar que, para o positivismo, as normas devem ser **objetivas** e **racionais**. Os positivistas acreditam que, se o direito se apóia em **valores,** ele se torna muito **instável.** Afinal, você pode ter os seus valores, mas o juiz pode ter outros, o promotor outros, e por aí vai...

A solução seria criar um sistema jurídico **lógico e coeso**, quase como uma **ciência exata**, para conferir **segurança jurídica**.

Dentro do Positivismo, existe um nome de grande destaque, chamado **Hans Kelsen**. Este estudioso formulou a **Teoria Pura do Direito**.

Por que "***teoria pura***"?

Porque a ideia de Hans Kelsen foi a de responder do que se trata o Direito **sem a interferência de outras áreas**, como a sociologia, a política, a ética, a psicologia, etc.

O objetivo **não era o de ignorar as outras disciplinas**, mas o de analisar **somente a ciência jurídica**, sem que houvesse uma **mistura** com as outras matérias.

Para Hans Kelsen, o termo "***norma***" significa algo que **DEVE SER**. Ele usa a palavra "***dever***" com um sentido mais amplo, **não só o de obrigar ou ordenar**, mas também inclui o "***ter permissão***", porque uma norma pode não só comandar, mas também permitir uma conduta.

A norma traz como o homem **DEVE** se conduzir.

Licensed to Josue Jair de Souza Santana - josuekaic@gmail.com - 065.342.325-02

Qual é a corrente aplicada no direito contemporâneo?

A resposta, a meu ver, é que não é possível basear o direito atual apenas em uma teoria, porque **todas exercem influência no ordenamento jurídico**. Elas trabalham em **conjunto**.

É importante que exista um **direito positivo** que traga critérios **concretos** ao ordenamento jurídico, para que exista **segurança jurídica**. Para isso, as normas devem ser **coerentes e lógicas.**

Além disso, discute-se se existiriam **direitos universais e absolutos**. Será que existe alguma norma que seja **igual em todas as culturas** e que jamais tenha exceção?

Por outro lado, o direito não pode se afastar totalmente dos **valores**.

É impossível conceber o direito como uma ciência exata.

Se o direito se afastar demais dos **princípios**, ele corre o risco de se tornar **injusto**. Exemplo disso foram as atrocidades que aconteceram na **Segunda Guerra Mundial,** quando alguns governos criavam leis para autorizar graves violações aos direitos humanos.

Aliás, uma dica que tem tudo a ver com o que estamos falando hoje é o filme "**Julgamento de Nuremberg".**

Esse filme conta a história real do tribunal que julgou o alto escalão nazista pelos crimes de guerra ocorridos durante a Segunda Guerra Mundial. **É um filme excelente.** Recomendo!

Licensed to Josue Jair de Souza Santana - josuekaic@gmail.com - 065.342.325-02

Fatores de Mudança do Direito

Como você sabe, **o Direito muda o tempo todo,** e hoje vamos estudar **alguns** dos fatores que **influenciam** essas alterações.

Por que eu disse "***alguns***"? Porque como são **muitos**, eu trouxe aqui os **principais**.

Em primeiro lugar, é importante dizer que **nem sempre** se teve essa visão de que o Direito deve estar acompanhando a **evolução da sociedade**.

Como você aprendeu no capítulo anterior, houve um tempo que se acreditava que o direito deveria ser **eterno e imutável**.

Contudo, hoje em dia não se vê mais dessa forma. Afinal, o Direito emana da sociedade, e esta sofre **modificações ao longo do tempo**, de modo que o Direito consequentemente deve acompanhar essas mudanças.

Tudo que age sobre a **sociedade** produz reflexos também sobre o **Direito**.

Além disso, atualmente temos que levar em consideração que vivemos em uma **grande aldeia global**. Existe uma constante **troca de influências** entre os países do mundo, que se tornou possível pela velocidade dos **meios de comunicação**. Esse **contato com outras culturas** também impacta o meio em que vivemos e, por consequência, **interfere no nosso direito.**

Licensed to Josue Jair de Souza Santana - josuekaic@gmail.com - 065.342.325-02

Podemos dizer que o Direito é, de uma certa forma, **sempre provisório.** Nenhuma lei é feita para durar **eternamente**. Elas são um reflexo dos anseios **daquele momento**.

Até mesmo a Constituição Federal, que é a **norma mais importante do país,** pode um dia ser substituída por outra Constituição mais nova.

Existem muitos fatores que influenciam o Direito e eu vou agora destacar alguns dos principais, que são os fatores **econômicos, políticos, culturais e religiosos.** Estes fatores também são explicados no curso **Primeiros Passos no Direito.**

Fatores Econômicos

O Direito se transforma à medida que a estrutura **econômica** da sociedade vai se modificando. É possível observar isso ao longo da **história**.

Na **antiguidade**, quando a sociedade era composta por **pequenos grupos de camponeses**, as relações giravam basicamente dentro da **família**, naquilo que se chamava de **Pátrio Poder**.

Havia o **chefe**, geralmente o **pai**, que era a **autoridade** e ditava as regras que deveriam ser obedecidas pelos membros da família.

Com o passar dos séculos, na medida em que alguns agricultores foram se tornando **comerciantes**, o direito foi se ampliando. Ao invés de haver uma concentração somente em torno

Licensed to Josue Jair de Souza Santana - josuekaic@gmail.com - 065.342.325-02

da família, passou a existir uma organização jurídica na **comunidade**, para poder regular as relações que vinham do comércio e também normas para resolver os conflitos dentro do grupo como um todo.

Mais alguns séculos depois, tivemos a **Revolução Industrial**, com a produção em massa de produtos que também causou uma profunda transformação na economia, e, consequentemente, sobre o Direito. Podemos citar como exemplo os **contratos**, que foram se padronizando.

Problemas também surgiram, como diversas **práticas abusivas** contra consumidores. Para combater os abusos de alguns fornecedores, foi necessário que o Direito passasse a defender o **consumidor**.

As **relações de trabalho** também foram sendo reguladas para diminuir a exploração humana.

Tudo isso demonstra a importância que o **fator econômico** tem dentro do Direito.

Fatores Políticos

O **regime político** de um país influencia diretamente as suas leis. Basta pensar nas diferenças entre países que vivem regimes de **ditadura** e de **democracia**.

As **ideologias políticas** também norteiam as questões jurídicas. O **direito de propriedade**, por exemplo, é regulamentado em um país **comunista** de uma forma totalmente diferente de

Licensed to Josue Jair de Souza Santana - josuekaic@gmail.com - 065.342.325-02

um país **capitalista**.

Quando ocorre uma **revolução política**, geralmente vem junto uma **revolução jurídica**, muitas vezes acompanhada de uma nova Constituição que reflita o momento em que o país está vivendo.

A **história das Constituições Federais do Brasil** é uma demonstração de como os fatores políticos interferem nas questões jurídicas de uma nação. Nós já estamos na sétima Constituição e todas elas tiveram uma forte influência do momento político pelo qual o país estava passando.

Algumas dessas constituições foram **outorgadas**, ou seja, **impostas**, e outras foram **promulgadas**, o que significa que foram **democráticas**. Os direitos e deveres de uma sociedade são diretamente influenciados pelo **momento político** que nós estivermos vivendo.

Aí você começa a perceber a importância de escolher bem os nossos **representantes políticos**. A política não é uma brincadeira de criança. A vida de milhões de pessoas entra em jogo, porque uma decisão política pode mudar completamente o nosso presente e também nosso futuro.

Fatores Culturais

O Direito acompanha a **evolução cultural do povo**. Indo além, podemos dizer que o Direito é um produto da **cultura**.

Aqui é importante que você tenha em mente que existe uma

Licensed to Josue Jair de Souza Santana - josuekaic@gmail.com - 065.342.325-02

enorme diferença entre aquilo que é ***natural*** e aquilo que é ***cultural***.

O ***natural*** é aquilo que vem da **natureza**, dos nossos **instintos**, ou dos **fenômenos químicos e físicos**, enquanto que a **cultura** é construída e pode ser **modificada**.

Muitas vezes algumas situações já estão tão enraizadas na nossa sociedade que a gente acha que elas são **naturais**, ou seja, que são da nossa natureza, mas, na verdade, elas são **culturais**.

Vou dar um **exemplo bem esdrúxulo** só para você entender:

É da natureza humana o ato de se **alimentar**. Você precisa **comer** para viver.

Eu te pergunto: teria como uma lei determinar que você vai poder comer somente **1 vez ao mês?** Não, né?

Por outro lado, aquilo que nós comemos tem um forte componente **cultural**, desde a **escolha** dos alimentos e até o meio como são **produzidos**.

Então é possível uma lei estabelecer regras para que esses alimentos sejam elaborados de uma forma **mais saudável**? Sim, você sabe que sim.

Nesse momento, talvez você já tenha refletido sobre outras situações que são naturais ou culturais. Os exemplos são infinitos.

Licensed to Josue Jair de Souza Santana - josuekaic@gmail.com - 065.342.325-02

Pode parecer uma bobagem, mas saber diferenciar o que é da natureza e o que é da cultura é extremamente importante para conseguir entender o **alcance do Direito.**

Sabe por que eu digo isso? Porque eu conheço muita gente que diz assim: *"Ai, tal coisa não vai mudar nunca, porque é da natureza do ser humano ser desse jeito".*

Mas se você for estudar bem a fundo, vai perceber que nem tudo que parece "***natural"***, é, de fato, algo da natureza. Existem muitos aspectos que são **culturais** da nossa sociedade.

Algo que é da natureza não pode ser mudado, mas algo que é cultural, pode. É necessário ter esse **olhar crítico** para perceber quando algo é realmente natural e quando é da cultura do povo.

Fatores Religiosos

Nos povos antigos, o **direito** praticamente se confundia com a **religião**. Muitas vezes o **líder político**, o **jurista** e o **sacerdote** eram a **mesma pessoa.** Da mesma forma, o **código de leis** era o **livro sagrado.** As noções de **pecado** e de **crime** eram as mesmas.

Com o passar dos séculos o direito foi se separando da religião, mas é inegável que os **fatores religiosos** ainda exercem **influência** no ordenamento jurídico.

Por exemplo: quando no Brasil surgiu a primeira **Lei do Divórcio**, em 1977, houve uma grande **oposição** da Igreja Católica.

Licensed to Josue Jair de Souza Santana - josuekaic@gmail.com - 065.342.325-02

Na atualidade, sempre que são discutidas questões relacionadas a assuntos como **pena de morte, aborto e uniões homoafetivas**, dentre outros, entram em debate as **variadas visões religiosas** sobre isso.

O nosso Estado é **laico**, o que quer dizer que nós **não temos uma religião oficial,** mas é inegável que as religiões exercem influência. Se isso é bom ou não, eu deixo para você refletir...

O que mais?

Existem muitos fatores que influenciam o Direito. Neste capítulo eu falei sobre os fatores econômicos, políticos, culturais e religiosos. Todos esses são os considerados principais, mas existem **muitos outros.**

Podemos mencionar o **clima**, o **território**, o **número de habitantes**, os **recursos naturais**, os **grupos organizados**, a **mídia** e muitos outros fatores de evolução do Direito.

As mudanças na sociedade mais cedo ou mais tarde se refletem em **mudanças na legislação** ou em uma **nova interpretação** dada às normas já existentes.

É importante destacar que os fatores que permeiam a sociedade interferem no direito, mas **o contrário também acontece:** o direito também exerce condicionamento sobre a sociedade, na medida em que impõe certos **padrões de conduta**.

Vamos pensar na **abolição da escravatura**. Quando em 1888 a Princesa Isabel assinou a **Lei Áurea**, havia um movimento em

Licensed to Josue Jair de Souza Santana - josuekaic@gmail.com - 065.342.325-02

prol do fim da **escravidão** no Brasil, e a lei atendeu a um clamor de boa parte da sociedade.

Mas ainda existiam **proprietários de escravos** e esses tiveram que se adequar a essa nova lei.

A sociedade é um fator condicionante do Direito, mas o Direito também condiciona o comportamento da sociedade.

A grande preocupação de quem faz a lei deve ser a de elaborar uma norma que seja **adequada à realidade social,** mas que também possa fazer alguns **complementos** para que o grupo **evolua**.

Vou falar mais sobre isso no próximo capítulo.

Licensed to Josue Jair de Souza Santana - iosuekaic@gmail.com - 065.342.325-02

Efeitos da Norma sobre a Sociedade

No capítulo anterior, eu abordei os **fatores de mudança do direito** e falei sobre fatores econômicos, políticos, culturais e religiosos. São componentes da vida em sociedade que impactam o Direito e exercem poder de influência nas leis.

Mas **o contrário também acontece:** o direito também condiciona o comportamento da sociedade. As normas podem produzir diversos efeitos sobre o grupo, e esses efeitos podem ser **positivos** ou **negativos**.

Neste capítulo e também no **Primeiros Passos no Direito**, trago os principais efeitos positivos e negativos da norma sobre a sociedade.

Efeitos Positivos da Norma

Como efeitos positivos da norma, nós resumidamente podemos mencionar esses quatro: **efeito de controle social, educativo, conservador e transformador**. Vamos ver um a um.

Efeito de controle social

Há um controle social quando se busca adaptar a conduta das pessoas aos **padrões de comportamento dominantes**.

Em nossa sociedade, existem diversos padrões de comportamento que **a maioria espera que sejam seguidos**, como, por

Licensed to Josue Jair de Souza Santana - josuekaic@gmail.com - 065.342.325-02

exemplo: você não deve beber e depois dirigir, não deve pegar o que não é seu, não deve agredir outras pessoas, etc.

Esse controle pode ser feito pelos **órgãos do Estado** e também pela **própria sociedade**, através da mídia, da família, do trabalho, dentre outros.

Uma das maiores ferramentas de controle social é o **Direito**.

As pessoas geralmente pensam no Direito somente quando a lei já foi violada, mas existe também um **caráter preventivo**, mediante a **ameaça de uma penalidade** para quem transgredir a norma.

Isso faz com que muitos ajustem o seu comportamento para não sofrerem a **sanção**, ou seja, uma **punição**.

Infelizmente não dá para esperar que as pessoas tenham uma boa conduta somente com base na sua própria **consciência**. Mesmo o cidadão mais exemplar deve o seu bom comportamento, em parte, ao **medo** de sofrer um processo, ganhar uma multa, perder o cargo, ser preso, e por aí vai.

E quando alguém é **punido** pelo Direito, ali também existe um **caráter preventivo**, tanto para essa pessoa, que *em tese* vai **pensar duas vezes** antes de repetir esse ato, quanto aos demais, que terão essa situação como **exemplo** para não cometerem a mesma transgressão.

Por que eu disse ***em tese***?

Porque a gente sabe que, na prática, **nem todo mundo se in-**

Licensed to Josue Jair de Souza Santana - josuekaic@gmail.com - 065.342.325-02

timida diante da lei.

O fato é que existem pessoas que basicamente não estão nem aí para nada. Elas olham pras leis e dizem: "***kkkkkkkk leis".***

Existem pessoas assim. Você sabe que existem.

Outro efeito da norma é o **educativo**. Certos assuntos passam a ser mais conhecidos dentro do grupo depois de virarem lei. Além de exercer controle social, a lei também **educa e esclarece as pessoas**.

Um exemplo clássico disso é a **Lei Seca.**

Hoje existe uma consciência muito maior sobre a importância de **não beber antes de dirigir veículo automotor**, não apenas pelo medo de ser pego pela polícia, mas também porque a lei trouxe uma enorme **discussão sobre segurança e responsabilidade no trânsito**, que teve um reflexo positivo na **mentalidade** dos motoristas.

Os indivíduos também vão se tornando mais conscientes sobre os seus direitos e tem maiores condições de **exercer a cidadania**.

Podemos pensar no **Direito do Consumidor:** atualmente os consumidores têm maior **noção** dos seus direitos, bem como os fornecedores, de forma geral, buscam entregar o produto ou serviço dentro dos ditames da **lei**. Ainda acontecem **abusividades**, mas o cenário de hoje já é melhor do que era há 20 anos.

Licensed to Josue Jair de Souza Santana - josuekaic@gmail.com - 065.342.325-02

Efeito conservador

O que seria o efeito conservador da norma?

Quando o legislador entende que certas situações são **indispensáveis à vida em sociedade**, ele tenta defendê-las, criando uma **proteção jurídica.**

Daria para citar muitos exemplos.

No **Direito Penal,** temos normas que protegem o direito à vida, ao patrimônio, e assim por diante.

No **Direito Civil,** temos normas que defendem a família, como a lei 8.009/90, que determina que o imóvel próprio em que a família reside não pode ser penhorado por dívidas.

Também poderíamos mencionar diversos outros casos em que a norma procura defender determinados bens sociais.

Pelo caráter conservador, se busca garantir a **ordem social existente**.

Mas é claro que o direito não pode ser reduzido apenas a essa força conservadora, pois ele também deve ser instrumento de **transformação social**. Aqui entra o último efeito da norma, que é o **efeito transformador.**

Efeito transformador da norma

As leis vão estabelecendo **novas diretrizes** a serem seguidas e isso vai transformando a realidade do grupo.

Licensed to Josue Jair de Souza Santana - josuekaic@gmail.com - 065.342.325-02

Basta pensar no **Direito do Trabalho** e no **Direito Previdenciário.**

Houve um tempo em que não existia direito a **férias, hora extra, licença maternidade, auxílio doença, aposentadoria**, e por aí vai...

Na medida em que foram sendo criadas as **leis trabalhistas** e **previdenciárias**, a sociedade precisou se adaptar e o resultado foi uma **transformação social**.

O direito, quando corretamente utilizado, pode ser um grande instrumento em prol do **desenvolvimento nacional.**

Efeitos Negativos da Norma

A norma também pode ter **efeitos negativos**, que é quando ela **sem querer** atua de forma **contrária** aos interesses sociais.

Quando isso acontece é hora de **revogar a lei**, para que ela seja substituída por outra mais adequada.

Quais são as hipóteses em que a norma terá **efeitos negativos?**

Podemos mencionar **três** possibilidades:

1. Quando a lei for **ineficaz**;
2. Quando houver **omissão** da autoridade em aplicá-la;

Licensed to Josue Jair de Souza Santana - josuekaic@gmail.com - 065.342.325-02

3. Quando **não** existir **estrutura** adequada à aplicação da lei.

Lei ineficaz

A lei é ineficaz quando ela **não é boa o suficiente** para resolver determinado problema. Isso pode acontecer pelos mais variados motivos.

Um deles é quando a lei está **desatualizada**. Ela está ultrapassada e não reflete mais as necessidades do grupo.

Exemplo disso é o **crime de adultério**. Houve um tempo em que a pessoa que traísse o cônjuge poderia ser condenada a **pena de detenção** de 15 dias a seis meses.

Contudo, com o tempo, passou-se a ver que a questão da fidelidade não deveria ser tratada na esfera **penal**. A lei foi deixando de ser aplicada até que, em 2005, ela foi **revogada** do Código Penal.

Outra razão para uma lei ser ineficaz é o **misoneísmo**. O que significa isso? Misoneísmo significa ter uma **aversão a mudanças**. É quando o grupo já tem os seus **velhos hábitos**, ou costumes enraizados, e não aceita ter que mudar. Aí dizemos que a lei "***não pegou***", ou seja, ela não teve adesão.

Podemos mencionar como exemplo o uso do **cinto de segurança** pelos passageiros do **banco de trás** do carro. **Todos sabem** que é lei usar cinto de segurança, inclusive no banco de trás**.** Mas, infelizmente, nem todo mundo o utiliza.

Licensed to Josue Jair de Souza Santana - iosuekaic@gmail.com - 065.342.325-02

Outra causa para a ineficácia da lei é quando o legislador é levado por um **idealismo** e quer prever soluções que naufragam porque **não tem correspondência com a nossa realidade**, ou porque a sociedade **não está preparada** para essa lei.

Vou citar como exemplo o **kit de primeiros socorros do carro**. Em janeiro de 1999, os proprietários de veículos passaram a ser obrigados a ter um estojo de **primeiros socorros**, com atadura, esparadrapo, gaze, bandagem, luvas e tesoura.

Mas depois se percebeu que, quando há um acidente com pessoas feridas, o indicado é **telefonar para o socorro** e chamar pessoas habilitadas, e não sair socorrendo as vítimas se você não tiver instrução para isso. Então, em abril daquele mesmo ano, quatro meses depois, a lei foi **revogada**.

Omissão da autoridade em aplicar a lei

Se um indivíduo desobedece a lei e a autoridade que **deveria tomar providências** não faz **nada** sobre o assunto, você sabe qual é a consequência, né?

A **impunidade** faz com que esse indivíduo se sinta encorajado a transgredir a lei novamente, e isso ainda serve de mau exemplo para outras pessoas...

Nesse momento, há tantos **exemplos** para mencionar que fica até difícil escolher apenas um... Basta pensar na quantidade de crimes praticados por pessoas em cargos políticos que já aconteceram, em âmbito federal, estadual e municipal, e que terminaram em **pizza**.

Licensed to Josue Jair de Souza Santana - josuekaic@gmail.com - 065.342.325-02

Agora eu vou dizer algo que **parece óbvio** na teoria, mas que, na prática, nem sempre acontece:

Quando há omissão da autoridade em aplicar a lei, deve-se resolver esse problema fazendo com que as autoridades **deixem de ser omissas**.

Como eu disse: isso **parece óbvio**, mas, na prática, não é sempre assim que acontece.

A omissão da autoridade é um problema **difícil de resolver**, uma vez que é necessário saber **por que** o agente público está sendo omisso. Podem existir **diversas razões** e aí esses motivos devem ser combatidos.

Então o que muitas vezes se faz é **maquiar a resolução do problema**, criando uma **pena maior** para quem transgredir a lei.

Aí as pessoas pensam: "***o problema agora está resolvido, porque foi criada uma pena mais dura para esse delito"***. Elas têm uma sensação de que agora as coisas vão melhorar...

Mas se a autoridade **continuar omissa** na hora de aplicar a lei, não vai fazer diferença a pena que está escrita no papel. Por um simples motivo: os infratores sabem que a probabilidade de serem punidos é **muito pequena!**

Para dar um exemplo esdrúxulo, basta pensar em uma **criança**. Os pais dizem a ela: "***se você rabiscar a parede, vou te deixar um dia sem videogame".***

Licensed to Josue Jair de Souza Santana - josuekaic@gmail.com - 065.342.325-02

O que a criança faz? Ela pega seus lápis de cor e pinta um quadro do **Pablo Picasso** na parede da sala de casa.

Seus pais deveriam simplesmente cumprir a pena, deixando a criança um dia sem videogame. Todavia, ao invés de fazerem isso, eles dizem: "***Se você rabiscar novamente a parede, vou te deixar uma semana sem videogame".***

Depois disso, a criança incorpora o espírito do **Leonardo da Vinci** e pinta a Mona Lisa no corredor da casa.

Novamente, os pais deveriam executar a pena. Contudo, no lugar de fazerem isso, eles dizem: "***Se você rabiscar a parede mais uma vez, vou te deixar o resto da vida sem videogame."***

Em seguida, a criança pinta praticamente todos os quadros do museu do Louvre na parede da casa...

Você já entendeu onde eu quero chegar, né?

Ausência de estrutura adequada à aplicação da lei.

Nesse caso, nós temos **leis boas e autoridades responsáveis**, mas a norma não atinge seus objetivos porque **faltam pessoas** ou **material** para poder **aplicar** essas leis.

Trata-se de um dos **maiores problemas** que nós temos hoje.

O fato é que a Polícia, o Ministério Público e o Judiciário não possuem suporte o suficiente para lidar com a **quantidade de processos tramitando**.

Licensed to Josue Jair de Souza Santana - josuekaic@gmail.com - 065.342.325-02

Por mais que os policiais, promotores, juízes e servidores se dediquem, às vezes acontece de um crime **prescrever**, ou seja, o Estado **perde o direito de punir** a pessoa que praticou um delito, porque não fez isso durante um determinado tempo. **Isso é lamentável.**

Não me entenda mal. Eu não sou contra a existência de **prescrição**. Afinal, a pessoa não pode ser condenada por um crime que cometeu há muitos anos... É necessário que a ação penal tramite dentro de um período considerado razoável.

Mas é evidente que deixar de penalizar alguém que praticou uma ilicitude por **falta de recursos** dentro do órgão público é **muito triste**. Concorda comigo?

Quem tem uma frase muito boa sobre isso é o filósofo iluminista **Montesquieu**. Ele disse mais ou menos assim: "***Quando vou a um país, não pergunto se há leis boas, porque leis boas existem por toda parte, mas sim se as executam".***

Convenhamos: pior do que não ter uma lei, é **ter a lei e ela não ser aplicada.**

No Brasil, algo que acontece com certa frequência é o seguinte:

Nós temos uma lei, mas ela não é colocada em prática porque **faltam agentes públicos fiscalizando e punindo**, ou eles não têm a **estrutura adequada** para conseguir trabalhar direito.

Basta pensar na situação da **polícia** em muitos estados. Ela

Licensed to Josue Jair de Souza Santana - josuekaic@gmail.com - 065.342.325-02

não consegue dar conta de toda a demanda porque **não há agentes o suficiente**, assim como há poucas **viaturas**.

O problema deveria ser resolvido **investindo na polícia**, mas isso demandaria **dinheiro**, e então o que acontece?

Cria-se **uma lei mais dura,** com penas maiores, na ilusão de que isso, sozinho, vai ser o suficiente...

Mas se, na prática, a polícia continua sem ter estrutura adequada, a **impunidade** faz com que a lei seja novamente **ignorada**.

Apenas para deixar claro: há momentos em que **é necessário modificar as penas**. Todavia, **o que não se pode fazer é utilizar isso como forma de manipulação da opinião pública**, para que a sociedade pense que o problema foi resolvido quando, na verdade, ele não foi.

Licensed to Josue Jair de Souza Santana - iosuekaic@gmail.com - 065.342.325-02

Princípios e Regras

Qual é a diferença entre um **princípio** e uma **regra**? E qual é a **importância dos princípios** dentro do Direito?

Antes de mais nada: **o que é um princípio?**

Os princípios são a **estrutura básica** do ordenamento jurídico. Eles são considerados o **oxigênio** das Constituições, porque embasam a criação das **leis** e fornecem um norte para que se faça uma **leitura correta** das situações que são enfrentadas.

Em outras palavras, os princípios buscam **iluminar a compreensão do Direito.**

Os princípios podem ser **gerais** ou **específicos**.

Princípios gerais são aqueles que fornecem as estruturas básicas do Direito, como um todo, enquanto que os **princípios específicos** organizam um determinado ramo jurídico.

Como exemplos, podemos mencionar o princípio da ***Boa-Fé Processual*** como princípio geral, e o ***Princípio da Proteção*** como princípio específico do Direito do Trabalho.

Os princípios expressam os valores da sociedade e são sua **bússola**, razão pela qual não devem ser reduzidos a um discurso vazio ou sem aplicação prática.

Só se encontra significado nos princípios quando eles são acompanhados da **prática**, pois é para isto que foram idealiza-

Licensed to Josue Jair de Souza Santana - josuekaic@gmail.com - 065.342.325-02

dos. Em outras palavras: os princípios não existem só para servir de **enfeite**. Eles devem ser usados.

Outro ponto importante é o de que os princípios são os **fundamentos** das próprias regras.

Pode existir um princípio sem haver uma regra, mas jamais existirá uma regra sem que haja por trás um princípio... ou essa regra vai ter alguma coisa errada!

Qual é a diferença entre um **princípio** e uma **regra**?

Tanto os **princípios** quanto as **regras** fazem parte das **normas**.

As **normas** se subdividem em **princípios e regras.**

Contudo, devo dizer que nem sempre é fácil diferenciar quando algo é um princípio ou uma regra.

A doutrina traz diversos critérios para separar regras e princípios, mas no **Primeiros Passos no Direito** eu trago a distinção que me parece fazer mais sentido, que é a seguinte:

Os ***princípios*** ordenam que algo seja cumprido **na maior medida possível**, enquanto as ***regras*** apenas **podem ser cumpridas ou não.**

Uma **regra** exige que se faça **exatamente** o que é determinado. Ela é tudo ou nada.

Já um **princípio** pode ser cumprido em **diferentes graus.**

Licensed to Josue Jair de Souza Santana - josuekaic@gmail.com - 065.342.325-02

Além disso, se numa situação houver um **conflito entre princípios**, eles irão **coexistir**, e não se excluir.

Você jamais irá dizer que a presença de **um princípio** impossibilita a aplicação de **outro**. Deve haver uma **ponderação** e isso vai ser analisado em cada caso.

Um grande **jurista**, ou seja, um **real conhecedor do Direito,** é aquele que tem essa noção clara de como os princípios interagem.

Nesse ponto talvez você esteja pensando: "***mas isso tudo é muito abstrato. Não existe uma fórmula matemática para saber como aplicar um princípio?"***

Não. Bem-vindo ao mundo jurídico!

Como eu já disse: Direito não é ciência exata.

O Direito é assim: é abstrato, é teórico, é cheio de exceção, você passa raiva e continua apaixonado.

Dói um pouco para aceitar no começo, eu sei... mas depois você se acostuma!

Licensed to Josue Jair de Souza Santana - iosuekaic@gmail.com - 065.342.325-02

Direito, Moral e Ética

Nem tudo o que eu quero eu posso, nem tudo o que eu posso eu devo e nem tudo o que eu devo eu quero!

Quais são as diferenças entre **Direito**, **Moral** e **Ética**? Será que Moral e Ética significam a mesma coisa?

É extremamente importante saber diferenciar direito, moral e ética. Essas três áreas têm vínculos, mas **não são sinônimos**.

Em primeiríssimo lugar, um **alerta**!

Quando se fala em "**moral"**, muitas pessoas lembram daquelas novelas de época em que os personagens mais conservadores falam em "***preservar a moral".***

Além disso, quando uma pessoa vai dizer que alguém tem um pensamento **retrógrado**, é comum dizer "***ele é um moralista"***.

Por conta disso, a palavra "***moral"*** acabou ficando com uma imagem meio negativa.

Contudo, a explicação sobre moral que eu vou trazer na aula de hoje é baseada em **conceitos filosóficos**. Não nem nada a ver com **conservadorismos**, ok?

O que seria a **moral**?

A moral é um conjunto de **regras** que funciona como um **guia**

Licensed to Josue Jair de Souza Santana - josuekaic@gmail.com - 065.342.325-02

para agir. A moral orienta as ações que seriam **corretas** e **incorretas**.

Opa... perai! O direito não é assim também? Qual é a diferença da **moral** para o **direito**?

Podemos dizer que **a moral é mais ampla que o direito.**

O direito seria um **mínimo de preceitos necessários** para o bem-estar da sociedade.

Por que um **mínimo**?

Porque o direito **não vai regular tudo**. Ele vai regular apenas aquilo que for considerado mais importante. Existem muitas questões morais que **não tem previsão no direito.**

Por exemplo: pode ser que você considere correto ter uma **religião**. Todavia, no nosso país, não existe uma lei que **obrigue** as pessoas a seguirem uma religião. Logo, essa é uma questão **moral**.

É possível perceber uma **diferença bem relevante** entre o direito e a moral:

O direito tem poder de **coerção**, ou seja, ele pode **impor** que as pessoas tenham determinada atitude. O direito tem **força obrigatória**, e se não for cumprido, pode trazer **penalidades**, como prisão, multa, restrição a direitos, dentre outras.

Já a moral **não tem coercibilidade**. Você é **livre** para seguir ou não um preceito moral, de acordo com a sua **consciência** e **li-**

Licensed to Josue Jair de Souza Santana - josuekaic@gmail.com - 065.342.325-02

vre arbítrio.

Pode ser que a moral predominante da sua família seja a de ter uma religião, mas, se você não quiser ter religião nenhuma, ninguém vai poder te obrigar.

Sua família pode até fazer uma pressãozinha... mas você **jamais** vai ser preso ou multado por causa disso, entendeu?

Além disso, o **Direito** só existe quando há, **no mínimo**, duas pessoas envolvidas.

As normas sempre regulam os direitos e deveres de um indivíduo em relação a **outros**.

Se você for morar em uma **ilha deserta**, não vai precisar dar satisfação para ninguém e também não vai ter como exigir nada de ninguém, afinal, você vai estar **sozinho**.

Se você for o único habitante de uma ilha, **não vai existir direito.** Mas vai existir a **moral**, de acordo com a sua **consciência**. Pode ser que você decida **não fazer queimadas na floresta,** por exemplo, para seguir um preceito moral.

Acho que já deu para entender que a moral é mais ampla do que o direito. Mas tenho uma pergunta para você:

O direito e a moral devem estar sempre **ligados**? Ou podem existir normas jurídicas que **não tenham relação com a moral?**

Aqui estamos entrando em uma **grande discussão filosófica.**

Licensed to Josue Jair de Souza Santana - josuekaic@gmail.com - 065.342.325-02

Os positivistas, como **Hans Kelsen**, defendiam que **o direito não tinha nada a ver com a moral,** porque a moral é muito variável e subjetiva. Aquilo que é correto para um pode não ser para outro...

Então os positivistas acreditavam que o direito era aquilo que estava previsto na **norma**, e que **não necessariamente iria coincidir com a moral.**

O problema desse tipo de raciocínio é que ele pode levar a **atrocidades** como as que acontecem em **ditaduras**, em que os governos editam **leis totalmente imorais** para autorizar **torturas e assassinatos.**

Hoje o que se entende é que o **direito** deve sim ter uma certa relação com a **moral**. Eles não podem ficar **totalmente separados**, como queriam os positivistas.

É necessário refletir: ***dentre os preceitos morais, quais devem virar norma jurídica?***

Agora vou te fazer outra pergunta: será que **todas** as normas têm algum conteúdo moral? Ou existem normas que sejam **neutras** e não sejam morais nem imorais?

Aqui também existe uma **discussão filosófica.** O que se observa é que **não existem leis neutras**. Até mesmo as normas que são **puramente técnicas**, como aquelas que prevêem **prazos processuais**, sempre devem ter algum tipo de relação com a **moral**.

Licensed to Josue Jair de Souza Santana - iosuekaic@gmail.com - 065.342.325-02

Por exemplo: no **Processo Civil,** o prazo para oferecer **Contestação**, que é uma forma de defesa do réu, é de **15 dias úteis**.

Se não houvesse nenhuma preocupação com a moral, o legislador poderia talvez pensar: "***vamos colocar um prazo de 2 dias e o réu que se vire".***

Seria moral uma lei prever prazo de **2 dias** para se defender em um processo? Acredito que não.

Atenção: esse prazo de 15 dias úteis para contestar é do **Processo Civil**. Não confunda com Processo Penal e nem com Processo do Trabalho... cada área tem procedimentos diferentes.

Outro questionamento é sobre a **origem da moral.** Ela advém da **sociedade** ou é **individual**?

Podemos refletir o seguinte:

Cada indivíduo tem um **papel ambíguo**, porque ele **herda a cultura** do meio em que está inserido, mas também **cria cultura** dentro desse meio.

A moral também é assim. Você pode seguir a moral herdada da sua **família** ou do seu **grupo**, mas também pode construir a sua moral, com base nas suas **experiências de vida**.

Por exemplo: pode ser que a sua família considere **imoral** o relacionamento entre pessoas do **mesmo gênero** e você não concorde.

Licensed to Josue Jair de Souza Santana - josuekaic@gmail.com - 065.342.325-02

Ok, já falamos bastante sobre a moral. **E a ética?** Qual é a diferença entre **ética** e **moral**?

Essa resposta **não é um tema pacífico.** Existem muitas **teorias** sobre a diferença entre **ética** e **moral**.

A explicação que eu acho que faz mais sentido, ao menos para mim, é a de que a **ética** é a parte da filosofia que **reflete sobre a moral.**

A **ética** busca **discutir** as questões morais, questionando aquilo que a sociedade acredita ser correto ou incorreto, assim como os princípios e valores que orientam as nossas ações.

Dessa forma, **a ética analisa as regras de conduta traçadas pela moral**, para debater se elas são mesmo importantes ou se seriam inadequadas ou ultrapassadas.

Hoje vivemos um tempo em que a ética está ganhando grande **destaque**, porque vivemos uma **crise de ordem moral.**

Os problemas relacionados ao egoísmo, à exclusão, à corrupção e à indiferença pelo próximo tem como origem a **perda de valores morais.**

É urgente que haja uma **reabilitação da ética**, para que ela não seja vista como uma palavra vazia e clichê, e sim como o ramo que tem como objetivo tornar os indivíduos **menos individualistas** e **mais íntegros**. Conto com você nessa nobre tarefa.

Licensed to Josue Jair de Souza Santana - josuekaic@gmail.com - 065.342.325-02

Fontes do Direito

Compreender as fontes do direito é extremamente importante para quem está começando a entender o meio jurídico, de modo que este assunto também é tratado em uma aula completa no curso **Primeiros Passos no Direito.**

Falamos em "***fontes***" no sentido de **origem, aparecimento, elemento gerador.**

As fontes podem ser classificadas como **materiais** e **formais**.

As **fontes materiais** têm esse nome porque se referem à matéria, à substância, à essência.

Já as **fontes formais** estão relacionadas à forma. É como se fosse a embalagem.

Primeiro vou falar rapidamente sobre as **fontes materiais**.

Quando uma lei vai ser criada, ela deve ter como referência os **acontecimentos** daquela sociedade.

Lembra do capítulo em que eu falei sobre os **fatores que influenciam o direito?** Existem fatores **econômicos**, **políticos**, **culturais** e **religiosos**.

Todos esses fatores causam **impacto** sobre as fontes materiais do direito, na medida em que **interferem na sociedade**, pois a essência do direito são os **fatos** que emanam do grupo social.

Licensed to Josue Jair de Souza Santana - josuekaic@gmail.com - 065.342.325-02

Já as **fontes formais** são um meio de **exteriorizar o direito**.

É como o direito se torna "***palpável***".

As fontes formais do direito são os **costumes**, a **jurisprudência**, a **doutrina** e a **lei**.

Vamos entender cada uma delas.

Costumes

Quando a gente ouve a palavra "***costumes***", a primeira coisa que passa na cabeça são aquelas novelas de época em que os personagens diziam que se deveria respeitar "***os bons costumes***".

Mas **não é desse tipo de costume** que eu estou falando.

Costume significa uma série de **atos semelhantes** que são constantemente **repetidos** dentro de uma comunidade. São comportamentos **reiterados** que acabam adquirindo um ***status*** **de norma.**

A pessoa pratica o ato porque tem consciência de que deve fazer isso, porque precisa **seguir o costume**.

Assim, o ***direito consuetudinário*** é o direito que surge dos **costumes** de uma certa sociedade.

Os costumes podem ser ***secundum legem***, ***praeter legem*** *e* ***contra legem***.

Licensed to Josue Jair de Souza Santana - josuekaic@gmail.com - 065.342.325-02

Os costumes ***secundum legem*** seriam aqueles em que a própria **lei** determina o cumprimento de um costume.

Um exemplo é o artigo 113 do Código Civil, que diz o seguinte: "***os negócios jurídicos devem ser interpretados conforme a boa-fé e os USOS do lugar de sua celebração"***.

O artigo 113 não fala em **costumes**, e sim em **usos**.

Existe diferença?

A doutrina coloca da seguinte forma:

O **uso** seria a **prática reiterada** que se transforma em **costume**.

Não vou me aprofundar nessa diferença porque, **na prática,** os usos e costumes são encarados como **sinônimos...**

Sobre essa questão da **boa-fé** e dos **usos**, eu tenho uma **história real** para contar para vocês, que é muito conhecida dentro do direito. É a famosa história do "***Caso dos Tomates".***

Imagine o seguinte:

A **CICA**, aquela empresa do extrato de tomate do elefante, distribuía **sementes de tomates** para pequenos agricultores. Depois, ela comprava os tomates que se originavam dessas sementes. Ela fez isso várias vezes.

Até que, uma certa vez, ela distribuiu as sementes, como sempre, mas depois ela **não quis comprar os tomates**.

Licensed to Josue Jair de Souza Santana - josuekaic@gmail.com - 065.342.325-02

Os agricultores disseram: "***Como assim? Você deu as sementes para a gente plantar os tomates para você!"***

A CICA respondeu que ela não era obrigada a comprar, porque ela **não tinha assinado nenhum contrato** e eles plantaram porque quiseram...

Os agricultores entraram na Justiça.

Resultado: o Judiciário condenou a CICA a pagar **indenização**, porque existia esse **costume** entre as partes e a CICA faltou com a **boa-fé.**

Observação: quando a parte entra com ação judicial alegando que existe um costume, pode ser que o juiz peça que ela prove a **existência** desse costume. Isso está no artigo 376 do Código de Processo Civil.

Agora vamos falar sobre os costumes ***praeter legem***.

Praeter Legem significa "**além da lei".**

Os costumes ***praeter legem*** são aqueles utilizados quando **não há uma norma** que resolva o problema.

Nesse caso, existe uma **lacuna** na legislação, ou seja, não existe nenhuma lei tratando daquele assunto, e aí as partes criam um costume.

Eu vou falar mais sobre os costumes ***praeter legem*** em outro capítulo, quando for falar sobre os **métodos de integração do direito.**

Licensed to Josue Jair de Souza Santana - josuekaic@gmail.com - 065.342.325-02

Por fim, temos os costumes ***contra legem***.

Estes seriam os costumes que **contrariam o que está na lei.**

E aí como é que fica essa situação?

Em teoria, **um costume jamais irá revogar uma lei**. Apenas uma lei pode revogar outra lei.

Para o direito, os únicos costumes aceitos são o ***secundum legem*** e o ***praeter legem***.

Os costumes ***contra legem***, em regra, **não são admitidos**.

Mas, por outro lado, nós sabemos que o direito **não pode simplesmente fechar os olhos para a realidade**. Um exemplo de costume ***contra legem*** é o do **cheque pré-datado*.**

> Há quem diga que o termo correto é *cheque pós-datado*, porque você está colocando uma data do futuro.

Sabe por que o cheque ***pré-datado*** ou ***pós-datado*** é considerado um costume?

Pouca gente sabe disso, mas o cheque é uma ordem de pagamento **à vista.**

No artigo 32 da Lei do Cheque, está escrito "***O cheque é pagável à vista. Considera-se não-escrita qualquer menção em contrário"***.

Logo em seguida, o parágrafo único complementa que **o che-**

Licensed to Josue Jair de Souza Santana - josuekaic@gmail.com - 065.342.325-02

que é pagável no dia da apresentação, mesmo que ele seja apresentado para pagamento **antes** da data.

Agora imagine o seguinte:

Você comprou uma bicicleta do Pedro e aí disse: "***Pedro, eu não tenho o dinheiro hoje, mas vou ter no mês que vem. Posso te dar um cheque para daqui 30 dias?"***

O Pedro diz: "***Pode, tudo certo".***

Ótimo. Você coloca a data no cheque para daqui 30 dias.

Mas adivinha o que o Pedro faz...

Ele vai lá no Banco **antes da data** e tenta descontar o cheque!

Só que você **não tinha dinheiro na conta!**

Resultado: seu nome é inscrito no **Cadastro de Emitentes de Cheques sem Fundos (CCF).**

E agora, Batman? O que fazer?

O cheque pós-datado é **um costume tão disseminado na nossa cultura** que o Judiciário passou a reconhecer que **se as partes combinaram que o cheque seria descontado só no futuro, é errado que ele seja descontado antes da hora.**

Então, quando um indivíduo tem seu **nome negativado** porque um cheque foi descontado **antes** da data combinada, pode haver uma **indenização por danos morais.**

Esse é um grande exemplo de costume ***contra legem*** que teve

Licensed to Josue Jair de Souza Santana - josuekaic@gmail.com - 065.342.325-02

que ser **admitido** para que não fosse cometida uma injustiça.

Chega de falar de costumes. Vamos entrar agora em outra fonte do direito, que é a **jurisprudência**.

Jurisprudência

A jurisprudência é uma série de **decisões semelhantes do Tribunal**, indo por um mesmo sentido. Ela representa a **visão do Tribunal** sobre as questões levadas a julgamento.

De qual Tribunal eu estou falando?

De todos.

STF, STJ, TST, TSE, STM, TRF, TRT, TRE e TJ. Cada Tribunal pode ter as suas jurisprudências.

Vamos pegar o exemplo anterior, do **cheque pré-datado.** Como eu mencionei, a Lei do Cheque não reconhece o cheque pré-datado, mas os Tribunais começaram a ter um entendimento diferente.

Esse conjunto de decisões dos Tribunais indo num mesmo sentido é chamado de jurisprudência.

Aqui é importante mencionar que existem **dois sistemas jurídicos**, um chamado de ***Civil Law*** e outro denominado ***Common Law***.

O sistema ***Civil Law*** dá uma importância maior para as **leis**, enquanto o sistema ***Common Law*** utiliza muito mais a **juris-**

Licensed to Josue Jair de Souza Santana - josuekaic@gmail.com - 065.342.325-02

prudência.

Um exemplo clássico de país que adota o sistema ***Common Law*** são os **Estados Unidos**. Você já deve ter assistido a filmes ou seriados em que os advogados ficam **pesquisando resultados de julgamentos que já aconteceram** sobre aquele assunto para poderem levar ao juiz.

Nos Estados Unidos, a jurisprudência tem um peso enorme dentro do Judiciário. Lá também existem leis, mas os **precedentes** de casos anteriores têm muita força.

E o Brasil?

O Brasil era visto como um sistema ***Civil Law***, mas, ao longo das últimas décadas, a jurisprudência foi ganhando um grande destaque no nosso Judiciário. Aos poucos, o ordenamento jurídico brasileiro foi caminhando na direção de um sistema ***Common Law***. Hoje, podemos dizer que nosso sistema é **híbrido**.

Guarde bem as palavras que irei dizer agora:

Daqui a alguns anos, quando você já estiver rico, você vai estar na sua casa de **Mônaco*** em uma terça-feira à tarde, na beira da piscina, usando um roupão branco, e então você vai lembrar de mim e vai dizer:

"A Cíntia tinha razão. O direito brasileiro está virando Common Law".

Licensed to Josue Jair de Souza Santana - josuekaic@gmail.com - 065.342.325-02

> * ***Observação:*** você pode substituir *"Mônaco"* por Paris, Londres, Maldivas outro local de sua preferência.

Por que o nosso direito está, de uma certa forma, virando ***Common Law***?

Uma explicação para isso é porque nem sempre uma lei é capaz de se amoldar ao **caso concreto**. Os conflitos da vida são muito variados e situações novas surgem todos os dias, de forma que é **praticamente impossível existir lei que resolva tudo.**

Por mais avançada que seja uma lei, ela não consegue atender a todos os casos que acontecem, bem como não acompanha determinadas realidades. O Poder Legislativo não consegue dar conta da **multiplicidade de demandas** que existem. A **velocidade** com que o Legislativo elabora as leis também não é suficiente.

Além disso, quando o juiz se depara com um problema para resolver em um processo, ele precisa **dar uma solução**. Ele não pode sentar e esperar que os deputados e senadores resolvam o que vão fazer...

Na hora que o problema acontece e as pessoas buscam o Judiciário para resolver, o juiz não pode dizer: *"**pois é, a lei é falha nesse assunto, então não vou poder decidir esse processo"**.*

Não, ele precisa dar uma **solução** para as partes. Uma das for-

Licensed to Josue Jair de Souza Santana - iosuekaic@gmail.com - 065.342.325-02

mas de solucionar isso é observar como os tribunais têm decidido questões semelhantes.

Também existe uma tendência, nas leis atuais, de algumas matérias trazerem **cláusulas gerais,** que são mais **abertas** e permitem que o juiz possa analisar a situação de acordo com os elementos daquele **caso concreto**. O juiz deixa de ser visto como "***a boca da lei"*** e passa a ter um papel de resolver aquele conflito com **princípios**, por exemplo.

Nesse ponto, podemos mencionar o **Código Civil** e o **Código de Defesa do Consumidor**, que possuem diversos artigos que mencionam que deve ser observada a **boa-fé.** Para saber se houve boa-fé dentro de uma relação, deve ser analisada **a situação em si.** Não existe uma fórmula matemática para medir a boa-fé.

Voltando a falar sobre o nosso direito estar virando Common Law, é importante destacar também a relevância das **súmulas** no nosso ordenamento jurídico.

O que são as súmulas?

Súmulas são pronunciamentos dos Tribunais baseados em **decisões reiteradas**. O Tribunal já decidiu tantas vezes naquele sentido que decide **resumir o assunto em um enunciado**, que geralmente é uma frase.

A súmula é a **essência** da jurisprudência **pacífica** de um tribunal.

Licensed to Josue Jair de Souza Santana - josuekaic@gmail.com - 065.342.325-02

Quando eu uso a palavra "***pacífica***", eu quero dizer que são casos em que o Tribunal já chegou num **consenso** sobre a questão, por isso é uma questão **pacificada**.

O Tribunal elabora um enunciado que traz a essência daquela situação. O caso do cheque pré-datado é um exemplo disso. Houve tanta discussão a respeito do cheque pré-datado que se chegou num ponto que o **Superior Tribunal de Justiça (STJ)** criou a **súmula 370 para** dizer o seguinte: "***Caracteriza dano moral a apresentação antecipada de cheque pré-datado***".

O objetivo de uma súmula é o de **conferir uniformidade** na aplicação do Direito e contribuir para que a Justiça seja mais **célere**.

E os informativos? O que são?

Os **informativos** são basicamente **resumos** do que foi julgado naquela semana por um Tribunal, sobre os mais variados assuntos.

Existem tribunais que mandam os informativos até mesmo por **e-mail**, como, por exemplo, o **Supremo Tribunal Federal (STF)**. Se você entrar no site do STF, vai ver que existe a opção de receber os informativos no seu e-mail para acompanhar as discussões que acontecem na corte mais importante do país.

Se você quer ficar ligado nos julgamentos dos Tribunais, uma dica é a de conhecer um site chamado **Dizer o Direito**. Esse site traz os informativos com **explicações** que ajudam a enten-

Licensed to Josue Jair de Souza Santana - josuekaic@gmail.com - 065.342.325-02

der os julgados.

Agora é hora de falar sobre Lei.

Lei

A palavra "***lei"*** vem de **ligar**, porque ela **obriga a agir.** A lei costuma ser o maior objeto de estudo do Direito.

Leis são **regras de comportamento** que estabelecem como **deve ou não deve** ser a conduta, bem como as **consequências** que daí decorrem.

Contudo, as leis dependem sempre da **análise** e da **interpretação** da pessoa que irá aplicá-la. Essa interpretação do Direito se chama **Hermenêutica**.

Muitos alunos começam a estudar Direito com o seguinte pensamento: "***poderia existir um aplicativo ou software que desses as soluções jurídicas, né? A gente preenche os dados e o aplicativo informa o resultado. No Direito Penal, por exemplo, a gente poderia escrever: 'a Maria matou o Pedro', aí o programa informa o crime que ela cometeu e a sua pena".***

Gente, lamento informar, mas **esse software jamais vai existir.** O Direito não é uma ciência exata. As leis não são fórmulas matemáticas.

Para conseguir explicar melhor isso, vou falar sobre a **Teoria Tridimensional do Direito**, do Miguel Reale.

Licensed to Josue Jair de Souza Santana - iosuekaic@gmail.com - 065.342.325-02

O jurista Miguel Reale dizia que o Direito poderia ser considerado sob três dimensões, que seriam o **fato**, o **valor** e a **norma**.

Primeiro ocorre um fato social, ou seja, um **acontecimento**.

Depois se dá um **valor** a esse fato, o que significa que é analisado se esse fato é bom ou ruim.

Por último, é criada uma **norma** a respeito desse fato.

A questão do **valor** que é dado ao fato se reflete na sua **consequência jurídica**.

Vou dar um exemplo: pensem na **união estável**. Há muitas décadas atrás, a união estável não era bem vista na sociedade. Valorizava-se somente o casamento. Aqueles que viviam em união estável ficavam **desamparados pelo direito.**

Com o passar do tempo, a mentalidade das pessoas foi mudando e passou-se a entender que **a união estável também é uma forma de entidade familiar,** e o reflexo disso é que a união estável foi ganhando **normatização jurídica.**

O **fato** continuou sendo o mesmo, mas o **valor** dado a ele mudou e a consequência é que as **regras** também evoluíram. Dessa forma, se torna impossível pensar no Direito como uma ciência exata porque ele sempre vai depender do valor que é dado a um fato.

Mesmo no momento de aplicar a lei, a **interpretação** dos artigos pode ser diferente de uma pessoa para outra.

Licensed to Josue Jair de Souza Santana - josuekaic@gmail.com - 065.342.325-02

Nesse momento, talvez você esteja pensando: "***mas existem fatos que são incontroversos! Por exemplo: se a Maria matar o Pedro, houve um crime de homicídio e ela vai ter que ser condenada".***

Mas e se a Maria matou o Pedro em uma **briga**?

Será que houve homicídio? Ou houve lesão corporal seguida de morte? Ou será que a Maria foi agredida, estava se defendendo e ocorreu uma legítima defesa? Tudo isso terá que ser analisado.

Por mais que o Direito tente construir as leis de uma forma objetiva, elas sempre vão depender da **análise da situação**, e essa análise passa pelo **valor** que o intérprete está dando ao fato.

Nós ainda vamos falar muito sobre leis ao longo deste livro. Elas também são bastante explicadas no curso **Primeiros Passos no Direito.**

Agora vamos para a última fonte do direito deste capítulo, que é a **doutrina**.

Doutrina

A doutrina se compõe de **estudos e teorias desenvolvidos por juristas**, ou seja, por **estudiosos do Direito**. Esses estudos podem ser lançados em livros, em artigos científicos ou até mesmo em sites da internet, como portais de direito.

Licensed to Josue Jair de Souza Santana - iosuekaic@gmail.com - 065.342.325-02

Os juristas, também chamados de **doutrinadores**, buscam expor seus **pontos de vista** sobre o ordenamento jurídico, especialmente no que se refere à **interpretação das normas.**

Existem algumas características que se observa em um bom doutrinador. A primeira delas é a **independência**. O autor de uma obra de Direito deve escrever com liberdade, pautado em sua **consciência jurídica.**

Se esse autor estiver sendo patrocinado por algum **segmento econômico** ou **partido político** para escrever algo que sirva aos interesses desse nicho, a obra vai perder a sua credibilidade, concorda?

Outro aspecto que se percebe em um bom doutrinador é a sua **autoridade científica**. O jurista deve ser um **pesquisador** dessa área e precisa ter conhecimento sobre o que está falando. Ele não pode ser um mero ***aventureiro*** que resolveu escrever sem ter base alguma sobre aquilo.

O doutrinador também deve ter **senso jurídico**, que seria uma espécie de **intuição** que guia às **soluções mais justas**, de acordo com a sua consciência.

Destaca-se também a **responsabilidade** do jurista, de saber que aquilo que está sendo escrito irá **repercutir** na formação de **milhares de estudantes e operadores do Direito.**

Além disso, é interessante que o autor tenha **didática** e **desenvoltura** ao formular seus parágrafos, para que os leitores possam **acompanhar seu raciocínio**.

Licensed to Josue Jair de Souza Santana - josuekaic@gmail.com - 065.342.325-02

E qual é a **utilidade** de uma doutrina?

Podemos destacar algumas. A primeira delas, que eu acho que é a mais conhecida, é a função prática de **sistematizar o conhecimento**.

É comum acontecer de um mesmo assunto jurídico estar espalhado por **várias leis.** Os autores de obras jurídicas fazem o trabalho de **unir e costurar esses conteúdos,** para tornar **mais fácil** a compreensão das matérias.

Ademais, nós sabemos que as leis nem sempre são de fácil entendimento. Por esse motivo, os juristas procuram **interpretar as normas jurídicas**.

As obras jurídicas também procuram estar sempre alinhadas com a **dinâmica da vida social,** para caminhar na mesma velocidade das mudanças da sociedade.

Os doutrinadores buscam trazer ideias inovadoras, **sugerindo soluções** para problemas que nós presenciamos hoje.

Indo além de tudo isso, os pesquisadores têm um papel importantíssimo de **pensar o Direito**, em busca de **evolução**. O autor de uma obra jurídica possui um poder enorme em suas mãos.

E você? Já pensou em ser um doutrinador?

Licensed to Josue Jair de Souza Santana - josuekaic@gmail.com - 065.342.325-02

Procedimentos de integração das leis

Neste capítulo, você vai entender os procedimentos de integração das leis.

O artigo 5º, inciso XXXV da Constituição Federal diz que "***a lei não excluirá da apreciação do Poder Judiciário lesão ou ameaça a direito***".

Graças a esse inciso, toda pessoa tem o direito de **entrar com uma ação no Judiciário** para discutir algum problema. Se essa ação vai ser julgada procedente ou improcedente, é outra história... Mas há o direito de **buscar o judiciário.**

Se o indivíduo tem o direito de entrar com a ação, existe, por outro lado, o dever do Judiciário de **analisar o pedido e dar uma resposta**. Os juízes têm o **dever** de decidir **qualquer lesão ou ameaça a direito**, mesmo que **não exista uma lei** sobre o assunto.

De acordo com o artigo 140 do Código de Processo Civil, **o juiz não pode deixar de tomar uma decisão** por haver uma **lacuna** ou uma **obscuridade** do ordenamento jurídico. Ou seja, o juiz não pode cruzar os braços e dizer: "***Bem, como não existe lei sobre esse assunto, eu não vou fazer a sentença desse processo. Quando a lei for criada, aí eu decido".***

Não dá...

Licensed to Josue Jair de Souza Santana - josuekaic@gmail.com - 065.342.325-02

Então, nesses casos, entram os **procedimentos de integração do direito**. A integração é um procedimento para **preencher as lacunas** existentes na legislação.

Quando um país vai estruturar o seu ordenamento jurídico, uma das regras que devem ser observadas é a da **completude**. Isso quer dizer que o direito deve estar preparado para **resolver qualquer conflito**.

Mas, por outro lado, nós sabemos que é **impossível** conseguir criar leis que prevejam **todas as situações possíveis**. Sempre vão existir problemas que não têm previsão específica em nenhuma lei.

Dessa forma, os procedimentos de integração preenchem a lacuna do caso concreto, que é o problema daquele processo. **A lacuna ainda vai existir no ordenamento jurídico,** mas, como o juiz precisa resolver o **conflito entre as partes**, ele vai utilizar os **métodos de integração.**

Um detalhe: é errado falar que existe uma "***lacuna do direito".*** Como falei antes, uma das regras do ordenamento jurídico é a da **completude**, então **o direito não tem lacunas.** Quem tem lacunas é a **legislação**. Falta uma **lei** sobre aquele assunto. Como existem os procedimentos de integração, o **direito** será sempre **completo**.

E quais são esses procedimentos? O artigo 4º da **Lei de Introdução às Normas do Direito Brasileiro**, também conhecida como **LINDB**, dispõe que "***Quando a lei for omissa, o juiz decidirá o caso de acordo com a analogia, os costumes e os***

Licensed to Josue Jair de Souza Santana - josuekaic@gmail.com - 065.342.325-02

princípios gerais de direito."

Primeira dúvida: esse artigo traz uma **ordem** que deve ser seguida? O juiz deve tentar primeiro a analogia, depois os costumes e por último os princípios gerais?

A lei não é clara sobre isso e a **doutrina se divide.**

Eu, **pessoalmente**, faço a seguinte análise:

O juiz deve encontrar **a melhor solução para o caso**. Então, diante do caso concreto, ele vai ter que analisar qual método de integração é o **mais adequado** para resolver o conflito entre as partes. Ou seja, não necessariamente vai ser a ordem do art. 4º da LINDB.

Vamos agora começar a falar sobre os procedimentos de integração previstos na LINDB, que são **analogia**, **costumes** e **princípios gerais de direito**.

No final do capítulo, vou falar também sobre a **equidade**, embora ela não esteja na LINDB.

Vou começar explicando o que é a **analogia**.

Analogia

Uma analogia é, digamos assim, uma **comparação**. Vai existir uma analogia quando você **comparar** um caso que não está previsto em lei, com outro **semelhante** que esteja previsto. Você aplica a solução do caso previsto para o caso não previs-

Licensed to Josue Jair de Souza Santana - josuekaic@gmail.com - 065.342.325-02

to.

É extremamente importante que exista uma **semelhança** entre as situações. A **essência** delas deve ser parecida.

Atenção: a analogia **nem sempre** pode ser utilizada. Podemos citar aqui o Direito Penal: **não é possível haver analogia de norma penal incriminadora.** Isso significa que o juiz jamais vai poder condenar um réu por um crime que não esteja previsto em lei, fazendo uma analogia com outro crime. Também não é possível agravar a pena quando não há previsão em lei.

No **Direito Penal,** uma analogia não pode ser ***in malam partem***, ou seja, para prejudicar o acusado. Apenas pode haver a analogia ***in bonam partem*****:** em benefício do réu.

Agora que você já entendeu a analogia, vamos para os **costumes**.

Costumes

Lembra que você já estudou os costumes quando eu falei sobre as **fontes do direito?**

Eu mencionei que existem costumes ***secundum legem***, ***praeter legem*** *e* ***contra legem***.

Um costume é ***praeter legem*** quando dispõe sobre uma situação que **não tem previsão em lei.** Nesse caso, quando a lei é omissa, o costume será um método de integração do direito.

Licensed to Josue Jair de Souza Santana - josuekaic@gmail.com - 065.342.325-02

Contudo, nem sempre poderemos utilizar os costumes. No **Direito Penal**, por exemplo, nós temos o **princípio da reserva legal**, segundo o qual não pode haver crime ou pena sem previsão em lei. Uma pessoa jamais vai poder ser condenada criminalmente com base em costumes.

Por outro lado, os costumes são muito utilizados em outros ramos do direito. No **Direito Empresarial,** é comum a utilização de costumes nas relações que são travadas entre as empresas e seus parceiros, como fornecedores, importadores, comerciantes, e por aí vai.

Os costumes também tem papel marcante no **Direito Internacional,** pelo seguinte motivo: dentro de **um país**, há um poder legislativo **centralizado** que emana leis ao **país inteiro**. Já na órbita **internacional**, não existe esse poder centralizado.

Os países vão interagindo entre si e existem os organismos internacionais, como a ONU, mas o fato é que **não há um órgão central**. Então os países podem assinar **acordos e tratados internacionais** uns com os outros, mas às vezes eles regulam suas relações através de **costumes**.

Já falamos bastante sobre os costumes. É hora de ir para os **princípios gerais de direito.**

Princípios gerais de direito

Lembra que em outro capítulo nós já conversamos um pouco sobre a diferença entre os **princípios** e as **regras**?

Licensed to Josue Jair de Souza Santana - josuekaic@gmail.com - 065.342.325-02

Os princípios estruturam o Direito e **expressam os valores** da sociedade em que estão inseridos. Eles são uma **bússola moral,** porque fornecem um **norte** ao nosso sistema legal.

Dessa forma, busca-se **evitar que existam retrocessos** que não sejam compatíveis com um Estado Democrático de Direito.

Muitas vezes os princípios são menosprezados pelos estudantes porque eles pensam que o que importa mesmo é saber a **letra da lei**. Mas isso é um grande **erro**, porque o conteúdo da lei é formado com base nos **princípios**.

Quando você tem uma noção sólida sobre os princípios, fica muito mais fácil responder as dúvidas que surgem.

Os princípios devem ser levados em consideração na hora de **criar uma lei**, assim como no momento de **interpretar a lei** e, é claro, diante de uma **lacuna da lei.**

Como **método de integração**, eles propiciam que o julgador possa proferir uma decisão que concretize os fins sociais e levem ao **bem comum.**

Os princípios se subdividem basicamente em dois grupos: existem os **princípios gerais de direito** e os **princípios específicos** de cada matéria.

Por exemplo: o **Direito Tributário** é regido pelos **princípios gerais,** como o **princípio da legalidade**, e também pelos **princípios específicos de Direito Tributário**, como o **princí-**

Licensed to Josue Jair de Souza Santana - josuekaic@gmail.com - 065.342.325-02

pio do não confisco.

Aqui é importante destacar que embora o artigo 4º da LINDB mencione somente os princípios gerais de direito, os princípios específicos de cada matéria também podem ser utilizados como métodos de integração.

Por fim, podemos acrescentar um mecanismo que não é mencionado no artigo 4º da LINDB, que é a **equidade**.

Equidade

De forma bem simplificada, a equidade seria o julgamento feito conforme o **senso de justiça do julgador.**

O juiz analisa o caso e decide de acordo com a sua **noção de certo e errado**, ou de justo e injusto.

Existem situações em que a própria **lei** determina que o caso será julgado pela equidade.

Por exemplo, o artigo 928 do Código Civil diz que o **incapaz** deve responder pelos prejuízos que causar, se os seus responsáveis não tiverem essa obrigação ou se não tiverem meios suficientes para isso. Logo em seguida, o parágrafo único diz que a **indenização** deve ser **equitativa**.

Ou seja, o juiz, seguindo o seu **critério de justiça**, irá fixar o valor dessa indenização, de acordo com as **circunstâncias** daquele caso.

Licensed to Josue Jair de Souza Santana - josuekaic@gmail.com - 065.342.325-02

Pergunta: se houver uma **lacuna na lei**, é possível preencher essa lacuna através da **equidade**?

A resposta vai depender de qual **ramo do Direito** nós estamos falando.

Dentro do Direito Civil, temos o artigo 140, parágrafo único do CPC, que diz que "***o juiz só decidirá por equidade nos casos previstos em lei".***

O entendimento que se tem é o de que **primeiro** o juiz deve buscar decidir com base **na analogia, nos costumes ou nos princípios.**

Como a equidade traz critérios muito **subjetivos**, ela deve ser utilizada somente quando houver essa **autorização em lei.**

Por outro lado, no **Direito do Trabalho** existe uma utilização mais **ampla**. O artigo 8º da Consolidação das Leis do Trabalho (CLT) permite que o juiz do trabalho preencha lacunas através da equidade.

O **Código de Defesa do Consumidor** e a **Lei dos Juizados Especiais** também trazem a previsão de uso da equidade para resolver problemas quando não houver lei.

Licensed to Josue Jair de Souza Santana - josuekaic@gmail.com - 065.342.325-02

O que faz cada profissional do Direito?

Na minha primeira semana do curso de Direito, eu lembro que um professor pediu para que todos os alunos dissessem, um a um, o que nós pretendíamos exercer após a formatura.

Os estudantes, em sua maioria, disseram que queriam ser **promotores** ou **juízes**. Alguns almejavam ser desembargadores. Havia até quem sonhasse em ser Ministro do STF.

Pois bem. No final do curso, 5 anos depois, um outro professor fez a mesma pergunta.

Adivinhe o que a maioria respondeu?

"***Olha professor, nesse momento eu só quero me formar, depois eu penso no assunto".***

Afinal, quais são as principais carreiras jurídicas? O que é feito em cada profissão?

Não sei exatamente qual é o seu **objetivo** com esse livro. Não sei se você é estudante, é graduado em Direito ou se é apenas alguém que quer aprender.

De qualquer forma, ao entender o que faz cada profissional, você vai compreender a parte prática do Direito, como um todo. Vai poder entender melhor as notícias envolvendo as leis e as decisões judiciais.

Além disso, se você pensa em seguir alguma carreira jurídica,

Licensed to Josue Jair de Souza Santana - josuekaic@gmail.com - 065.342.325-02

talvez eu possa te ajudar a saber qual profissão tem mais a ver com você, para poder tomar essa decisão tão importante.

Não vou conseguir falar sobre todas as carreiras porque é impossível, já que são muitas, então vou focar nas principais.

Nos próximos capítulos, eu vou falar sobre as carreiras de **juiz, promotor, delegado, defensor público, procurador de órgãos públicos, advogado, analista e técnico**.

Vou falar aquilo que é mais importante e traçar algumas linhas gerais daquilo que se faz em cada profissão.

Se é do seu interesse saber mais detalhes, recomendo assistir às aulas do **Primeiros Passos no Direito.**

Juiz

O juiz, também chamado de **magistrado**, é quem conduz o processo e toma as decisões dentro dele. É um cargo de extrema **responsabilidade**, porque podemos dizer que, dentro de um processo, o juiz é o profissional que vai impactar mais a vida das partes. Afinal, é ele quem vai decidir o que vai ser feito com aquele problema que foi levado até a Justiça.

O juiz é quem efetivamente dá uma solução para os conflitos que as partes, sozinhas, não conseguiram resolver.

Todo magistrado no início da carreira ocupa o cargo de **Juiz Substituto**, e aí ele vai trabalhar em conjunto com um **Juiz Titular,** para ganhar experiência.

Licensed to Josue Jair de Souza Santana - josuekaic@gmail.com - 065.342.325-02

Um juiz deixa de ser substituto quando ele é promovido a Juiz Titular, e isso geralmente acontece quando aceita ir trabalhar em uma cidade pequena.

Outra coisa importante a respeito da magistratura é que os juízes, após completarem **2 anos** de trabalho, se tornam **vitalícios**. O que isso significa? Quer dizer que ele só pode ser afastado do cargo por uma **sentença** transitada em julgado.

O juiz só deixa de ser juiz se houver um **processo** para tirar ele do cargo e, antes disso, ele vai ter direito de **defesa**.

A **vitaliciedade** serve para que o juiz possa exercer bem as suas funções de julgador e enfrentar as mais diversas situações, sem correr o risco de sofrer uma **represália**.

Dentro da magistratura, existem diversas carreiras distintas, com **concursos diferentes.**

Se você quiser atuar na **Justiça Estadual**, você vai fazer o concurso para ser **Juiz de Direito.**

É até engraçado esse nome, né? "Juiz de Direito".

Uma vez uma amiga que **não é do meio jurídico** comentou comigo que ela tinha uma conhecida que era juíza. Daí eu perguntei: "***ah, que legal, ela é juíza de direito?"***

Nesse instante, minha amiga franziu a testa e disse: "*existe um juiz que não é de direito? Qual? O juiz de futebol?"*

Mostrando o cartão vermelho para quem viola as leis!

Licensed to Josue Jair de Souza Santana - josuekaic@gmail.com - 065.342.325-02

Agora você já sabe que Juiz de Direito é o nome que se dá para o juiz da Justiça Estadual.

E quais são os outros juízes?

Temos o juiz federal, o juiz do trabalho e o juiz militar.

Existe um concurso diferente para cada ramo da magistratura, porque são carreiras diferentes. Há concurso específico para ser juiz de direito, federal, trabalhista ou militar.

E o juiz eleitoral?

O juiz eleitoral é um juiz de direito. Não existe concurso específico para ser juiz eleitoral.

Aqui temos um detalhe bem interessante: **a Justiça Eleitoral faz parte do Poder Judiciário da União, mas o juiz eleitoral é um juiz estadual.**

E nos tribunais? Como os juízes se chamam?

Nos **tribunais de segunda instância,** que são **TJ, TRF, TRT, TRE e TJM**, ele vai se chamar **Desembargador**.

Nos **tribunais superiores**, ou seja, **STF, STJ, TST, TSE e TSM**, se chamará **Ministro**.

A diferença entre juiz, desembargador ou ministro está em qual instância ele atua.

Na primeira instância, ou primeiro grau, ele é chamado de **juiz**.

Licensed to Josue Jair de Souza Santana - josuekaic@gmail.com - 065.342.325-02

Na segunda instância, ele é **desembargador**.

E nos tribunais superiores, ele é **ministro**.

Em outro capítulo mais para frente eu vou falar só sobre tribunais, então lá vou explicar muito mais sobre o que faz cada um desses juízes. Calma! Vou chegar lá!

O próximo capítulo é sobre o Promotor. Te vejo lá!

Promotor

Muita gente confunde as funções de juiz e de promotor. Afinal, qual é a diferença entre essas carreiras? Em que consiste a profissão de **promotor**? Qual é seu papel dentro do ordenamento jurídico?

De uma certa forma, é como se o promotor fosse aquela pessoa que olha para os outros e diz: "***eu vou falar os fatos, quer você queira ou não"***.

Pré-requisito para ser promotor: gostar de uma **treta**. O promotor sente cheiro de confusão no ar e já vai correndo fazer a pipoca. O negócio dele é botar lenha na fogueira.

Brincadeiras à parte, o promotor é membro do Ministério Público, ou MP. Ele tem vários papéis, mas podemos dizer que a sua principal função é a de **fiscalizar o cumprimento das leis.** É como se o Promotor fosse um **defensor dos interesses da sociedade.**

Licensed to Josue Jair de Souza Santana - josuekaic@gmail.com - 065.342.325-02

Pense o seguinte: o juiz não pode sair por aí iniciando processos **por conta própria.**

O juiz não pode dizer: "*vi que isso aqui está errado e vou começar uma ação para poder julgar".*

Dentro do nosso sistema legal, **cada pessoa tem uma função**. Cabe às **partes** iniciar o processo e levar a questão ao juiz, para que ele possa **decidir** da melhor forma.

Muitas vezes, quem inicia esse processo é o **promotor**, fazendo uma **denúncia** ou uma **representação** de algo que ele percebe que está errado.

Geralmente a gente associa a figura do promotor à esfera **penal**. Logo que pensamos em promotor, já pensamos em **crime**.

De fato, o Promotor é o responsável por promover a **ação penal pública**, mas não é só isso que um Promotor faz. O trabalho dele vai **muito além disso.** Ele também atua em diversas outras questões, como em causas que envolvam **crianças, adolescentes, idosos, meio ambiente, saúde pública, direitos humanos e muitas outras situações.**

Muita gente pensa que existe **hierarquia** entre o Promotor e o Juiz, **mas não existe**. Atenção: **o juiz não é chefe do promotor.** Eles têm funções diferentes e pertencem a carreiras diferentes.

Aliás, é importante dizer que o Ministério Público é uma **função independente**, o que quer dizer que ele **não faz parte**

Licensed to Josue Jair de Souza Santana - josuekaic@gmail.com - 065.342.325-02

dos três poderes.

O MP não pertence ao Poder Executivo, Legislativo ou Judiciário.

Já deu para perceber a relevância da carreira de Promotor, né?

Outra coisa importante a respeito da carreira de membro do Ministério Público é que os promotores, após completarem 2 anos de trabalho, se tornam **vitalícios**.

Lembra que eu comentei sobre isso no capítulo passado, sobre os juízes? **O raciocínio é o mesmo**. O promotor só pode ser afastado do cargo por uma sentença transitada em julgado. Ele só deixa de ser promotor se houver um processo para tirá-lo do cargo, e antes disso, ele, obviamente, vai ter **direito de defesa**.

A **vitaliciedade** serve para que o promotor possa exercer bem as suas funções perante a sociedade, sem correr o risco de sofrer uma **represália**.

Existem diversas carreiras dentro do MP, cada uma delas com um concurso diferente.

No **Ministério Público Estadual,** quem atua é o **Promotor de Justiça.**

Dentro do **Ministério Público da União (MPU),** nós temos vários ramos, cada um com membros diferentes:

No Ministério Público Federal, temos o **Procurador da Repú-**

Licensed to Josue Jair de Souza Santana - josuekaic@gmail.com - 065.342.325-02

blica.

No Ministério Público do Trabalho, o **Procurador do Trabalho**.

No Ministério Público Militar, o **Promotor de Justiça Militar**

No Ministério Público do Distrito Federal e Territórios, o **Promotor de Justiça*.**

> ** Nesse último caso, ele se chama Promotor de Justiça, que é o mesmo nome usado no Ministério Público Estadual, mas é uma carreira que faz parte do Ministério Público da União.*

Delegado de Polícia

Um dia, uma mulher entrou na delegacia e disse ao delegado: "*meu marido saiu de casa ontem à noite e disse que ia comprar arroz, mas até agora não voltou. E agora, o que eu faço?"*

O delegado pensou um pouco... Abriu o Código Penal...

Folheou o Código de Processo Penal...

Pensou sobre o caso concreto...

Depois de alguns minutos de intensa reflexão, ele olhou para ela e respondeu: "***Já sei! Faz macarrão"***.

Você quer saber o que faz um Delegado? Qual é a diferença entre Delegado de Polícia Civil e Delegado de Polícia Federal?

Licensed to Josue Jair de Souza Santana - josuekaic@gmail.com - 065.342.325-02

Você pode ser um delegado na esfera estadual, e aí você vai se chamar **Delegado de Polícia Civil**, ou você pode ser um delegado na esfera federal, e aí você vai ser um **Delegado de Polícia Federal.**

A diferença no trabalho desses dois delegados está relacionada às **matérias** que cada um vai ter que lidar. Existem crimes cuja investigação compete à **esfera estadual**, e outros que são de competência da **esfera federal.**

É uma divisão por matéria, ou seja, por **assunto** que está sendo investigado.

Como **exemplos** de crimes que são investigados pela Polícia Federal, temos tráfico internacional de drogas e de armas e também outros crimes como contrabando, descaminho, moeda falsa e muitos outros.

No Código de Processo Penal, o delegado aparece com outro nome: ele é chamado de **Autoridade Policial.** Sempre que você ouvir falar no nome ***Autoridade Policial***, já sabe, estamos falando do **Delegado**.

A principal atribuição do delegado é a de **comandar a atividade de investigação criminal**. Ele preside o **inquérito policial** e investiga os crimes, coordenando os trabalhos que acontecem na polícia, para esclarecer os fatos que estão sendo apurados.

No final do inquérito, o **delegado** manda um **relatório** para o juiz.

Licensed to Josue Jair de Souza Santana - josuekaic@gmail.com - 065.342.325-02

O **promotor** pode utilizar os elementos colhidos no inquérito policial para embasar a sua **denúncia**.

O **promotor também tem poder de investigação**, então ele não fica dependendo do Delegado para isso. Mas ele pode se basear no inquérito para oferecer a denúncia.

Na Polícia Militar não existe delegado?

Não, a **Polícia Militar** tem uma estrutura hierárquica diferente e não existe a figura do Delegado. Aqui vale a pena fazer uma breve explicação sobre as polícias.

A Polícia Militar busca **preservar a ordem pública.** Ela tem como objetivos **prevenir o crime** ou fazer a **repressão imediata**, quando o crime acabou de acontecer. Por isso se diz que a Polícia Militar é uma **polícia ostensiva.**

Já as Polícias Civil e Federal são **polícias judiciárias**, o que quer dizer que elas são polícias **investigativas**. Elas têm o papel de investigar os crimes que já aconteceram e promover o **inquérito policial.**

Defensor Público

É sempre complicado falar sobre a Defensoria Pública. Existem muitas pessoas que pensam: "*Defensor público só defende Zé Droguinha, não quero que gastem meu imposto para defender bandido, mimimimi".*

Contudo, se você está lendo esse livro, acredito que tenha uma

Licensed to Josue Jair de Souza Santana - josuekaic@gmail.com - 065.342.325-02

mente mais evoluída. Ufa!

A Defensoria Pública é, na minha opinião, uma das mais belas carreiras dentro do Direito.

Mas o que faz um defensor público?

O defensor público é aprovado em um concurso público para **prestar assistência jurídica gratuita aos que comprovem que não tem condições financeiras de pagar por um advogado**.

Cabe aos defensores públicos orientar os cidadãos e defender seus interesses e direitos.

Muitas pessoas criticam os profissionais da Defensoria Pública, porque pensam que eles "***só defendem bandidos"***, mas não é bem assim.

Em primeiro lugar, **qualquer pessoa que seja denunciada por um crime deve ter direito de defesa**, e essa defesa deve ser formulada por alguém capacitado para isso. Só que **nem todo mundo pode pagar por um advogado**, e é aí que entra o defensor público.

Se o réu for culpado, **ele deve ser condenado.** Mas o fato é que **todos devem ter ao menos o direito de se defender,** antes de receber uma condenação pela Justiça.

Em segundo lugar, a Defensoria Pública vai muito além da defesa de réus em ações penais. **Não é só isso que o defensor público faz**.

Licensed to Josue Jair de Souza Santana - iosuekaic@gmail.com - 065.342.325-02

Ele pode, por exemplo, prestar atendimento a mulheres que sejam vítimas de violência doméstica, para solicitar medidas protetivas ao judiciário. Pode auxiliar um paciente que precise de vaga em um hospital, ou que precise de uma medicação que não seja fornecida pelo SUS. Ele também pode atuar em processos da Vara da Família, como em ações de divórcio, guarda ou alimentos. **As formas de atuação de um defensor público são muitas.**

Existe a **Defensoria Pública dos Estados** e também a **Defensoria Pública da União.**

Para saber qual defensoria buscar, você deve observar a **matéria** a ser tratada:

Se for matéria de competência da **Justiça Estadual**, quem atua é o defensor estadual.

Já o Defensor Público da União terá atuação se a matéria for atribuição de algum dos ramos do **Poder Judiciário da União**, ou seja: **Justiça Federal, do Trabalho, Eleitoral ou Militar.**

Como **exemplo** de atribuição do **Defensor Público da União,** nós temos os casos em que uma pessoa precisa entrar com ação contra o **INSS** para pedir um **benefício previdenciário.**

Em outro capítulo, eu vou falar sobre a divisão entre as matérias estaduais e federais e vai ficar bem mais fácil de entender.

Como o defensor público deve auxiliar as pessoas que tenham algum problema e não possam pagar por um advogado, essa

Licensed to Josue Jair de Souza Santana - josuekaic@gmail.com - 065.342.325-02

é uma carreira que exige uma **grande sensibilidade** por parte do seu ocupante.

No dia a dia, o defensor vai lidar com **pessoas de pouca condição financeira** e que precisam que esse profissional defenda os seus interesses. É um papel super importante para fazer valer os direitos de todas as pessoas, inclusive daqueles que não podem pagar por isso.

Procurador de Órgãos Públicos

Nesse capítulo você vai descobrir as carreiras dentro da **Advocacia-Geral da União, Procuradoria-Geral do Estado, Procuradoria dos Municípios** e qual é a importância dessa profissão.

Os **entes públicos,** como União, Estados, Municípios, autarquias e fundações públicas precisam de **procuradores** que defendam seus interesses.

O procurador de um órgão público tem basicamente duas formas de atuação: ele tem **atuação consultiva,** ou seja, presta assessoria e orientação jurídica ao órgão público, e ele também tem **atuação contenciosa,** o que significa que se houver algum problema judicial ou extrajudicial envolvendo esse órgão, o procurador irá auxiliá-lo.

Vou falar primeiro sobre as procuradorias no âmbito da **União**. A representação judicial e extrajudicial da União é exercida pela **Advocacia-Geral da União, ou AGU.**

Licensed to Josue Jair de Souza Santana - josuekaic@gmail.com - 065.342.325-02

Existem quatro procuradorias dentro da **AGU**: você pode ser um advogado da União, um procurador federal, um procurador da fazenda nacional ou um procurador do banco central.

Cada procuradoria faz parte de uma carreira distinta, com um concurso público diferente. Vamos ver o que cada um faz.

Advogado da União: é quem representa a própria **União**, quando ela for autora ou ré em uma demanda.

Um exemplo disso são as demandas de **medicamentos**, quando uma pessoa pede que a União pague um medicamento que não é fornecido pelo **SUS**. Se um dia você entrar com uma ação de medicamentos contra a União, a defesa dela será exercida por um Advogado da União.

Procurador Federal: é quem faz a representação das **autarquias e fundações federais**. Exemplos: INSS, IBAMA, INCRA, universidades federais, existem muitas entidades que são representadas pelos procuradores federais.

O grande destaque vai para o **INSS**, que é um dos maiores litigantes do nosso Judiciário, seja como autor ou réu. A quantidade de processos envolvendo o INSS é enorme e quem representa essa autarquia são os Procuradores Federais.

Se um dia você resolver entrar com ação contra o INSS para pedir um benefício previdenciário, você já sabe quem vai fazer a defesa dessa autarquia.

Procurador da Fazenda Nacional: é quem cuida das questões

Licensed to Josue Jair de Souza Santana - iosuekaic@gmail.com - 065.342.325-02

envolvendo os **tributos da União**. Falou em tributo federal, pode chamar o Procurador da Fazenda Nacional.

Exemplos são fáceis de lembrar né? Imposto de Renda, Imposto de Importação, Imposto de Exportação, IPI, IOF, COFINS, CSLL... a lista é bem grandinha.

A Fazenda Nacional pode ser **autora**, que é quando ela está cobrando um tributo de alguém que não pagou, através de uma **execução fiscal**, ou ela pode ser **ré**, nas situações em que **o contribuinte entra com ação** alegando que ele não tem o dever de pagar por determinado tributo.

Atenção: o tributo deve ser federal. Lembre-se que também existem tributos que são instituídos pelos estados e pelos municípios.

Como exemplo de tributo **estadual** temos o **IPVA**, e exemplo de tributo **municipal**, o **IPTU**.

No caso de tributos dos estados e municípios, a representação **não** é feita pelo Procurador da Fazenda Nacional. Já vamos falar sobre isso.

Procurador do Banco Central: presta assessoria jurídica e faz a representação do BACEN.

Um detalhe interessante é que o BACEN é a única autarquia federal que tem uma procuradoria exclusiva, só para si. A explicação para isso é que se trata de uma carreira bastante específica, muito ligada ao Direito Econômico e Financeiro.

Licensed to Josue Jair de Souza Santana - josuekaic@gmail.com - 065.342.325-02

Fechamos as 4 procuradorias relacionadas à AGU. Vimos o que faz o advogado da União, o procurador federal, o procurador da fazenda nacional e o procurador do banco central.

E os estados?

No âmbito de cada estado, nós vamos ter a **Procuradoria-Geral do Estado**, ou PGE. O **Procurador do Estado** deve fazer a representação do próprio estado, de suas autarquias e fundações e também defender os interesses tributários desse estado.

Ou seja: no âmbito do **Estado**, não vai haver uma divisão em carreiras diferentes, como ocorre na União.

Ação de medicamentos contra o estado? Quem faz a defesa é o Procurador do Estado.

Você quer processar alguma autarquia ou fundação estadual? O Procurador do Estado irá defendê-la.

Você deixou de pagar um tributo estadual, como o IPVA? O Procurador do Estado vai ajuizar uma execução fiscal contra você.

Pode existir uma subdivisão em departamentos dentro da Procuradoria, e aí cada departamento se concentra em uma área de atuação. **Mas fica tudo dentro da própria PGE.**

Nos municípios, o raciocínio é o mesmo. O **Procurador do Município** é responsável por representar o município em si, também suas autarquias e fundações, bem como defender os

Licensed to Josue Jair de Souza Santana - josuekaic@gmail.com - 065.342.325-02

interesses tributários do município.

Advogado

A pergunta que não quer calar: para virar advogado, basta passar no Exame da Ordem?

Você pode ser advogado e juiz ao mesmo tempo?

Afinal, em que consiste essa profissão?

O advogado defende os interesses dos seus clientes e ele pode atuar nas mais diversas áreas. Você pode ser um advogado da área cível, trabalhista, previdenciária, penal, empresarial, tributária, e por aí vai.

Para se tornar um advogado, você deve se formar em Direito, passar no **Exame da Ordem** e depois fazer o seu **registro** para entrar nos quadros da **OAB**.

Se você passar no Exame da Ordem, você não vira automaticamente um advogado?

Não! Você precisa fazer o **registro** nos quadros da **Ordem dos Advogados do Brasil (OAB).**

O exame da ordem serve para você **se habilitar** para fazer esse registro, mas existem muitas pessoas que passam na prova da OAB e **preferem não se registrar,** e então **não podem advogar.**

"***Mas Cíntia, por que alguém passa na prova da OAB e es-***

Licensed to Josue Jair de Souza Santana - iosuekaic@gmail.com - 065.342.325-02

colhe não se registrar?"

O principal motivo é porque a advocacia é **incompatível** com a maioria das demais carreiras jurídicas.

Eu sou um exemplo disso. Quando estava na faculdade, eu **passei** no Exame da Ordem. Então, logo que me formei, eu fiz o meu registro nos quadros da OAB.

Contudo, pouco tempo depois, fui **nomeada** em concurso para ser servidora do Poder Judiciário, no cargo de técnico judiciário. Para assumir esse cargo, eu precisei **cancelar** a minha inscrição na OAB, porque são funções consideradas **incompatíveis**.

Como eu optei por ser **servidora do Poder Judiciário**, eu não posso ter inscrição nos quadros da OAB e **não posso exercer a advocacia.**

Essa incompatibilidade com a advocacia acontece também com muitas outras carreiras públicas, eu diria que **quase todas**.

Geralmente a exceção ocorre nas **procuradorias de alguns órgãos públicos.** Mas atenção: eu disse **alguns.**

Existem órgãos que permitem que os seus procuradores também possam atuar como advogados, quando estiverem fora do expediente de trabalho. Como eu disse, existem órgãos que permitem isso, mas não são todos.

E as carreiras de juiz, promotor, delegado e defensor públi-

Licensed to Josue Jair de Souza Santana - josuekaic@gmail.com - 065.342.325-02

co? Será que pode também, ao mesmo tempo, ser **advogado**? Não!

Se você tomar posse no concurso de juiz, promotor, delegado ou defensor público, você **não pode atuar como advogado**. Existe uma **incompatibilidade**. É necessário cancelar a inscrição e devolver a carteirinha da OAB.

Mas calma: se um dia você mudar de ideia e resolver pedir demissão do serviço público para voltar a advogar, você **não precisa fazer o Exame da Ordem de novo.** Basta solicitar novamente o seu registro nos quadros da Ordem dos Advogados do Brasil. Muitos servidores esperam se aposentar para aí começarem a advogar. É algo bastante comum.

Técnico e Analista

Dentro das carreiras públicas, o que faz um Técnico? Qual é a **diferença** entre o **Técnico** e o **Analista**? E qual é a diferença entre **Área Judiciária** e **Área Administrativa?**

Os técnicos e os analistas **dão suporte** dentro das mais variadas carreiras públicas. O que posso dizer é que, em alguns órgãos, a diferença de atribuições entre técnico e analista costuma ser meio **nebulosa**.

Existem ambientes de trabalho em que os analistas têm atribuições **diferentes** das dos técnicos, mas também há muitos lugares em que os técnicos e analistas fazem exatamente as **mesmas coisas.**

Licensed to Josue Jair de Souza Santana - josuekaic@gmail.com - 065.342.325-02

Qual é a **diferença** entre esses dois cargos? A diferença básica é que a carreira de **analista** exige **nível superior**, enquanto na carreira de **técnico** basta ter o **ensino médio completo.** Isso interfere, obviamente, no **salário**, porque dentro de um órgão, a remuneração dos analistas é melhor do que a dos técnicos.

Se você for um técnico mas tiver curso superior, geralmente existe um **adicional** e aí você ganha um pouco mais. Mas, via de regra, os técnicos ganham menos do que os analistas.

Tem muita gente que defende que os técnicos com nível superior deveriam ser **equiparados** aos analistas... mas eu (que sou técnica) sinceramente acho que isso **nunca vai acontecer.**

Quais são as **opções** de concurso público? Você pode atuar como técnico ou analista de Tribunais, do Ministério Público, da Defensoria Pública, das Procuradorias, do INSS, etc.

Seria impossível entrar em detalhes do que faz um técnico e um analista de cada órgão, poia o capítulo ficaria longo demais. Então vou falar somente sobre a carreira dentro do **Poder Judiciário.**

Quem já prestou algum concurso para servidor do Poder Judiciário, deve ter reparado que existem cargos para a **Área Judiciária** e outros para a **Área Administrativa**. Afinal, qual é a diferença?

É mais ou menos o seguinte: se você exercer função na **Área Judiciária**, você vai prestar apoio à execução de tarefas dentro de uma **vara**, ou seja, relacionadas aos **processos** que trami-

Licensed to Josue Jair de Souza Santana - josuekaic@gmail.com - 065.342.325-02

tam na Justiça.

Você vai fazer tarefas que auxiliem o juiz, como certidões, atos ordinatórios, ofícios, mandados de intimação... Você pode prestar atendimento às partes, no balcão... enfim, existe uma enorme quantidade de atividades que ocorrem dentro de uma vara. É como se você trabalhasse nos **bastidores** de um processo.

Já aqueles que exercem função na **Área Administrativa** vão lidar com a parte **administrativa** do fórum. Ou seja: recursos humanos, compra de materiais, contratação de serviços, contabilidade, informática, protocolo... existem diversas tarefas que são exercidas na Área Administrativa.

A diferença principal é que quem atua na Área Judiciária lida mais com o direito em si, enquanto quem trabalha Área Administrativa está mais ligado à gestão e à organização do fórum.

Como existem muitas profissões relacionadas ao Direito, seria impossível falar de todas, então escolhi as principais para trazer para você. Elas também foram tratadas em aulas do curso **Primeiros Passos no Direito** de forma mais completa, para aqueles que tenham interesse de saber mais sobre o assunto.

Licensed to Josue Jair de Souza Santana - josuekaic@gmail.com - 065.342.325-02

Atividade jurídica para concursos

Existem alguns concursos que exigem um período de **atividade** ou **prática jurídica** por parte do candidato. Mas, afinal de contas, o que é prática jurídica para fins de concurso público?

Nesse capítulo eu vou falar sobre isso. Contudo, devo fazer uma **advertência**: eu vou tentar esclarecer o máximo possível, mas, como existem muitas carreiras jurídicas, **talvez alguma fique de fora.**

Ou talvez você fique com alguma **dúvida específica** sobre determinada forma de prática jurídica, pois eu provavelmente **não vou conseguir trazer todas as variáveis possíveis.**

Se você tiver dúvidas, o que você precisa fazer é procurar o **edital** do seu concurso e ver o que diz ali a respeito dos requisitos para ocupar o cargo. Tem muito candidato por aí que não lê o Edital, mas tem que ler.

Recados dados, **vamos começar.**

Em primeiro lugar, o que é **Prática Jurídica**, ou **Atividade Jurídica?**

Trata-se de uma comprovação de um **tempo mínimo** de exercício de atividade que seja relacionada à área do Direito.

O órgão vai lá e diz: "*eu só quero ocupando esse cargo candidatos que já tenham uma certa experiência jurídica*".

Licensed to Josue Jair de Souza Santana - josuekaic@gmail.com - 065.342.325-02

E por que os órgãos fazem isso?

Porque determinados cargos exigem um **entendimento maior** por parte dos meus ocupantes, e então se entende que não basta somente estudar as leis, é preciso **saber colocá-las em prática.**

Este termo "***atividade jurídica"*** pode significar várias coisas, de acordo com o cargo que você deseja. Vou explicar um a um.

Atualmente, os concursos **federais** que exigem prática jurídica são os de **membros da Magistratura, membros do Ministério Público, Delegado, Defensor Público e Procuradores das carreiras relacionadas à Advocacia Geral da União.**

Por que eu ressaltei que são concursos **federais**?

Porque nos estados, dependendo do órgão, a coisa muda um pouco de figura. Mas calma que vou chegar lá!

Vou começar falando sobre o concurso mais amado pelos estudantes de Direito, que é o da **Magistratura**.

Houve um tempo em que não era necessário ter prática jurídica para se tornar **juiz**. Muitos alunos saíam da universidade, passavam no concurso e viravam juízes em seguida, sem nunca antes terem trabalhado na área jurídica.

Então, no ano de 2004, veio a **Emenda Constitucional 45**, que **alterou** o **artigo 93 da Constituição.** A partir da Emenda Constitucional 45, de 2004, passou-se a exigir que os candida-

Licensed to Josue Jair de Souza Santana - josuekaic@gmail.com - 065.342.325-02

tos a juízes tivessem no mínimo **três anos de atividade jurídica.**

Isso só valeu **daquele ano em diante**, ou seja, existem muitos juízes que não precisaram ter esses três anos de prática jurídica porque passaram no concurso **antes** da Emenda Constitucional 45.

Atualmente, todo mundo que sonha em ser juiz precisa saber que vai ter que exercer **três anos de prática jurídica após a obtenção do grau em bacharel em Direito**. Como assim? Os três anos só começam a contar quando você **cola grau** no curso de Direito, ou seja, quando você **se forma.**

Pergunta: os estágios que você faz **durante** o curso podem ser contados como prática jurídica para o concurso da magistratura? Não.

Tudo isso que eu estou falando vale para os concursos de juízes de todas as esferas, tanto **federal** como **estadual**.

Se você já pensou em ser **juiz federal, juiz trabalhista, juiz militar ou juiz de direito,** saiba que terá que comprovar três anos de atividade jurídica exercida após o término do curso de Direito.

E em que momento você deve **comprovar** os 3 anos? É quando faz a inscrição no concurso? Ou é depois que passa?

A resposta está na **Resolução 75 do Conselho Nacional de Justiça** (CNJ). Segundo o **artigo 23**, no momento em que o

Licensed to Josue Jair de Souza Santana - josuekaic@gmail.com - 065.342.325-02

candidato for fazer a **inscrição preliminar,** ele deve preencher uma **declaração** que atesta que ele é bacharel em Direito e que vai comprovar os três anos de prática jurídica até a data da **inscrição definitiva.**

A **inscrição definitiva** do concurso da magistratura acontece quando o candidato é **aprovado na segunda etapa** do concurso e vai partir para a terceira etapa.

(Caso você não saiba, o concurso para juiz é dividido em **5 etapas**, mas eu não vou entrar aqui em detalhes porque senão esse capítulo ficaria longo demais.)

O que você precisa saber agora é que a **primeira etapa** é composta por uma prova com questões objetivas e a **segunda etapa** é formada por duas provas escritas (uma para responder questões discursivas e a outra para fazer sentenças).

Depois que o candidato recebe a notícia de que ele foi **aprovado na segunda etapa**, ele deve **comprovar** que já tem os 3 anos de atividade jurídica, para aí poder passar para as **demais etapas do concurso**.

E se ele ainda não tiver completado os três anos? Aí ele é excluído do certame! Ou, como se diz em Chapecó: "***se foi o boi com a corda***".

Agora vamos para a pergunta que não quer calar: o que pode ser considerado como **prática jurídica** para o concurso da **magistratura**?

Licensed to Josue Jair de Souza Santana - iosuekaic@gmail.com - 065.342.325-02

A informação está no **artigo 59** da Resolução 75. Ali temos uma lista das atividades que podem ser qualificadas como jurídicas.

A **primeira** delas é a atividade que seja **exercida com exclusividade por bacharel em Direito**.

Como assim?

Existem cargos que são privativos para quem é formado em Direito, como é o caso do cargo de **Analista Judiciário**. Nesses casos em que uma atividade só pode ser exercida por alguém formado em Direito, ela conta como atividade jurídica.

Como você faz para saber se um cargo é **privativo de bacharel em Direito?**

Olhando o **edital** daquele concurso.

Se você for olhar os editais dos concursos de Analista Judiciário dos Tribunais, por exemplo, você vai ver que, entre os **requisitos** para o cargo está a formação no curso de Direito.

Então o trabalho como **Analista Judiciário** pode ser considerado para fins de **prática jurídica.**

A **segunda** possibilidade para comprovar prática jurídica é o exercício da **advocacia**.

Para comprovar que você atuou como advogado, é necessária a **participação anual em no mínimo 5 atos que sejam privativos de advogados, em causas ou questões distintas**.

Licensed to Josue Jair de Souza Santana - josuekaic@gmail.com - 065.342.325-02

Para saber quais são os atos privativos de advogados, você deve ler o artigo 1º do Estatuto da OAB.

A **terceira** possibilidade para comprovar prática jurídica é a de **exercer cargos, empregos e funções que exigem o uso preponderante de conhecimento jurídico.** Aqui se inclui o **magistério**, ou seja, **dar aulas**. Se você dá aulas de Direito, saiba que isso é considerado prática jurídica.

Nesse ponto, devo abrir um **parêntese** para o cargo que eu exerço na Justiça Federal, que é o cargo de **Técnico Judiciário**.

Afinal, o técnico judiciário pode ser enquadrado como prática jurídica?

A análise que deve ser feita é se a **função** exercida é **jurídica** ou não.

Atenção: **função não é o mesmo que cargo.**

Dentro do **cargo** de técnico judiciário em um tribunal, é possível exercer diversas **funções**, que podem ser **jurídicas ou não.**

Existem técnicos que trabalham no Poder Judiciário atuando em **funções jurídicas**? Sim. Um exemplo são os técnicos que trabalham nos gabinetes, como assessores dos juízes.

É possível um técnico ser assessor do juiz, desde que tenha curso superior em Direito.

Licensed to Josue Jair de Souza Santana - josuekaic@gmail.com - 065.342.325-02

Nesses casos em que **o cargo não é privativo de bacharel em Direito**, como é o caso do cargo de **técnico judiciário**, a comprovação do tempo de atividade jurídica vai ser realizada mediante uma **certidão circunstanciada**, que vai ser expedida pelo **órgão** em que o servidor atuou, indicando quais eram as **atribuições e práticas** que exigiam a utilização preponderante de conhecimento jurídico. Depois a Comissão do Concurso vai analisar esse documento.

Afinal, o cargo de técnico judiciário conta como prática jurídica ou não?

A resposta é que isso depende da **função** que esse técnico exerce no órgão.

A **quarta** possibilidade de prática jurídica é a de exercer a função de **conciliador no Poder Judiciário por no mínimo 16 horas mensais durante 1 ano.**

Aqui muita gente faz confusão. As pessoas pensam mais ou menos assim: *"a Constituição diz que tem que ter 3 anos de prática jurídica, mas se for conciliador, aí basta somente 1 ano".*

Não é isso.

A interpretação correta é a seguinte: se você for ser conciliador, deverá exercer 16 horas por mês durante 1 ano, **para que esse ano seja considerado como prática jurídica.**

Por exemplo, se você atuou por **6 meses** como conciliador e parou, esse período **não vai ser computado como atividade,**

Licensed to Josue Jair de Souza Santana - josuekaic@gmail.com - 065.342.325-02

pois você não atingiu o mínimo de 1 ano.

Para contar prazo como conciliador, você deve exercer a função por no mínimo 16 horas mensais por 1 ano.

Por fim, a **quinta** possibilidade de prática jurídica é a de exercer **mediação ou arbitragem na composição de litígios**. Você pode atuar como **mediador** ou **árbitro.**

Pergunta: vamos supor que em um ano você atue como mediador e também como advogado. É possível computar 2 anos em 1?

Não. Não pode.

Mesmo que você exerça mais de uma atividade jurídica ao mesmo tempo, deve comprovar que tem os três anos de prática, e não dá para tentar diminuir esse tempo.

Pergunta: Pós graduação conta como atividade jurídica?

O simples fato de fazer uma pós-graduação não é computado como prática. Mas existem cursos de pós-graduação em Direito que têm a opção de fazer **estágio**, e, ao fazer esse estágio, conta-se o tempo como prática jurídica.

Ou seja, fazer **estágio** durante a **graduação** não vale como atividade jurídica, mas o **estágio da pós-graduação** vale**.**

E o mestrado e o doutorado?

No concurso da magistratura, o mestrado e o doutorado podem ser utilizados na prova de **títulos**, mas não para obtenção

Licensed to Josue Jair de Souza Santana - josuekaic@gmail.com - 065.342.325-02

de prática jurídica.

Em linhas gerais, o que eu tinha para falar sobre prática jurídica para o concurso da magistratura era isso. Recomendo a leitura da **Resolução 75 do CNJ.**

Vamos agora para a próxima carreira que exige atividade jurídica, que é a de **Membro do Ministério Público.** Quando se fala em "***membro do MP***", muita gente confunde e acha que para ocupar **qualquer cargo** do Ministério Público é necessário prática jurídica, **e não é isso**.

O nome "***membro***" é utilizado somente para os cargos de **Promotor de Justiça, Procurador da República, Procurador do Trabalho e Promotor de Justiça Militar.**

Em outras palavras, se você quer fazer concurso para **analista** ou **técnico** do Ministério Público, **não precisa se preocupar**, porque não é preciso ter prática jurídica.

Mas se a sua intenção é a de ser Promotor de Justiça, Procurador da República, Procurador do Trabalho ou Promotor de Justiça Militar, saiba que vai precisar comprovar **3 anos de prática jurídica**.

Essa exigência existe desde a **Emenda Constitucional 45 de 2004**, a mesma que eu falei agora há pouco, quando expliquei sobre a Magistratura.

Essa emenda alterou o **artigo 93 da Constituição** para exigir que os candidatos a membros do MP tivessem 3 anos de ativi-

Licensed to Josue Jair de Souza Santana - josuekaic@gmail.com - 065.342.325-02

dade jurídica.

Os detalhes de como a prática jurídica pode ser realizada estão na **Resolução 40 do Conselho Nacional do Ministério Público (CNMP).**

De uma forma geral, podemos dizer que aquilo que é considerado atividade jurídica para o MP é **praticamente o mesmo** que é considerado para a Magistratura, mudando somente alguns detalhes.

No MP também é necessário desempenhar a atividade jurídica **após** a conclusão do curso de Direito e as formas de comprovar essa prática são basicamente **as mesmas.**

A maior diferença está nos cursos de pós-graduação, mestrado e doutorado.

A Resolução 40 do CNMP **aceita** que esses cursos sejam computados como prática.

Considera-se **1 ano** para pós-graduação *latu sensu* (desde que tenha carga horária mínima de 360 horas), **2 anos** para mestrado e **3 anos** para doutorado.

Outra diferença entre o concurso da magistratura e do MP é que no Ministério Público é possível obter a prática jurídica através de **serviço voluntário em órgãos públicos.** Nesse caso, exige-se a prática reiterada de atos que demandem a utilização preponderante de conhecimentos jurídicos, pelo período mínimo de **16 horas mensais e durante 1 ano.**

Licensed to Josue Jair de Souza Santana - josuekaic@gmail.com - 065.342.325-02

Para saber mais sobre os requisitos para comprovar atividade jurídica para o concurso de Promotor, recomendo a leitura da Resolução 40 do CNMP.

Vamos agora para outra carreira muito perguntada, que é a de **delegado**.

Primeiro vou falar sobre o cargo de **delegado federal** e depois vou falar sobre a situação dos **delegados da polícia civil.**

No caso dos **delegados de polícia federal,** existe a exigência de **três anos de atividade jurídica ou policial.**

Em 2014 esse requisito foi inserido na Lei 9266, que é a lei que fala sobre as carreiras da polícia federal. Depois disso, em 2018, veio a Instrução Normativa 124 para regulamentar o que seria considerado atividade jurídica ou policial.

As atividades jurídicas são **as mesmas do concurso da magistratura**, então eu não vou repetir quais são.

O grande diferencial do concurso para delegado federal é que existe a possibilidade de contar tempo em **atividade policial,** para aqueles, obviamente, que estão em uma carreira policial.

Segundo a Instrução Normativa 124, a atividade policial consiste no efetivo exercício de cargo público de natureza policial na Polícia Federal, na Polícia Rodoviária Federal, na Polícia Ferroviária Federal, nas Polícias Civis ou nas Polícias Militares.

Os períodos de atividade jurídica e policial podem ser **somados** para a comprovação do tempo mínimo. Assim, não é ne-

Licensed to Josue Jair de Souza Santana - josuekaic@gmail.com - 065.342.325-02

cessário ter exercido apenas uma das atividades. Você pode **somar** os períodos de atividade jurídica e de atividade policial. **O que importa é que, no final das contas, você tenha 3 anos.**

Esses 3 anos devem ser comprovados no momento da **posse**, ou seja, quando for assumir o cargo. Contudo, antes da matrícula no **curso de formação**, o candidato vai ter que apresentar documentos que demonstrem que ele terá condições de cumprir o requisito até a posse.

Um detalhe importante: as atividades **jurídicas** só são consideradas se forem realizadas **após** se formar em Direito. Logo, os estágios realizados durante a graduação não são aceitos. Contudo, para as atividades **policiais**, a contagem do tempo não precisa ser feita a partir da colação de grau.

Se o candidato já era policial **antes** de se formar em Direito, esse tempo de atividade é **computado com atividade policial**. Contudo, ele só vai poder tomar posse como delegado após a colação de grau, pois um dos requisitos do cargo é ser **Bacharel em Direito.**

Lembrando que tudo que eu falei aqui se refere à carreira de delegado da polícia **federal**.

Quando falamos em delegado da polícia **civil**, a coisa muda um pouco de figura.

Por que? Porque a polícia civil é uma polícia **estadual**, o que significa que cada estado pode disciplinar isso de uma forma

Licensed to Josue Jair de Souza Santana - josuekaic@gmail.com - 065.342.325-02

diferente.

Existem estados que exigem **prática jurídica ou policial,** e estados que exigem somente a **graduação em Direito.**

Como você vai saber a situação atual do seu estado? Pesquisando na internet. Existem diversos sites de concursos que trazem essas informações, mas às vezes é necessário garimpar as coisas no Google até achar.

Às vezes pesquisar no Google é um saco, eu sei... mas pense que houve um tempo em que o Google não existia e aquele tempo era bem pior, então **gratidão Google**.

Vamos para a próxima carreira, que é a de **Defensor Público.** Vou falar sobre a situação da **Defensoria Pública da União** e depois fazer um breve apanhado sobre os estados.

Se você quer ser Defensor Público Federal, saiba a Lei Complementar 80 prevê a exigência de **2 anos de prática jurídica**. Mas, em 2014 veio a Emenda Constitucional 80 para deixar as coisas um pouco mais complicadas. Essa emenda inseriu o parágrafo 4º no artigo 134 da Constituição, para dizer que se aplica à Defensoria Pública, **no que couber,** o disposto no artigo 93 da Constituição, que é justamente o artigo que fala sobre a exigência de **3 anos de prática jurídica.**

Nesse mesmo sentido veio Resolução 118 de 2015, do Conselho Superior da Defensoria Pública da União, prevendo a necessidade de comprovação de **3 anos de atividade jurídica.**

Licensed to Josue Jair de Souza Santana - josuekaic@gmail.com - 065.342.325-02

E agora, Batman?

Eis a controvérsia!

O entendimento atual do **Superior Tribunal de Justiça** (STJ), é que os requisitos para ocupar o cargo de Defensor Público Federal devem estar previstos em **lei complementar.** O STJ considerou **ilegal** a exigência de 3 anos de prática jurídica, afinal, a Lei Complementar 80 prevê a exigência de somente **2 anos.**

Quais são as formas de **comprovar** a atividade jurídica para a Defensoria Pública Federal?

Os meios de comprovação são **semelhantes aos do concurso da magistratura,** mas temos um detalhe importante: nos concursos para Defensor Público da União, o **estágio feito durante a graduação** pode ser contado como prática jurídica. E se você já for formado em Direito, pode fazer **serviço voluntário na Defensoria Pública** e isso será contado como atividade também.

Como está a situação das Defensorias Públicas dos Estados?

No âmbito das Defensorias Estaduais, a exigência de atividade jurídica ainda não está uniformizada. Umas exigem três anos de prática e outras pedem somente dois anos.

Vamos falar agora sobre as procuradorias que compõem a **Advocacia Geral da União**, ou seja: Advogado da União, Procurador da Fazenda Nacional, Procurador Federal e Procurador

Licensed to Josue Jair de Souza Santana - iosuekaic@gmail.com - 065.342.325-02

do Banco Central.

Em todas essas carreiras, são necessários **2 anos** de atividade jurídica, e elas consideram também o **estágio** que é realizado durante a graduação.

Além disso, você deve ter inscrição nos quadros da Ordem dos Advogados do Brasil, ou seja, **precisa passar no Exame da Ordem.**

E os concursos de **Procurador do Estado?** Aqui vale o mesmo que eu falei a respeito dos concursos de delegado de polícia civil e defensor público estadual, ou seja, **cada estado vem disciplinando essas questões**. Não há uma uniformidade.

Existem estados que exigem prática jurídica e outros não exigem. Você vai precisar se informar sobre a situação do estado que te interessa.

Essas são as informações mais relevantes sobre os principais concursos e o panorama atual. É importante que você acesse sites que trazem notícias de concursos para acompanhar eventuais mudanças.

Licensed to Josue Jair de Souza Santana - josuekaic@gmail.com - 065.342.325-02

A Petição Inicial e o início do processo

Nesse capítulo, você vai começar a entender a tramitação de um **processo:** o que é petição inicial, contestação, réplica e muitos outros termos utilizados nos processos.

A proposta deste livro é a de tratar os assuntos de forma **objetiva**, de modo que, se você possui interesse em saber mais acerca da tramitação do processo, indico assistir às aulas do curso **Primeiros Passos no Direito**, que trazem explicações mais aprofundadas.

Além disso, o tema de Direito Processual é muito amplo. Por esse motivo, decidi tratar **somente sobre o Processo Civil.** Não vou falar a respeito do Processo Penal, do Processo do Trabalho ou de outros ramos processuais.

A primeira peça, que dá início a um **Processo Civil,** se chama **petição inicial.** Nessa peça, você expõe ao juiz qual é o seu **problema**, quais são os seus **pedidos** e os **fundamentos jurídicos** que embasam esses pedidos.

Você vai dizer ao juiz **o que você quer** e **com base em que** você acredita que tem esse direito.

Também é necessário que você exponha **contra quem** você está litigando. Ou seja, você está fazendo um pedido que deve ser cumprido por quem? **Quem é a parte contrária?**

Teremos em um processo um **autor**, que é quem ajuíza a ação

Licensed to Josue Jair de Souza Santana - josuekaic@gmail.com - 065.342.325-02

pedindo alguma coisa, e um **réu**, que é contra quem esse pedido é feito.

Esses nomes, autor e réu, podem ser substituídos por **requerente** e **requerido**. Mas o sentido é o mesmo. Existe alguém que pede algo, e alguém contra quem esse pedido é feito.

É necessário trazer algumas **informações** sobre o autor e o réu, como o nome completo, estado civil, profissão, número do CPF e endereço.

Quanto ao **corpo** da petição inicial, podemos dizer que ela se subdivide em **fatos**, **fundamentos jurídicos** e **pedidos**.

Os **fatos** são a **história** que você vai narrar ao juiz. Você deve descrever a situação que aconteceu e que te levou a buscar o Judiciário.

Os **fundamentos jurídicos** são o **Direito que foi lesado pela parte contrária**. Qual é o **embasamento legal** que você tem?

Por fim, os **pedidos** são aquilo que você espera que o juiz mande o réu cumprir.

É importante destacar que os **pedidos** precisam estar **bem expostos e delimitados**, porque é com base neles que o juiz irá proferir sua **sentença**.

Ao fazer uma sentença, o juiz irá responder a esses pedidos, **dizendo se o autor tem direito ou não.**

Por exemplo: se você pedir **somente** indenização por **danos**

Licensed to Josue Jair de Souza Santana - josuekaic@gmail.com - 065.342.325-02

materiais, o juiz não pode olhar para você e dizer: "***puxa, mas acho que você também sofreu danos morais, então além do ressarcimento por danos materiais eu vou também conceder indenização por danos morais como um bônus".***

Não, ele não pode. O juiz deve responder aos pedidos que foram formulados pelo autor. Nada além disso.

Na petição inicial, o autor também deve expor qual é o **valor da causa.** Toda petição inicial deve trazer o valor da causa, que geralmente é o valor que se busca obter com aquele processo.

Por exemplo: você bateu no meu carro e o conserto vai custar R$ 5.000,00, assim, o valor da causa será de R$ 5.000,00.

Mas às vezes acontece de a causa **não ter um conteúdo econômico**.

Imagine que o Pedro tem 40 anos de idade e é filho do Antônio, que nunca quis registrá-lo como filho. Só que essa situação incomoda muito o Pedro, porque ele gostaria de ter nos seus documentos o nome do seu pai.

Ele está querendo pedir **prestação alimentícia?** Não, porque como eu mencionei, o **Pedro tem 40 anos**. Na verdade o Pedro não quer nada financeiro do Antônio, ele **só quer ser registrado**, que é um direito de filho.

Como não existe um conteúdo econômico, deve ser atribuído um **valor fictício** à causa.

Licensed to Josue Jair de Souza Santana - josuekaic@gmail.com - 065.342.325-02

Geralmente nessa situação os advogados colocam como valor da causa o valor de um salário mínimo, para que possam ser calculadas as **custas do processo**. As custas são calculadas de acordo com o valor da causa.

> *Lembrando que eu estou falando de **processo civil**, e não de **processo penal**. Não confundam as coisas, ok?*

Na petição inicial, o autor também deve listar com quais **provas** ele pretende provar suas alegações.

Se essas provas já estiverem ao alcance do autor, ele deve trazer junto com sua petição inicial. Mas pode acontecer de ele precisar de uma prova que precisa ser **produzida**.

Por exemplo: pode ser que seja necessário fazer uma **perícia** ou ouvir uma **testemunha**. Tudo isso vai depender do caso concreto.

Por fim, ele precisa dizer se ele quer participar de uma **audiência de conciliação** com o réu, nos casos em que essa audiência seja possível.

Recebida a petição inicial, o juiz vai fazer uma **primeira análise**.

Ele deve observar se você ajuizou a ação no lugar correto e se ele é o juiz **competente** para analisar o seu processo.

Vai checar se você pagou as **custas** ou se fez algum pedido de

Licensed to Josue Jair de Souza Santana - josuekaic@gmail.com - 065.342.325-02

gratuidade da justiça.

Ele vai ver se há pedido de **tramitação prioritária**, como no caso, por exemplo, dos **idosos**, que podem pedir que o processo tenha prioridade na tramitação.

O juiz também deve observar se os **documentos** trazidos com a petição inicial são suficientes ou se tem algum documento faltando.

É claro que ele não faz essa análise sozinho. Dentro do Poder Judiciário existem servidores que auxiliam o juiz dentro dos processos.

Feita essa análise inicial, se estiver tudo OK com o seu processo, o juiz, em regra, profere um **despacho** em que ele manda **citar** o réu.

Com a **citação**, o réu sabe que existe um processo correndo contra ele e que ele precisa se defender.

Por que eu disse que o juiz "***em regra***" manda citar o réu?

Porque se houver um pedido de **urgência**, como um pedido de **tutela provisória**, o juiz pode ter que tomar uma decisão antes mesmo de ouvir o réu. Dependendo da urgência do caso, existem situações em que o juiz deve determinar que o réu tome uma providência **agora, já, antes da citação.**

Nesses casos, se diz que o juiz proferiu uma **decisão liminar**, ou uma **decisão de antecipação de tutela**.

Licensed to Josue Jair de Souza Santana - josuekaic@gmail.com - 065.342.325-02

Mas, se não houve nenhum pedido de urgência, o réu será citado para participar de uma **audiência de conciliação**, ou para oferecer **contestação**.

Como é que funciona a **audiência de conciliação?**

Nessa audiência, um conciliador irá intermediar o conflito entre o autor e o réu, para que eles tentem fazer uma **transação**, ou seja, um **acordo**.

Hoje, se entende que, sempre que possível, as partes devem ser estimuladas e **buscar uma solução juntas**, ao invés de pedir que o juiz traga essa solução.

Assim, sempre que for possível, será marcada uma audiência de conciliação para que as partes possam **dialogar** e tentar chegar em um acordo que seja bom para ambos.

Todavia, existem situações em que não dá para fazer audiência de conciliação porque o direito é **indisponível**, ou seja, **a parte não pode dispor daquele direito.**

Então não se admite transação entre as partes.

Por exemplo: imagine que você **deixou de pagar IPTU** e o município ajuizou uma **execução fiscal** contra você.

Adianta de alguma coisa você querer fazer uma audiência de conciliação para ver se por acaso o município deixa de cobrar o valor do IPTU que você está devendo?

Não.

Licensed to Josue Jair de Souza Santana - josuekaic@gmail.com - 065.342.325-02

O pagamento de um imposto é um direito indisponível.

O Município só pode deixar de cobrar IPTU em algumas hipóteses previstas em lei. Mas você pode tentar fazer um parcelamento da sua dívida de IPTU.

Só é possível haver audiência de conciliação se o direito for **disponível**, ou seja, se as partes puderem **dispor** sobre esse direito, se for possível fazer **transação**, **acordo**.

Caso não seja possível realizar a audiência de conciliação, ou se as partes não chegarem num consenso, o réu pode juntar no processo uma **contestação**.

Por que eu disse que ele "***pode***", e não que ele "***deve***"? Porque a contestação é uma peça de **defesa**.

Pode acontecer de o réu dizer: "***é, realmente, eu olhei aqui o processo e o autor tem razão***".

Isso acontece?

Sim, às vezes acontece...

Ou o réu pode **não dizer nada.** Pode ser que o réu deixe o prazo **transcorrer sem contestar**, e aí o processo irá seguir sem a contestação.

Mas, na maioria dos casos, o réu opta por **contestar**.

Na contestação, o réu deve trazer toda a matéria de **defesa**. Ele precisa expor por quais razões de fato e de direito o pedido do autor deve ser indeferido.

Licensed to Josue Jair de Souza Santana - josuekaic@gmail.com - 065.342.325-02

Por fim, o réu também deve especificar com quais **provas** ele pretende provar suas alegações.

Aqui também vale aquilo que eu falei agora há pouco. Se as provas já estiverem à disposição do réu, ele deve trazer junto com a sua contestação.

Mas pode acontecer de ele precisar produzir provas que ainda não estão ao seu alcance, como uma prova pericial ou testemunhal, e aí ele precisa pedir a **produção** dessas provas.

Aqui um lembrete importante: **em regra, quem faz uma alegação deve provar,** e isso vale tanto para o autor quanto para o réu. A regra é que quem vem e alega alguma coisa precisa trazer **provas** disso.

Recebida a contestação do réu, em alguns casos o juiz pode abrir espaço para que o autor ofereça uma **réplica**.

A **réplica** é utilizada em alguns casos (não todos, mas alguns) e é **após a contestação**.

A sequência é essa: petição inicial → contestação → réplica.

E agora? O que vem depois disso vai depender se há necessidade de **produção de provas**, além daquelas que já estejam no processo. Como mencionei, pode ser que seja preciso produzir uma prova, seja através de uma **perícia**, ou de uma **audiência** para ouvir testemunhas, dentre outras situações.

Nesses casos, o juiz vai proferir uma **decisão** expondo sobre como será realizada a produção dessa prova.

Licensed to Josue Jair de Souza Santana - josuekaic@gmail.com - 065.342.325-02

Vamos supor que seja necessária uma **perícia**, o juiz vai ter que nomear um **perito**. Se for preciso ouvir **testemunhas**, o juiz vai designar uma data para uma **audiência de instrução**. Isso tudo vai depender da situação de cada processo.

Depois que toda essa parte probatória estiver concluída, o juiz profere uma **sentença**.

Como a ideia desse capítulo é a de trazer noções iniciais de direito processual civil, eu evitei trazer alguns detalhes, como prazos e informações muito técnicas, porque o capítulo poderia ficar muito **longo e confuso.**

Acredito que, nesse momento, é muito mais interessante trazer somente aquilo que realmente importa para que você **entenda o máximo possível.**

No próximo capítulo, vou falar sobre as principais peças dos **magistrados** no processo civil, que são **despacho, decisão interlocutória, sentença e acórdão.**

Licensed to Josue Jair de Souza Santana - iosuekaic@gmail.com - 065.342.325-02

Quais são os principais atos dos juízes no processo?

Você já entendeu o que são diversos termos relacionados a noções iniciais de processo civil, como petição inicial, contestação e réplica.

Neste capítulo, vou falar um pouco sobre os atos cabíveis ao **juiz**, especialmente sobre **despachos, decisões interlocutórias e sentenças**, e vou falar também sobre os **acórdãos** produzidos pelos **tribunais**.

Como já mencionei no capítulo anterior, vou falar somente sobre o **Processo Civil.**

Vale lembrar também que a tramitação processual é abordada de forma mais completa em aulas do curso **Primeiros Passos no Direito.**

Em linhas gerais, os **despachos** e as **decisões interlocutórias** são pronunciamentos proferidos durante o processo, enquanto a **sentença** é um pronunciamento que põe fim uma fase.

Qual é a diferença entre um **despacho** e uma **decisão interlocutória**?

Um **despacho** é um ato do juiz que determina medidas para o **desenrolar do processo**. Entende-se que o despacho **não tem um cunho decisório**. Ele **impulsiona** o processo.

Licensed to Josue Jair de Souza Santana - josuekaic@gmail.com - 065.342.325-02

Por exemplo: um despacho que manda intimar o autor para trazer um documento que esteja faltando.

Já uma **decisão interlocutória** é um ato que tem uma natureza **decisória**. O juiz resolve uma questão que pode ter algum tipo de **consequência** para as partes.

Por exemplo: um despacho que defere ou indefere a oitiva de uma testemunha.

Em termos práticos, a diferença entre um despacho e uma decisão é que como o despacho não tem um cunho decisório, as partes não vão ter interesse em **recorrer**, porque ele não tem potencial para gerar **prejuízo**.

Já uma decisão, como traz consequências para as partes, pode abrir a possibilidade para que haja um **recurso**. Nesse caso, o recurso pode, **talvez**, ser um **Agravo de Instrumento**.

Por que eu disse "***talvez***"?

Porque existem situações em que a parte, naquele momento, **não poderá recorrer**, ou em que a atitude a ser tomada será **outra**.

Para esse capítulo não ficar gigante ou confuso, é melhor não falar sobre tudo que envolve os recursos. **Vamos nos ater ao mais importante.**

Por fim, temos também a **sentença**. A sentença é o pronunciamento por meio do qual **o juiz põe fim a uma fase**.

Licensed to Josue Jair de Souza Santana - josuekaic@gmail.com - 065.342.325-02

Por que eu **não disse** que a sentença acaba com o **processo**?

Porque nem sempre a sentença é o ponto final de tudo. Pode ser que depois da sentença, uma das partes **recorra**.

Ou pode até ser que as partes não recorram, mas que seja preciso uma fase de **cumprimento de sentença**, para que a parte perdedora cumpra aquilo que o juiz determinou.

Então é um **equívoco** dizer que a sentença põe fim ao **processo**. Na verdade, ela põe fim a uma **fase**.

Uma sentença é composta basicamente por três partes: **relatório, fundamentação e dispositivo.**

No **relatório**, o juiz deve trazer um **resumo** daquilo que aconteceu no processo.

Na **fundamentação**, são analisados os argumentos levantados pelo **autor** e pelo **réu**.

E no **dispositivo**, o juiz faz uma conclusão e diz se os pedidos do autor são **procedentes, parcialmente procedentes ou improcedentes.**

O juiz proferiu a sentença e uma das partes **não concordou.** E agora? Nesse caso, ela pode interpor um **recurso** que, **talvez** pode ser uma **Apelação**.

Por que "***talvez***"? Porque, como eu já disse, o processo civil é super amplo e existem situações em que o recurso não vai ser uma Apelação. Saibam que, na maioria dos casos, a Apelação

Licensed to Josue Jair de Souza Santana - josuekaic@gmail.com - 065.342.325-02

será o recurso cabível, mas existem **exceções**.

Vamos supor que, na nossa situação hipotética, haja uma Apelação. A parte contrária do recurso, ou seja, a parte recorrida, vai poder trazer suas **contrarrazões**, para se defender desse recurso.

Depois disso, o processo será encaminhado para o **Tribunal**, que é a **segunda instância**, poder decidir.

No nosso sistema jurídico, existe o princípio do **duplo grau de jurisdição**, que tem a finalidade de garantir um novo julgamento por parte de um órgão superior.

Os magistrados que atuam nos tribunais regionais, como é o caso do TJ ou do TRF, são chamados de **desembargadores**.

Nos Tribunais, em regra, as decisões são **colegiadas**, ou seja, são tomadas de forma coletiva. Não são decisões individuais.

Enquanto no primeiro grau o juiz faz uma sentença sozinho, no Tribunal os processos são decididos em **conjunto**.

Os Tribunais são divididos em **Turmas** compostas por **três** desembargadores cada.

Quando o recurso chega no Tribunal, quem irá fazer a **análise inicial** será um **relator**, que é um dos desembargadores da turma.

Dependendo do caso, ele pode proferir uma **decisão monocrática**, ou seja, ele, sozinho, pode tomar uma **decisão** naque-

Licensed to Josue Jair de Souza Santana - josuekaic@gmail.com - 065.342.325-02

le processo. As decisões monocráticas só acontecem em algumas situações específicas, autorizadas por lei.

A regra, em um Tribunal, são os **julgamentos colegiados**, mas existem casos em que o relator pode julgar sozinho.

Por exemplo: pode ser que haja um **pedido de urgência**, que precise ser apreciado **liminarmente**. Essa análise será feita pelo relator.

Se não for o caso de haver uma decisão monocrática, relator então irá **escrever o seu voto**. Depois serão ouvidos os outros dois desembargadores daquela Turma, que também irão votar e dizer se concordam com o relator.

Se algum deles não concordar, ele vai ter que escrever o seu próprio voto, trazendo os seus fundamentos.

Os desembargadores vão **dar provimento à apelação**, caso concordem com o apelante, ou **não vão dar provimento à apelação**, se acharem que o juiz de primeiro grau tomou a decisão correta em sua sentença.

Eles podem também dar **parcial provimento**, que é quando concordam com o apelante em partes.

Depois disso, o relator irá escrever o **acórdão**, que é como se chama o resultado desse julgamento colegiado. O acórdão é composto por diversos itens, que são a **ementa**, o **relatório**, a **fundamentação** e o **dispositivo**.

A **ementa** é um resumo ou uma síntese desse acórdão. Na

Licensed to Josue Jair de Souza Santana - josuekaic@gmail.com - 065.342.325-02

ementa constam os principais pontos desse julgamento.

Já o **relatório**, a **fundamentação** e o **dispositivo** são basicamente os mesmos que eu expliquei antes, quando falei sobre a sentença.

O **relatório** é uma narrativa do que aconteceu no processo. A **fundamentação** é a apreciação pelos desembargadores sobre as questões trazidas pelas partes. E o **dispositivo** é a conclusão final desse julgamento.

O acórdão foi publicado. **E agora?** O processo acabou?

Talvez sim, talvez não. No Direito, como você sabe, **tudo depende!**

Dependendo da situação, pode ser que seja possível interpor um **Recurso Especial** no Superior Tribunal de Justiça **(STJ)** ou um **Recurso Extraordinário** no Supremo Tribunal Federal **(STF)**.

Não vou me adentrar nesses recursos, porque o grau de complexidade é maior e eu precisaria de capítulos inteiros só para falar disso.

O fundamental é que você saiba que **nem sempre será possível** entrar com recurso no STJ ou no STF. Na maioria das vezes, a decisão final é tomada pela segunda instância. **Um processo só vai chegar ao STJ ou ao STF em algumas situações bem específicas**.

Quando não for mais possível interpor recurso, nós dizemos

Licensed to Josue Jair de Souza Santana - josuekaic@gmail.com - 065.342.325-02

que ocorreu o **trânsito em julgado**. Logo, quando houver uma "***sentença transitada em julgado"***, quer dizer que não cabe mais recurso.

O julgamento transita em julgado quando foram **esgotadas as possibilidades de recurso**, ou seja, não cabe mais nenhum tipo de insurgência contra aquela decisão, ou quando as partes até poderiam ter recorrido, mas **o prazo transcorreu** sem que alguém opusesse o recurso.

Depois do trânsito em julgado, dependendo do teor daquilo que foi julgado, pode ser que haja uma **nova etapa no processo**, que é a fase de **Cumprimento de Sentença**.

Nessa etapa de Cumprimento de Sentença, a **parte vencedora** vai exigir que a outra parte cumpra aquilo a que ela foi **condenada**.

O Cumprimento de Sentença ocorre no **primeiro grau**. Depois do trânsito em julgado, o processo sai do Tribunal e **volta para a primeira instância.**

Agora você já sabe o que é mais importante sobre os principais atos praticados no judiciário, que são despachos, decisões, sentenças e acórdãos. Parece pouco, mas você já está à frente da esmagadora maioria da população.

Os três poderes: Executivo, Legislativo e Judiciário

Qual é a diferença entre **Executivo**, **Legislativo** e **Judiciário**? Você vai entender o que é mais importante sobre os **Três Po-**

Licensed to Josue Jair de Souza Santana - josuekaic@gmail.com - 065.342.325-02

deres e saber o que cada um deles faz.

A ideia da divisão em poderes começou a ser pensada por **Aristóteles**, na **Grécia Antiga**, e depois foi aprimorada pelo filósofo iluminista francês **Montesquieu**, na obra "***O Espírito das Leis".***

Os poderes são **independentes**, e ao mesmo tempo, **harmônicos** entre si.

Cada poder tem as suas **funções e atribuições** e só pode exercer funções de outro poder se existir previsão para isso.

Chegou a hora de você descobrir o que faz cada poder no Brasil.

Vamos começar pelo **Poder Legislativo.**

Poder Legislativo

Em nosso país, o Poder Legislativo se divide em três esferas: **Federal**, **Estadual** e **Municipal**.

O **Legislativo Federal** é composto pela **Câmara dos Deputados** e pelo **Senado Federal**, que juntos formam o **Congresso Nacional**. O nosso sistema é chamado **bicameral**, porque conta com duas casas.

No Congresso Nacional são elaboradas **leis nacionais** ou **federais**.

Tem diferença? Tem.

Licensed to Josue Jair de Souza Santana - josuekaic@gmail.com - 065.342.325-02

Uma lei é considerada **nacional** quando ela atinge os três entes federados: **União, Estados e Municípios**. Quando o Congresso Nacional faz uma lei, ela geralmente é uma lei nacional.

Mas é possível a criação de uma lei **federal**, que é aquela que tem aplicação somente no **âmbito federal**, sem interferir nas outras esferas.

Um exemplo de lei federal é a lei 8.112/90, que é o **Estatuto dos Servidores Públicos Federais.** Como essa lei só diz respeito aos servidores da União, das autarquias e fundações públicas federais, ela **não é relevante para os estados e municípios.**

O **Legislativo Estadual** é formado pela **Assembleia Legislativa**, que conta com deputados estaduais e só elabora leis para o âmbito territorial de cada **Estado**.

Já o **Legislativo Municipal** é composto pela **Câmara Municipal de Vereadores** e fica restrita aos limites do **Município**.

Uma observação importante: **o Poder Legislativo não é livre para criar leis sobre tudo que quiser**. A Constituição Federal traz diversas **regras** que devem ser seguidas pela esfera federal, estadual e municipal, dividindo o que é de **competência** de cada esfera.

Existem matérias que apenas um ente pode legislar e outras em que mais de um ente pode elaborar leis.

Licensed to Josue Jair de Souza Santana - josuekaic@gmail.com - 065.342.325-02

Por exemplo: os estados e os municípios não podem legislar sobre **atividades nucleares**, porque isso é de **competência privativa da União** (CF, Art. 22, inciso XXVI).

Então um candidato a deputado estadual ou a vereador **jamais vai poder prometer** que, se for eleito, vai fazer leis sobre atividade nuclear. Isso está fora do alcance dele. A Constituição define o que cada esfera pode legislar.

Vou falar agora sobre o **Poder Executivo**.

Poder Executivo

O Poder Executivo pratica atos de **chefia de Estado e de Governo**, bem como **atos de administração**.

O chefe do Poder Executivo é o **Presidente da República,** no âmbito federal, o **Governador** no âmbito dos estados e o **Prefeito** no âmbito dos municípios.

O Poder Executivo tem a função de governar o povo e administrar os interesses públicos, de acordo as leis e a Constituição Federal.

No Brasil, país que adota o **sistema presidencialista**, o líder do Poder Executivo é o **Presidente da República**, que tem o papel de **Chefe de Estado e de Governo.**

Existem países em que isso não é assim?

Sim.

Licensed to Josue Jair de Souza Santana - josuekaic@gmail.com - 065.342.325-02

A Inglaterra, por exemplo, é uma **monarquia parlamentarista**.

Isso quer dizer que lá existe o **Chefe de Estado**, que é o **Monarca**, e o **Chefe de Governo**, que é o **Primeiro Ministro**.

Aqui no Brasil, como eu disse, nós adotamos o regime presidencialista. O presidente é eleito **democraticamente** para mandato com duração de **quatro anos** e possibilidade de uma **reeleição consecutiva**. O mesmo presidente pode ser eleito duas vezes seguidas.

O chefe do Executivo deve apresentar um **plano de governo** com os programas que irá seguir e formular projeto de lei de **diretrizes orçamentárias** e **propostas de orçamento**.

Cabe ao Poder Executivo obedecer e executar as leis elaboradas pelo Poder Legislativo. Contudo, embora o Presidente não possa criar uma lei, ele pode **elaborar a proposta de criação dessa lei**, para levar para a votação dos deputados e senadores.

O Presidente também pode fazer **Medidas Provisórias**, em caso de **relevância** e **urgência**.

Além disso, o Presidente celebra **tratados internacionais** e mantém relações com Estados estrangeiros.

Será que você poderia ser um Presidente da República? A Constituição traz alguns requisitos.

Em primeiríssimo lugar, você deve ser **brasileiro nato**, ou seja,

Licensed to Josue Jair de Souza Santana - iosuekaic@gmail.com - 065.342.325-02

não pode ser naturalizado, e precisa ter a idade mínima de **35 anos**.

Você também deve estar no **pleno exercício de seus direitos políticos** e ter **domicílio eleitoral no Brasil**.

Por fim, é necessário que você seja **filiado a um partido político**, porque ninguém pode se candidatar de forma avulsa.

Se o **Presidente** tiver que viajar para o exterior, quem assume no lugar dele é o **Vice Presidente**.

Ok, isso todo mundo sabe...

Mas e se o **Presidente** e o **Vice** viajarem para o exterior ao mesmo tempo? Ou se ambos ficarem doentes? Quem é que fica no comando?

Nesse caso, quem vai exercer a função temporariamente será o **Presidente da Câmara dos Deputados.**

Se ele também não puder assumir, aí quem assume é o **Presidente do Senado**.

E se ninguém desse povo todo puder ficar no lugar, aí a presidência fica com o **Presidente do STF.**

Claro que eu estou falando aqui de **substituições temporárias,** caso o Presidente e o Vice viajem ao exterior ou fiquem doentes, por exemplo.

Mas e se acontecer algo mais grave?

Licensed to Josue Jair de Souza Santana - iosuekaic@gmail.com - 065.342.325-02

Vamos supor que o Presidente e o Vice **morram**, ou que ambos sofram um ***impeachment***. E agora?

Nesse caso, haverá **novas eleições.**

Se isso acontecer nos **dois primeiros anos do mandato,** haverá eleições **diretas**, ou seja, os cidadãos serão chamados para **votar**.

Mas se o fato ocorrer nos **dois últimos anos do mandato**, as eleições serão **indiretas**, o que quer dizer que quem irá votar será somente o **Congresso Nacional.**

Agora é hora de falar sobre o **Poder Judiciário**.

Poder Judiciário

O Poder Judiciário tem como objetivo o de **garantir direitos individuais ou coletivos** e resolver **conflitos** entre as partes do processo.

Como o Poder Judiciário tem estado bastante nas notícias, eu decidi dar **destaque** a ele nesse livro (e também no curso **Primeiros Passos no Direito**).

Preparei capítulos inteiros para falar sobre o Poder Judiciário e as suas áreas de atuação, que são a **Justiça Federal, Trabalhista, Militar, Eleitoral e Estadual.**

Também vou explicar sobre os **Tribunais de segunda e terceira instâncias.**

Licensed to Josue Jair de Souza Santana - iosuekaic@gmail.com - 065.342.325-02

Por este motivo, não vou me aprofundar no Poder Judiciário neste capítulo.

Os três poderes são esses: **Executivo, Legislativo e Judiciário.**

Ta, mas... **E o Ministério Público?** Ele faz parte de qual poder?

Muita gente acha que o Ministério Público faz parte do Judiciário, mas essa ideia está equivocada.

O MP é uma **instituição independente** e não faz parte de nenhum dos três poderes.

Ele tem como uma de suas funções justamente a de **fiscalizar esses poderes**, como um órgão de **controle**.

Como já mencionei em outro capítulo, o Ministério Público é dividido em Ministério Público da União e Ministério Público dos Estados.

Ele deve defender a ordem jurídica, o regime democrático, os interesses sociais e os interesses individuais indisponíveis.

Mas afinal, o que isso significa?

Na prática, ele deve **zelar por tudo o que for público ou de relevância pública.** O MP atua a favor de temas de interesse da sociedade como um todo, que é aquilo que se entende como "***bem comum***".

Por exemplo: quando um prefeito desvia para sua própria conta bancária o dinheiro público que deveria ter sido destinado à

Licensed to Josue Jair de Souza Santana - iosuekaic@gmail.com - 065.342.325-02

construção de creches, isso irá afetar as pessoas que pagaram tributos e também aqueles indivíduos que precisavam daquelas creches.

Portanto, esse é um problema considerado de **interesse público** e necessita da intervenção do Ministério Público. Um Promotor exercerá o papel de investigar esses fatos.

Existem situações que um problema pode ser **individual**, afetar apenas uma pessoa, e mesmo assim haver intervenção do MP. É o que se chama de **interesse individual indisponível.** Dizemos que é **indisponível** porque a pessoa não pode dispor, ou seja, não pode abrir mão desse direito.

São exemplos de direito indisponível o direito à vida, à liberdade, à educação, à cidadania, ao trabalho, dentre outros.

Por exemplo: vamos supor que uma pessoa não tenha dinheiro para comprar um **medicamento** e ele não seja fornecido gratuitamente pelo SUS. O direito à **saúde** é um direito indisponível, então essa pessoa pode procurar o Ministério Público para que ele promova uma ação na justiça, pedindo esse medicamento.

Hoje você entendeu que existem três poderes, que são independentes e harmônicos entre si: Executivo, Legislativo e Judiciário. Também viu que o Ministério Público não faz parte de nenhum desses poderes, por ser uma instituição independente.

Licensed to Josue Jair de Souza Santana - iosuekaic@gmail.com - 065.342.325-02

Poder Judiciário

O Poder Judiciário é regulado pela **Constituição Federal** nos artigos 92 a 126 e é constituído de diversos ramos.Cada um desses ramos possui algumas **atribuições**, que nós chamamos de **competências**.

O Judiciário foi pensado dessa forma, dividindo competências ou atribuições, para que o serviço prestado ao cidadão seja mais **efetivo**.

O fato é que o Direito é super **amplo**. Então imagine se um juiz tivesse que saber tudo de todos os assuntos. Ficaria inviável, né?

Com essa divisão de competências, cada ramo do Judiciário se preocupa em prestar bem as suas atribuições, que são bastante definidas.

Como o Poder Judiciário se subdivide?

A primeira divisão é entre a **Justiça da União** e a **Justiça dos Estados**.

A Justiça da União conta com 4 unidades: **Justiça do Trabalho, Justiça Eleitoral, Justiça Militar e Justiça Federal.**

Existem **muitas informações** a respeito das matérias de cada ramo da Justiça da União. Vou ensinar a você as **principais**.

Licensed to Josue Jair de Souza Santana - iosuekaic@gmail.com - 065.342.325-02

Justiça do Trabalho

Sobre a **Justiça do Trabalho**, o que eu considero mais relevante é que ela julga as ações que sejam oriundas de **relações de trabalho**, de uma forma bem ampla.

Pergunta: para procurar a Justiça do Trabalho, o trabalhador precisa ter carteira assinada (CTPS)?

Não. A Justiça do Trabalho não rege somente as relações de emprego com carteira assinada, e sim os conflitos oriundos das relações de trabalho de modo geral.

Esses conflitos podem ser **individuais** ou **coletivos**.

Os conflitos **individuais** são aqueles entre **trabalhador** e **patrão**. Já os conflitos **coletivos** são aqueles que envolvem **sindicato**.

Quem julga as **ações trabalhistas**, em regra, é um **juiz do trabalho**.

Mas se na cidade que você mora **não houver justiça do trabalho**, você pode entrar com ação na **justiça estadual**, e aí quem irá julgar será um **juiz de direito**. É uma possibilidade, caso você prefira não sair da sua cidade.

Ou, se você quiser, você pode buscar a Justiça do Trabalho da cidade mais próxima. Fica a seu critério.

As matérias que vão para Justiça do Trabalho são as que estão no art. 114 da Constituição Federal. Dentre essas, podemos

Licensed to Josue Jair de Souza Santana - iosuekaic@gmail.com - 065.342.325-02

mencionar as ações envolvendo o exercício do direito de **greve**, indenização por **danos morais decorrentes das relações de trabalho** e controvérsias ligadas às **relações de trabalho em geral**. No artigo 114 tem muito mais coisas. Se você fizer o curso de Direito, na disciplina de Processo do Trabalho você vai estudar esse artigo bem a fundo.

O que não vai para a Justiça do Trabalho?

Não é competência da Justiça do Trabalho **matéria criminal**.

Por exemplo: se for descoberto trabalho escravo em algum lugar, a ação penal será julgada na Justiça Federal.

Outro exemplo: se um funcionário der um soco na cara do patrão, vai ser processado por lesões corporais na Justiça Estadual.

As ações de **servidores públicos** contra o órgão público em que trabalham também não tramitam na Justiça do Trabalho.

Caso um servidor da prefeitura, do INSS, do TJ, da polícia ou de outro órgão resolva entrar com ação contra o ente público, essa ação vai tramitar na **justiça federal ou estadual,** dependendo do caso.

Se for um servidor **federal**, o processo pertence à Justiça Federal.

E se for um servidor **estadual** ou **municipal**, o processo é da Justiça Estadual.

Licensed to Josue Jair de Souza Santana - josuekaic@gmail.com - 065.342.325-02

Mas atenção: eu estou falando em **servidor público**.

Se você for **empregado público**, é diferente! Nesse caso, o processo será julgado na justiça do trabalho.

Quem é empregado público?

Empregado público é como se chama o funcionário que trabalha em **empresa pública**, como a Caixa e os Correios, ou em **sociedade de economia mista**, como o Banco do Brasil e a Petrobrás.

Recapitulando:

- Servidor público federal: ação na Justiça Federal.
- Servidor público estadual ou municipal: ação na Justiça Estadual.
- Empregado público: ação na Justiça do Trabalho.

Vamos falar agora sobre a **Justiça Eleitoral.**

Justiça Eleitoral

A Justiça Eleitoral é responsável pelo julgamento de ações em **matéria eleitoral,** pela organização das **eleições,** por elaborar **normas** e responder a **consultas** referentes ao processo eleitoral.

Podemos aqui perceber **4 funções da Justiça Eleitoral:** temos a função **jurisdicional, administrativa, normativa e consulti-**

Licensed to Josue Jair de Souza Santana - iosuekaic@gmail.com - 065.342.325-02

va.

A função **jurisdicional** é aquela relacionada à resolução de **conflitos judiciais** referentes ao **processo eleitoral**, tais como: representações sobre propaganda eleitoral irregular, ações para impugnar o registro de uma candidatura, ou para apurar crimes eleitorais, entre outros.

A função **administrativa** tem a ver com a **gestão do processo eleitoral**, como por exemplo: organizar o cadastro de eleitores, transferir títulos de eleitor, designar locais de votação, convocar mesários, fazer o registro de pesquisas eleitorais, e por aí vai.

Enquanto isso, a função **normativa** é a que permite que a Justiça Eleitoral expeça **resoluções**. Existem diversas resoluções do TSE criadas para auxiliar a execução de leis eleitorais.

E, por fim, a função **consultiva** é a que permite que a Justiça Eleitoral se **pronuncie** sobre alguma questão.

Aqui é importante destacar que a função **consultiva** é bem peculiar da Justiça Eleitoral, porque, **em regra**, o Poder Judiciário **não é um órgão de consulta**. Mas se abre uma **exceção** para que a Justiça Eleitoral possa responder a questões de forma **abstrata**, sem estar diante de algum processo específico.

Quem administra todo o processo eleitoral é o **juiz eleitoral.**

Um fato interessante é que **não existe concurso para ser apenas juiz eleitoral**. O juiz eleitoral é um **juiz de direito**, ou

Licensed to Josue Jair de Souza Santana - josuekaic@gmail.com - 065.342.325-02

seja, um juiz da justiça **estadual**.

Se houver mais de um juiz na comarca, cada um exercerá a função de juiz eleitoral por **2 anos**.

Agora é hora de irmos para a **Justiça Militar.**

Justiça Militar

A Justiça Militar, também conhecida como **Justiça Castrense,** tem a atribuição de processar e julgar os **crimes militares.**

Ela se divide em Justiça Militar da **União** e dos **Estados**. Vamos começar pela Justiça Militar da União.

A **Justiça Militar da União** julga os crimes militares cometidos por integrantes das Forças Armadas, ou seja, **Marinha, Exército e Aeronáutica,** ou por civis que atentem contra a Administração Militar federal.

Um civil pode ser julgado pela Justiça Militar da União?

Sim!

Os órgãos de primeira instância da Justiça Militar da União são chamados de **Auditorias Militares**.

Nas Auditorias Militares, o julgamento é realizado pelos **Conselhos de Justiça**, que são um órgão colegiado formado por quatro **oficiais** e por um **juiz-auditor.**

O **juiz-auditor** é o juiz da Justiça Militar da União. Para ser

Licensed to Josue Jair de Souza Santana - josuekaic@gmail.com - 065.342.325-02

juiz-auditor, você deve fazer um concurso específico para essa carreira.

É interessante observar que, na Justiça Militar, os crimes são divididos em crimes **próprios** e crimes **impróprios**.

Os crimes próprios são aqueles que só podem ser cometidos por militares que estejam em **atividade**, a exemplo dos crimes de **deserção** e **abandono de posto.**

Eles estão previstos somente no Código Penal Militar. Não há previsão alguma desses crimes no Código Penal.

Já os crimes **impróprios** podem ser cometidos por **militares** e também por **civis**, como é o caso de **lesão corporal** e **estelionato**.

Eles são crimes que estão previstos de forma semelhante no **Código Penal** e também no **Código Penal Militar**, mas só serão julgados pela Justiça Militar se atentarem contra os interesses das **instituições militares.**

Por exemplo: a viúva de um militar recebia **pensão**. Aí ela morreu e alguém continuou **sacando o benefício**. Essa atitude configura o crime de **estelionato** e está previsto no artigo 251 do Código Penal Militar.

E a Justiça Militar dos **Estados**?

A Justiça Militar Estadual é responsável por processar e julgar os **militares dos estados**, ou seja, membros da **Polícia Militar** e do **Corpo de Bombeiros Militar,** nos crimes militares e tam-

Licensed to Josue Jair de Souza Santana - josuekaic@gmail.com - 065.342.325-02

bém as ações judiciais contra atos disciplinares militares.

Cada estado tem competência para criar sua Justiça Militar Estadual por meio de lei de iniciativa dos Tribunais de Justiça.

Um detalhe importante: **a Justiça Militar dos Estados não julga civis em nenhuma hipótese**. Dessa forma, caso um civil cometa crime contra instituições militares estaduais, como, por exemplo, um furto a um quartel da Polícia Militar, ele será processado e julgado pela **Justiça Comum.**

Perguntinha básica: como são julgados os agentes da **Polícia Civil** e da **Polícia Federal?**

Os julgamentos envolvendo policiais civis são feitos pela **Justiça Estadual**, enquanto os julgamentos de policiais federais ocorrem na **Justiça Federal**.

Polícia Civil e Polícia Federal não tem nada a ver com Justiça Militar.

Agora chegou a hora de entender sobre a **Justiça Federal**.

Justiça Federal

A **Justiça Federal** julga as ações em que participem como autoras, rés ou interessadas a **União, suas autarquias, fundações e empresas públicas federais.**

Exemplos de autarquias federais: INSS, INCRA, INMETRO, IBAMA, Banco Central, agências reguladoras, como a ANVISA,

Licensed to Josue Jair de Souza Santana - josuekaic@gmail.com - 065.342.325-02

enfim, a lista é enorme.

Exemplos de fundações federais: FUNAI, IBGE, CNPq e FUNASA.

Exemplos de empresas públicas federais: Caixa, Correios, Embrapa e BNDES.

Atenção: as ações envolvendo **Sociedades de Economia Mista**, como o Banco do Brasil e a Petrobras, vão para a **Justiça Estadual.**

E se você quiser processar a **Caixa** e o **Banco do Brasil**, ao mesmo tempo, em um processo só, a ação vai para onde?

Nesse caso, a ação vai para a **Justiça Federal.**

A regra é que quando estiver no processo qualquer uma daquelas pessoas que eu mencionei (União, autarquias, fundações e empresas públicas federais), o processo vai para **Justiça Federal**.

Existem algumas **exceções**, em que a ação não vai para Justiça Federal?

Existem.

Por exemplo: as ações de **falência** tramitam sempre na **Justiça Estadual**, mesmo que a União manifeste interesse na causa.

Outro exemplo: as ações trabalhistas dos **funcionários das empresas públicas** são julgadas na **Justiça do Trabalho.**

Licensed to Josue Jair de Souza Santana - josuekaic@gmail.com - 065.342.325-02

Se o **empregado da Caixa** quiser entrar com ação para cobrar hora extra, por exemplo, ele vai buscar a Justiça do Trabalho, e não a Justiça Federal.

Mais um exemplo: se você quiser processar o **INSS** para pedir um benefício previdenciário e **na sua cidade não tiver Justiça Federal,** você pode entrar com a ação na **Justiça Estadual,** e aí quem irá decidir sua causa não será um juiz federal, e sim um juiz de direito.

A Constituição permite que você entre com ação previdenciária na Justiça Estadual, se na sua cidade não tiver Justiça Federal, para facilitar o acesso do cidadão à justiça. Essa é uma opção que é dada ao segurado.

Se ele não quiser, ele pode entrar com ação na Justiça Federal da cidade mais próxima.

Como é a matéria criminal da Justiça Federal? Quais **crimes** são julgados?

É atribuição da Justiça Federal julgar os crimes que sejam praticados em prejuízo da **União** ou de suas **autarquias, fundações e empresas públicas federais.**

Podemos citar **muitos exemplos**, como os crimes de contrabando e descaminho, tráfico internacional de drogas, crimes contra a organização do trabalho, como é o caso do trabalho em condição análoga à de escravo, crimes contra o sistema financeiro, crimes envolvendo servidores públicos federais no exercício da função, crimes a bordo de navios e aeronaves,

Licensed to Josue Jair de Souza Santana - josuekaic@gmail.com - 065.342.325-02

dentre muitas outras situações em que o julgamento compete à Justiça Federal.

Se você acompanha o noticiário, já deve ter visto muitas **notícias** de julgamentos da Justiça Federal em matéria criminal. Basta pensar, por exemplo, na **operação Lava Jato.**

Eu não vou entrar aqui nos **detalhes** dos crimes que são de competência da Justiça Federal porque teria coisa para falar que não acaba mais... Precisaria de um livro só para isso!

Se você quiser saber mais sobre as atribuições da Justiça Federal, eu recomendo a leitura do **artigo 109 da Constituição.**

Chegou a hora de estudarmos a **Justiça Estadual**.

Justiça Estadual

A Justiça Estadual é considerada uma **justiça residual,** porque ela só julga aquilo que não for atribuição de nenhum órgão da Justiça da União.

Hoje ela está presente em todos os estados e reúne a **maior parte** dos casos que chega ao Judiciário.

Cada estado pode organizar a sua Justiça Estadual.

Como exemplos de matérias que vão para Justiça Estadual, temos casos relacionados ao direito de família, inventário, falência, direito do consumidor envolvendo empresas privadas, a maior parte das ações penais e cíveis, e por aí vai.

Licensed to Josue Jair de Souza Santana - josuekaic@gmail.com - 065.342.325-02

O juiz da Justiça Estadual se chama **juiz de direito**.

Ao longo das explicações sobre os outros ramos do judiciário, eu mencionei a Justiça Estadual algumas vezes, lembra?

Vamos recapitular: se você quiser entrar com uma **ação trabalhista** e na sua cidade não tiver Justiça do Trabalho, você pode entrar com ação na Justiça Estadual, se você quiser.

Caso queira entrar com **ação previdenciária** contra o INSS e na sua cidade não tenha Justiça Federal, também pode procurar a Justiça Estadual.

Outro ponto importante que você precisa saber é que o Judiciário pode ser dividido em **Justiça Especializada** e **Justiça Comum**.

A **Justiça Especializada** é composta pela **Justiça do Trabalho, Justiça Eleitoral e Justiça Militar**.

A **Justiça Comum** é formada pela **Justiça Federal** e pela **Justiça Estadual.**

Como você faz para saber onde uma ação deve ser julgada?

Em primeiríssimo lugar, você deve ver se essa matéria pertence a algum dos **ramos da Justiça Especializada**, ou seja, Justiça do Trabalho, Justiça Eleitoral e Justiça Militar.

Se não fizer parte das atribuições da Justiça Especializada, quer dizer que ela pertence à **Justiça Comum**. Aí você deve ver se é matéria de competência da Justiça Federal, e, se não for, vai

Licensed to Josue Jair de Souza Santana - josuekaic@gmail.com - 065.342.325-02

para a Estadual.

Aqui muita gente faz confusão, porque pensa o seguinte: "*como a Justiça Federal faz parte do Poder Judiciário da União, ela deve ser parte da Justiça Especializada".* Mas não, a Justiça Federal é considerada Justiça Comum!

Dentro do Poder Judiciário da União nós temos 4 ramos: Trabalhista, Eleitoral, Militar e Federal. Os três primeiros pertencem à Justiça Especializada, enquanto a Justiça Federal é comum.

A Justiça Estadual também é comum.

Neste capítulo, como você pode perceber, eu trouxe o máximo de informações possível para que você compreenda a divisão entre os ramos do Poder Judiciário.

Você está à frente da maioria da população, que não faz a menor ideia de tudo que você acabou de aprender.

Para saber ainda mais a respeito do Poder Judiciário, recomendo assistir às aulas do curso **Primeiros Passos no Direito.**

No próximo capítulo, vou falar sobre Tribunais de 2ª instância e Tribunais Superiores.

Licensed to Josue Jair de Souza Santana - josuekaic@gmail.com - 065.342.325-02

Tribunais de 2ª instância e Tribunais Superiores

Todos os dias são veiculadas diversas notícias sobre as decisões proferidas pelos nossos tribunais e hoje você vai começar a entender qual é a função de cada um deles.

Nesse capítulo, vou dar uma atenção especial ao **Supremo Tribunal Federal (STF)**, já que é o tribunal mais importante do nosso país e é o que desperta maior curiosidade nas pessoas.

Antes de mais nada, uma pergunta: **por que existem os tribunais?**

Afinal, se um juiz já analisou aquela causa, por que enviar para um tribunal?

Um dos grandes princípios que rege o nosso direito é o do **duplo grau de jurisdição**. Esse princípio garante que a sentença dada pelo juiz de primeira instância seja reanalisada por uma instância superior, se a parte quiser entrar com um recurso.

Então em todos os ramos do judiciário existe a possibilidade de recorrer, **pelo menos uma vez.**

Em algumas situações específicas, após o julgamento pela 2ª instância, é possível recorrer para a 3ª instância, que seriam os Tribunais Superiores. **Mas não é sempre.**

Guarde bem isso: **somente em alguns casos o processo poderá ser levado até os Tribunais Superiores.**

Licensed to Josue Jair de Souza Santana - josuekaic@gmail.com - 065.342.325-02

Vou começar falando sobre os **tribunais de 2ª instância** (ou 2º grau).

A principal função desses Tribunais é a de analisar os **recursos** que são interpostos contra as sentenças proferidas pelos juízes da primeira instância.

Mas existem alguns casos bem específicos em que o processo vai direto pro Tribunal, sem passar pelo 1º grau.

Os magistrados que atuam nos tribunais de 2ª instância têm um nome específico, eles não são denominados juízes, e sim **desembargadores**.

Em geral o desembargador **não analisa o processo sozinho**. As decisões tomadas nos Tribunais são decisões colegiadas, ou seja, em **conjunto**. Dentro do tribunal existem **turmas** (3 membros) e **câmaras** (5 membros).

Cada ramo do Judiciário possui um tribunal diferente.

Os tribunais de **segundo grau** são o **Tribunal Regional do Trabalho, Tribunal Regional Eleitoral, Tribunal de Justiça Militar, Tribunal Regional Federal e Tribunal de Justiça**. Daqui a pouco nós vamos ver um pouquinho sobre cada tribunal.

E os **tribunais superiores?**

Os tribunais superiores são o **Tribunal Superior do Trabalho, o Tribunal Superior Eleitoral, o Superior Tribunal Militar, o Superior Tribunal de Justiça e o Supremo Tribunal Federal.**

Licensed to Josue Jair de Souza Santana - josuekaic@gmail.com - 065.342.325-02

Em geral, os tribunais superiores são a **última instância recursal do Poder Judiciário,** ou seja, eles analisam recursos das decisões tomadas pelos tribunais do segundo grau.

Mas existem situações em que o processo vai **direto** para os tribunais superiores, sem passar pelo segundo grau, e às vezes, sem passar nem pelo primeiro.

Pode acontecer de um processo nascer direto no STF?

Sim, a Constituição traz essa possibilidade, em alguns casos bem específicos.

Exemplo: compete ao STF julgar a Ação Direta de Inconstitucionalidade de lei federal, entre outros.

Os tribunais superiores ficam todos sediados em **Brasília** e os magistrados que atuam nesses tribunais são chamados de **ministros**.

Um dado importante: todos os ministros dos Tribunais Superiores são **nomeados pelo Presidente da República**, depois de aprovados pelo **Senado Federal.** Você só pode virar ministro de um tribunal superior se o Senado te aprovar e o Presidente te nomear.

Agora vamos entender a **estrutura dos tribunais** dentro de cada ramo do Judiciário.

Justiça do Trabalho: o tribunal de segunda instância é o Tribunal Regional do Trabalho (TRT). Existem 24 TRTs espalhados pelo país.

Licensed to Josue Jair de Souza Santana - josuekaic@gmail.com - 065.342.325-02

Em algumas localidades, o TRT abrange **mais de um estado.**

Por exemplo, o TRT da 8ª Região contempla os estados do Pará e do Amapá.

Já o estado de São Paulo conta com 2 TRTs, um na capital e outro em Campinas.

Em alguns casos, das decisões do TRT cabe recurso para o **Tribunal Superior do Trabalho (TST)**. Como eu já mencionei, não é sempre que vai ser possível recorrer ao tribunal superior.

O TST é formado por **27 ministros.**

E das decisões do TST, cabe algum recurso?

Sim. Se houver uma afronta à Constituição, é possível entrar com Recurso Extraordinário para ser julgado pelo **STF**. Mas são casos **muito raros.**

Hora de falar sobre a **Justiça Eleitoral**.

O tribunal de segunda instância da esfera eleitoral é o **Tribunal Regional Eleitoral, (TRE).** Cada estado conta com um TRE.

Em algumas situações, das decisões do TRE cabe recurso para o **Tribunal Superior Eleitoral (TSE)**.

Aqui também vale aquilo que eu disse agora há pouco: se houver afronta à Constituição, é possível entrar com Recurso Extraordinário no STF.

Licensed to Josue Jair de Souza Santana - josuekaic@gmail.com - 065.342.325-02

Tanto o TRE quanto o TSE são compostos por **7 membros**.

São 7 desembargadores no TRE e 7 ministros no TSE.

Algo interessante a respeito do TRE e do TSE é que os seus membros têm mandatos de dois anos, ou seja, um **biênio**. Depois desses 2 anos, serão escolhidos **outros membros**. Mais para frente eles até podem voltar, mas é importante que haja esse revezamento.

O que não é possível é ser membro de tribunal eleitoral por mais de 2 biênios consecutivos. Isso a Constituição proíbe. Cada ministro do TSE ou desembargador do TRE pode ficar **no máximo 4 anos seguidos nesse cargo**, e depois deve ser substituído por outro ministro.

Isso é algo bem peculiar da **Justiça Eleitoral**. O objetivo é fazer com que os magistrados dessa esfera sejam pessoas **isentas**. Por esse motivo, existe um **rodízio**.

Nos outros tribunais, não há essa rotatividade. Os ministros e desembargadores são nomeados e ficam por vários anos.

E a Justiça Militar?

A Justiça Militar tem alguns detalhes bem específicos.

Primeiro a gente precisa lembrar que existe a Justiça Militar da **União** e dos **Estados**.

No âmbito da **Justiça Militar da União**, os recursos vão para o **Superior Tribunal Militar (STM).** O STM é composto por **15**

Licensed to Josue Jair de Souza Santana - josuekaic@gmail.com - 065.342.325-02

ministros.

Observação: **na Justiça Militar da União não existem três instâncias**, como nos outros tribunais.

Os recursos das decisões da primeira instância vão para o STM, **e só.**

Depois disso, eles podem ser revistos apenas pelo STF se houver afronta à Constituição.

O que, como eu já comentei, é muito raro...

Dentro da Justiça Militar dos Estados, a estrutura é um pouco diferente. A criação de um Tribunal de Justiça Militar (TJM) só é possível se o estado possuir um efetivo superior a **20 mil integrantes das forças militares estaduais**, dentre Polícia Militar e Corpo de Bombeiros Militar.

Nos estados em que não há Tribunal de Justiça Militar, os recursos vão para o **Tribunal de Justiça**, que é o tribunal de segunda instância da Justiça Estadual.

Atualmente, apenas 3 estados contam com Tribunal de Justiça Militar, que são Minas Gerais, São Paulo e Rio Grande do Sul.

Das decisões do Tribunal de Justiça Militar cabe recurso para o Superior Tribunal de Justiça (STJ).

Pergunta: os recursos das decisões do Tribunal de Justiça Militar não deveriam ir para o Superior Tribunal Militar?

Não, porque o Superior Tribunal Militar só julga recursos no

Licensed to Josue Jair de Souza Santana - iosuekaic@gmail.com - 065.342.325-02

âmbito da **Justiça Militar da União**, que são aqueles crimes que envolvem as **Forças Armadas,** ou seja, **Marinha, Exército e Aeronáutica**.

Já o **Tribunal de Justiça Militar** julga recursos relacionados à Justiça Militar dos Estados, que é quando o crime diz respeito a membros da **Polícia Militar** e do **Corpo de Bombeiros Militar.**

Agora vamos falar sobre a **Justiça Federal.** Dentro da Justiça Federal, o tribunal de segunda instância é o **Tribunal Regional Federal** (TRF).

O TRF é composto por no mínimo **7 membros.**

Existem 5 TRFs, sendo que cada um engloba alguns estados.

Daí talvez você pense: "***Ah, são 5 TRFs, então cada TRF corresponde a uma região do país"***.

Na verdade, **não existe essa relação.**

Por exemplo: no TRF da terceira região estão somente os estados de São Paulo e Mato Grosso do Sul.

Já o TRF da primeira região abrange 13 estados...

Em alguns casos, das decisões do TRF cabe **Recurso Especial** para o **Superior Tribunal de Justiça (STJ).**

E, se houver uma afronta à Constituição, é possível entrar com **Recurso Extraordinário** para ser julgado pelo **Supremo Tribunal Federal (STF)**.

Licensed to Josue Jair de Souza Santana - iosuekaic@gmail.com - 065.342.325-02

Chegou a vez da Justiça Estadual. O tribunal de segunda instância da esfera estadual é o **Tribunal de Justiça (TJ).**

Cada estado conta com um Tribunal de Justiça. Em algumas situações, das decisões do TJ cabe Recurso Especial para o **Superior Tribunal de Justiça (STJ)**. E se houver afronta à Constituição, você já sabe: Recurso Extraordinário no **Supremo Tribunal Federal (STF)**.

Sobre o **Superior Tribunal de Justiça (STJ)**, é importante destacar o seguinte:

O STJ é composto por 33 ministros e tem como **principal função** a de tentar **uniformizar a interpretação da lei federal** em todo o Brasil.

O STJ pode analisar as decisões oriundas de três tribunais:

- Tribunal Regional Federal
- Tribunal de Justiça
- Tribunal de Justiça Militar (nos estados em que esse existir).

O STJ resolve, em última instância, os casos civis e criminais que **não envolvam matéria constitucional e nem a justiça especializada.**

Se for matéria constitucional, a análise cabe ao **Supremo Tribunal Federal (STF)**.

E se for da justiça especializada, quem vai decidir em última

Licensed to Josue Jair de Souza Santana - josuekaic@gmail.com - 065.342.325-02

instância vai ser o **Tribunal Superior do Trabalho (TST)**, o **Tribunal Superior Eleitoral (TSE)** ou o **Superior Tribunal Militar (STM)**, dependendo de cada caso.

Vale lembrar, mais uma vez, que os recursos só chegam nos tribunais superiores em algumas **hipóteses bem específicas**. Não é qualquer caso que pode ser discutido no STJ.

Por fim, é hora de falar sobre o **Supremo Tribunal Federal (STF).**

O STF é composto por **11 ministros**. Como já mencionei, os ministros dos Tribunais Superiores são indicados pelo **Presidente da República** e aprovados pelo **Senado Federal**. O Presidente indica e o Senado aprova, e isso também acontece com os ministros do STF.

O Supremo é considerado a **corte máxima do Judiciário**. Ele está no **topo** de todos os tribunais.

Quais são os **requisitos** para ser **ministro do Supremo?**

- Você deve ser brasileiro **nato**, ou seja, não pode ser naturalizado.
- Precisa ser um **cidadão**, o que significa que deve estar no **pleno gozo dos seus direitos políticos**.
- Deve ter **notável saber jurídico e reputação ilibada**.
- É necessário que tenha mais de 35 e menos de 65 anos de idade.

Licensed to Josue Jair de Souza Santana - iosuekaic@gmail.com - 065.342.325-02

O STF tem como **função principal** a de **zelar pelo cumprimento da Constituição Federal**, e, por isso, é considerado uma **instância extraordinária**.

Das decisões tomadas pelo STF **não cabe recurso a nenhum outro órgão.**

Mas, como eu já disse, não é bem assim para um processo chegar no STF...

A Constituição prevê quais são as hipóteses em que o STF pode julgar um processo.

Existem situações em que o processo chega no STF através de um recurso e também há casos em que o processo já nasce no Supremo.

Quando um processo já nasce no STF, nós dizemos que ele tem ***competência originária***.

Quando ele chega lá através de recurso, é uma ***competência recursal.***

No Supremo, o recurso mais importante se chama **Recurso Extraordinário.** Vou falar um pouco sobre esse recurso.

Para o STF analisar um recurso extraordinário, deve haver **ofensa à Constituição**, só que tem um detalhe: essa agressão deve ser **direta** e não meramente **reflexa**.

Por que eu estou dizendo isso?

Porque muitas vezes a parte tenta fazer o seguinte raciocínio:

Licensed to Josue Jair de Souza Santana - josuekaic@gmail.com - 065.342.325-02

ela diz que uma lei foi violada pela parte contrária e ai, como consequência, houve uma ofensa à Constituição...

Contudo, para o recurso ser analisado pelo STF, essa ***agressão indireta*** à Constituição **não é suficiente**.

Além disso, para a análise de um recurso extraordinário deve ser cumprido um requisito chamado **Repercussão Geral**. Esse requisito **evita** que o Supremo julgue questões **muito particulares**, que não sejam do interesse das pessoas como um todo.

Entende-se que, para que um processo seja analisado pelo STF, ele deve ter repercussão geral, ou seja, ele deve ter **relevância para a sociedade**.

Por todos esses motivos, não é bem assim para um recurso extraordinário ser julgado pelo STF. É algo raro de acontecer.

A ideia desse capítulo foi a de trazer os pontos principais sobre cada Tribunal. Como você deve ter percebido, o conteúdo é bastante vasto, de modo que seria impossível explicar tudo.

Para aqueles que pretendem compreender mais acerca do assunto, indico assistir às aulas do curso **Primeiros Passos no Direito,** uma vez que alguns pontos que são abordados de forma mais aprofundada ao longo das aulas.

Licensed to Josue Jair de Souza Santana - josuekaic@gmail.com - 065.342.325-02

Conclusão

Entender o Direito é fundamental para que se possa viver em sociedade exercendo a plena cidadania. Afinal, como se considerar realmente um **cidadão** se você não faz ideia da estrutura jurídica em que está inserido?

Eu acredito que todos deveriam conhecer mais o Direito. Este deveria ser um assunto ensinado até mesmo em **escolas**. Um mundo de indivíduos conscientes de seus direitos e deveres é, certamente, um lugar muito melhor de se viver.

A forma que encontrei para levar o Direito mais longe foi através de meus conteúdos. Eu quero que **milhões** de brasileiros tenham noções jurídicas.

Escrevi esse livro da forma mais didática possível, para que ele seja facilmente compreendido. Todavia, tenho certeza de que nem todos chegaram até aqui. Muitos adquiriram o livro com a ilusão de que a simples aquisição faria alguma diferença. Você foi até o fim. **Meus parabéns!**

Acredite nisso: **você é diferente.** Enquanto a esmagadora maioria das pessoas está agora, nesse exato momento, fazendo coisas que não acrescentam absolutamente nada em suas vidas, **você tomou a decisão de começar a aprender de verdade o Direito**, através do meu ebook.

Você tem consciência de que, agora, você faz parte de um **seleto grupo de pessoas** que pode dizer que tem algum conhe-

Licensed to Josue Jair de Souza Santana - josuekaic@gmail.com - 065.342.325-02

cimento jurídico? Você está consciente de que isso te torna **diferente da grande massa?**

Você mostrou que faz parte de uma pequena parcela dos brasileiros que **quer de verdade se desenvolver**, e não só da boca pra fora. Todo mundo diz que quer evoluir, mas poucos colocam isso em prática... ***e é a atitude que pode levar você mais longe.***

Como você deve ter percebido, há muita coisa a ser pensada a respeito do Direito. Esta é uma área extremamente **ampla** e que se renova a cada dia.

Embora eu tenha trazido o que considero o mais importante para começar a compreender o meio jurídico, o fato é que o Direito é de uma vastidão quase ***infinita***.

Se você quiser continuar sua jornada no Direito, recomendo o seguinte:

- Se você gostou do meu jeito de explicar os assuntos, entre no meu canal no **Telegram**, para ter acesso a conteúdos exclusivos **(http://t.me/cintiabrunelli).**
- Siga-me no Instagram **(instagram.com/me.julga)** e no Youtube **(youtube.com/jusjuridiques)**. Esses são os canais em que mais publico.
- Para conhecer todos os detalhes do **Primeiros Passos no Direito,** visite o site: **cintiabrunelli.com.br/direito**

Licensed to Josue Jair de Souza Santana - josuekaic@gmail.com - 065.342.325-02

Por fim, diga o que você achou do livro. Você o compreendeu bem? Foi fácil de entender? Você acha que faltou algum assunto? Quer dar alguma sugestão? Você pode me mandar **um direct no Instagram** *(eu adoro receber directs!)* ou enviar uma mensagem para o email **contato@cintiabrunelli.com.br**.

Acima de tudo, obrigada por ter lido. Você fez parte da minha história, assim como eu, agora, faço parte da sua.

Você é uma pessoa inteligente, o que me deixa muito feliz. Não sei se já começou a perceber como é incrível ser dono desse poder.

Desejo a você todo o sucesso do mundo.

Licensed to Josue Jair de Souza Santana - iosuekaic@gmail.com - 065.342.325-02